



QUEM APOSTA NA SOJA?

— Página 9 —

Enquadramento:

**EMPREGADOR
É QUEM TEM
EMPREGADO**

— Última página —

Trigo:

**AZAR
EM CIMA
DE AZAR**

— Página 16 —

Previdência:

**O COLONO
ÀS VOLTAS
COM A SAÚDE**

— Página 5 —

COOPERATIVA REGIONAL
TRITÍCOLA SERRANA LTDA.



Rua das Chácaras, esquina
Porto Alegre - Caixa Postal 111
IJUÍ - RS
GERAL - PABX 332-1549

CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRA Nº 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO

Diretoria Executiva

Presidente:

Ruben Ilgenfritz da Silva

Vice-Presidente:

Arnaldo Oscar Drews

Superintendente:

Clóvis Adriano Farina

Diretores Contratados:

Euclides Casagrande, Nedy Rodrigues
Borges, Nelcy Rospide Nunes, Oswal-
do Olmiro Meotti, Werner Ervin Wag-
ner, Eduardo Augusto de Menezes,
Valdir Zardin, Rui Polidoro Pinto,
Luis Régis do Amaral, Bruno Eisele e
Walter Soliman Duarte.

Conselheiros (Efetivos):

Bruno Eisele, Alberto Sabo, Erni
Schünemann, Egon Eickhoff, Telmo
Rovero Roos, Joaquim Stefanello.

Conselheiros (Suplentes):

Alfredo Driemeyer, Reinholdo Luiz
Kommers, Ido Marx Weiller, João
Telló, Arnaldo Hermann, José Carlos
Vione.

Conselho Fiscal (Efetivos):

Dari Bandeira, Antoninho Boiarski
Lopes, Alevino Righi.

Conselho Fiscal (Suplentes):

Leonides Dallabrida, Alvaro Darci
Bernardi Contri, Eloy Milton Frantz.

Capacidade em Armazenagem:

IJUÍ (Sede)	164.000 t
Ajuricaba	33.000 t
Augusto Pestana	33.000 t
Chiapetta	60.000 t
Cel. Bicaco	40.000 t
Sto. Augusto	77.000 t
Tenente Portela	60.800 t
Vila Jóia	67.000 t
Esq. Umbú (Sto. Aug.)	50.000 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito	48.000 t
Maracajú	84.000 t
Sidrolândia	12.000 t
Rio Brilhante	12.000 t
Dourados	60.000 t



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigida ao qua-
dro social, autoridades, universidades
e técnicos do setor, no país e exterior.
Nossa tiragem, 17.500 exemplares.

Associado
da ABERJE



Associado da

AJOCOOP
Associação dos Jornalistas e Revistas de Cooperativas

Registrado no Cartório de Títulos e
Documentos do município de Ijuí,
sob n. 9. Certificado de marca de
propriedade industrial M/C11 n.
022.775 de 13.11.1973 e figurativa
M/C11 n. 022.776, de 13.11.1973.

REDAÇÃO

Christina Brentano de Moraes
Marlene François Motta

Composto no Jornal da Manhã, Ijuí, e
impresso no Jornal do Comércio,
Porto Alegre.

Outubro/79

É ou não é ainda negócio plantar soja? Pensando nas duas safras frustradas que todos ainda temos bem claras na lembrança, seria quase de dizer que a soja não é mais a mesma de antigamente. E realmente não é. Hoje não se admite mais — mesmo que ainda seja uma realidade — a extrema dependência econômica criada pela soja. Ela não só se tornou a principal fonte de receitas para os agricultores como também do próprio Estado. Em termos de Brasil, só a exportação de café trouxe mais dinheiro para o Brasil, nos últimos anos, do que a de soja.

Esta é uma coisa estranha. Se a soja tivesse sido aproveitada no Brasil como alimento da população no lugar de ser vendida para o exterior onde é aproveitada para a ração animal, o brasileiro poderia estar muito melhor alimentado. Mas também, se a soja fosse produzida para o consumo interno, também não teria recebido todos os incentivos que recebeu. É só ver o exemplo do milho, do feijão, da batata . . . produtos que acabaram cedendo sua área de plantio exatamente para a soja.

Pois são exatamente estes incentivos, tanto de crédito como de preço que ainda tornam a soja um bom negócio. Os riscos? O de frustrar a safra ou de dar uma reviravolta no mundo, onde a soja é a mais importante oleaginosa produzida. Isso sem contar a facilidade de se acostumar mal com a lavoura de soja, chamada também de lavoura de preguiçoso. A soja provocou uma rápida e violenta mecanização da lavoura, mesmo em áreas em que os produtores, pelo tamanho de sua propriedade, não necessitariam de máquinas e nem apresentavam condições de suportar o endividamento que elas trouxeram.

Deixar de plantar soja, atualmente, é muito difícil. Toda estrutura de produção está voltada para ela. A política econômica incentiva muito mais as culturas de exportação do que a produção para o consumo interno. No Mato Grosso, por exemplo, a soja está sendo chamada até de "petróleo verde" e deve sofrer uma expansão violenta, tanto em área como em produção, nos próximos anos. Será errado?

Se a soja está ainda fadada a ser a mais importante

lavoura do Rio Grande e se aprontando para a situação igual no Mato Grosso, o mínimo que se pode fazer é plantar adequadamente, preparar o solo evitando a erosão, seguindo as orientações técnicas e torcendo para que o tempo ajude. Além, é óbvio, de se prevenir, planejando de tudo um pouco. Se a safra for boa já dará para equilibrar de alguma forma todas as dívidas que estão pesando em nossas costas, pois as perspectivas para a comercialização até que são otimistas para o próximo ano. Veja a partir da página 9.

§ § § § § § § §

Em tempo de tanto azar, garantir que a safra será boa é o mesmo que chamar frustração. Pois foi bem isso o que aconteceu novamente com o trigo. A área de plantio cresceu consideravelmente em relação ao ano passado, quando a safra até mesmo pode ser considerada boa. Este ano o desastre é inegável. Calculando por cima, foi perdida 50 por cento da lavoura com a geada e a chuva que castigou o trigo do Rio Grande do Sul. No Mato Grosso, onde se colhe mais cedo, não foi muito diferente, mas não chegou a ser tão ruim. E isto que todo mundo esperava colher trigo para abarrotar armazéns. A situação das lavouras está na página 16.

§ § § § § § § §

Uma pequena mudança na lei representa uma vitória parcial dos agricultores. Mudou o enquadramento previdenciário: agora só é empregador quem realmente trabalha com empregados, desvinculando completamente o módulo desta definição. Com a alteração caiu também de vez a circular 113, que tornava o filho maior de 18 anos empregado do próprio pai quando o regime de exploração da terra era de economia familiar.

Em alguma coisa já resolveu aquele abaixo assinado que correu pela colônia no início do ano, pedindo uma alteração do enquadramento, tanto previdenciário como sindical. A mobilização mostrou seu resultado, mesmo que as reivindicações não tenham sido obtidas na íntegra. E por que será que isto não aconteceu? Na última página.

Foto da capa: Jornal "O Interior"

Do leitor

ANUNCIAR OU NÃO?

Por trabalhar numa firma onde chega o Cotrijornal, leio-o sempre, ávido pelos artigos nele inseridos e que são muito bem colocados, tendo uma utilidade, pode-se dizer, para quem se interessa pela agricultura nacional.

Outrossim, quero fazer uma reclamação que julgo procedente. Ocorre que está meio mundo empenhado em combater poluição, problemas de meio ambiente, etc. e os jornais do centro do país têm se esmerado em combater as multinacionais do veneno, essas firmas que estão enchendo o nosso Brasil de veneno para "matar pragas da lavoura" mas que estão acabando com a paz na terra e vão dizimar a humanidade caso não haja um PARE total. Está aí saltando aos nossos olhos o problema todo e enquanto isso o COTRIJORNAL, um órgão justamente para o agricultor, um órgão advindo duma cooperativa como a Cotrijuí, está colaborando com as multinacionais, inserindo anúncios de todo tipo e tamanho, de herbicidas, venenos, etc. Acho isso o fim da picada. Enchem o agricultor de veneno e a terra vai se contaminando interminavelmente. O Cotrijornal deve pensar nesse ponto de vista e ser mais consciente.

Cordialmente,
J. A. Figueiredo
Porto Alegre

NR: aceitar ou não aceitar anúncios no Cotrijornal? Esta é uma questão debatida em todos os encontros de avaliação que

sofre o jornal a cada mês. Em volta de uma mesma mesa se reúne o pessoal responsável por sua elaboração, agricultores, técnicos e administradores da Cooperativa para discutir a qualidade do jornal que estamos fazendo para os associados, definindo seu conteúdo, linguagem, função . . . Por que aceitar anúncios, tanto faz se de defensivos, máquinas, implementos etc? Para reduzir o custo do jornal, que é distribuído gratuitamente entre os associados que, na verdade, estão indiretamente pagando por ele. Se não veiculássemos anúncios, seria muito difícil que 2.397 leitores não associados da Cooperativa, como é o caso de J. A. Figueiredo, recebessem todo mês o Cotrijornal em sua casa completamente de graça, como uma cortesia dos associados da Cotrijuí. Estes anúncios cobrem o custo industrial do Cotrijornal (de gráfica, fotolitos, impressão, fotografias), que é bastante elevado. E por que não anunciar defensivos, se na verdade o agricultor acaba comprando estes produtos para aplicar nas suas lavouras? Nós não podemos simplesmente esquecer que eles existem e custam caro. Anunciando ou não anunciando no Cotrijornal, o defensivo não custará mais barato para os agricultores, e nem deixará de ser utilizado.

Agora, se os leitores repararem, ao lado de muitos anúncios, na mesma página, nós fizemos um lembrete: os defensivos são tóxicos e podem matar não só os insetos como também o homem que os aplica. E mais um detalhe: o Cotrijornal

só publica anúncios dos defensivos que os próprios agrônomos recomendam. Os produtos vetados pelo receituário agrônomico também são vetados no Cotrijornal.

DE ASSOCIADOS

Tivemos a oportunidade de observar o nº 66 do Cotrijornal, queremos cumprimentá-los pelo magnífico conteúdo e informações que são úteis à quem se dedica às atividades agrícolas e pecuária. Na qualidade de associados da Cotrijuí, solicitamos a gentileza dos Senhores, nos remeter um exemplar do Cotrijornal.

Atenciosamente
AGRO PECUÁRIA SLC LTDA
João Paulo Torunski
Supervisor

SEM DEMAGOGIA

Estou em mãos com o nº 66 do Cotrijornal e apreciei muito a matéria "Problemas da Cooperativa". Uma análise de base e sem demagogia. Como pastor da Igreja Evangélica aqui de Santo Ângelo descobri a importância dessas informações extraídas de quem lida diretamente com os problemas agrários. Desta forma quero parabenizar tais reportagens e a iniciativa desta redação. Tenho recebido o Cotrijornal apenas através de amigos e gostaria de recebê-lo mais vezes. Envio meu endereço e do meu colega pastor que atua também aqui na Paróquia Evangélica. Agradeço a atenção.

Pastor Arnoldo Maedche
Santo Ângelo



COTRIJORNAL

Página 2

A VEZ DA CARNE

*Está para surgir uma nova Cooperativa Central,
como já existe no leite, na telefonia rural e no malte.
Agora é a vez da carne.*

Muito agricultor já perguntou: por que a Cooperativa não compra o porco que a gente cria? Ou os ternos que se engorda? É, ela não recebe na região pioneira nada disso. Nem no Mato Grosso. Só em Dom Pedrito ela está organizada para receber e abater, tanto o boi como a ovelha criada por seus associados. Mas em Dom Pedrito existe uma instalação industrial específica para isso, o que permite (mesmo que a capacidade ociosa seja uma realidade, pois são abatidos menos animais do que os equipamentos possibilitam) também a execução desta atividade.

Pois agora o recebimento do porco, da galinha e até, mais tarde, do peixe, produzido pelos associados da Cotrijuí em toda Região Pioneira, não é uma intenção que talvez só se concretize no futuro. É que já está definida, e com todos detalhes praticamente acertados, a criação de uma Cooperativa Central Gaúcha de Carnes, seguindo o mesmo esquema que já se mostrou positivo no caso do leite, desde que foi criada, há três anos, a Cooperativa Central Gaúcha de Leite.

Duas Cooperativas que já mantêm frigorífico (a Cotrijuí e a Castilhense de Carnes e Derivados, de Júlio de Castilhos) se uniram a 10 outras cooperativas que vinham operando basicamente apenas com a produção de soja e trigo de seus associados: a Cotrisa, de Santo Angelo; Cotricruz, de Cruz Alta; Cotribá, de Ibirubá; Cotrisabal, de Santa Bárbara do Sul, Cotripal, de Panambi; Cotrisel, de São Sepé; Cotrisal, de São Borja; Santiaguense, de Santiago, Coop. Triticola de Júlio de Castilhos; Coop. Agrária, de São José Ltda. de Jaguarí.

IDÉIA ANTIGA

Esta Central terá como sede industrial inicialmente a Castilhense, que mantém uma das maiores e melhores instalações frigoríficas de todo Estado. O projeto da Central prevê inclusive a implantação de uma cozinha industrial que permitirá a produção de carnes enlatadas. A sede administrativa será em Porto Alegre, como acontece com a CCGL.

A idéia da Central não é coisa nova. Já faz algum tempo que tanto a Castilhense como a Cotrijuí vem pensando no assunto. A primeira buscando não apenas aproveitar sua



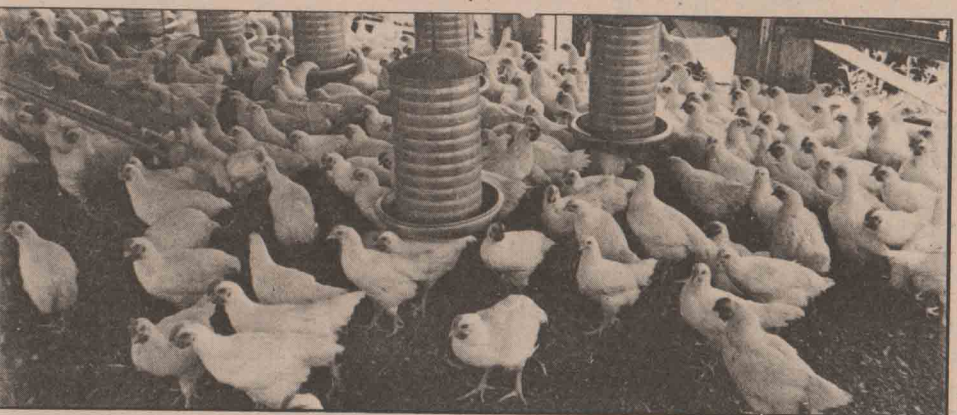
Uma garantia de recebimento do boi ...



... da ovelha ...



... do porco ...



... e até mesmo, mais tarde, da galinha e do peixe.

capacidade de abate de bovinos, como também se equipar para o abate de suínos. A segunda preocupada exatamente com o abate de suínos na sua área de ação, onde a suinocultura vem sendo incrementada através dos programas de diversificação sem que exista um estabelecimento capaz de receber e industrializar esta produção. Uma preocupação semelhante também já existia nas outras cooperativas de produção, que ainda não têm uma participação ativa na pecuária, mas estão prestando assistência aos

produtores.

Dois encontros, que reuniram presidentes e representantes das cooperativas interessadas na criação da CCGC, já aconteceram lá em Júlio de Castilhos. O primeiro no início de agosto e o outro em setembro. Ali ficou bem justificada a iniciativa das cooperativas, destacando-se a viabilidade da consorciação da lavoura com a pecuária. Nas pequenas propriedades é possível usar os resíduos para alimentar os animais, adotando nas áreas maiores um sistema de rotação.

UMA SOLUÇÃO

Só que sozinhas, nenhuma das Cooperativas poderia levar para a frente este trabalho, mesmo aquelas que já estão atuando na pecuária, pois elas não abatem números expressivos de animais. É que a safra se concentra em alguns poucos meses do ano. É por esta razão que, em princípio, apenas as instalações da Cooperativa Castilhense é que serão ocupadas pela Central, isto em regime de comodato (concessão de uso). Quando sua capacidade de abate for completada com os animais entregues pelos associados de todas cooperativas associadas, é que entrará em funcionamento o frigorífico da Cotrijuí, em Dom Pedrito. A escolha da Castilhense, se deve não apenas a qualidade de suas instalações como também por sua localização, um ponto privilegiado em relação a todas cooperativas a ela vinculadas.

Se fosse necessário construir um frigorífico para então criar esta Central, o projeto nem sairia do papel. É que hoje a capacidade instalada das indústrias que atuam nesta área é de 2 milhões de cabeças de bovinos por ano, enquanto o abate realmente registrado chega apenas a um milhão e 200 mil reses apenas. E quem é que perde com isso? O produtor, pois os custos de industrialização não diminuem na mesma proporção em que é reduzido o número de animais abatidos. Acontece exatamente o contrário, pois os custos são fixos (empregados, conservação de prédio, equipamentos etc), enquanto as receitas obtidas com a comercialização dos produtos é menor.

Abatendo e industrializando apenas 30 por cento do gado bovino abatido anualmente na área de ação das 10 cooperativas que participaram do primeiro encontro, já seria o suficiente para preencher a capacidade tanto da Castilhense como da Cotrijuí. Isso sem contar os suínos e aves. A Central, que deve entrar em operação no mês de janeiro do próximo ano, pode ser uma solução para toda economia regional, que vem de frustrações sucessivas na lavoura, servindo de apoio para os programas de diversificação de culturas que vem sendo supervisionados pelas cooperativas de produção.

UM INCENTIVO À PECUÁRIA



A qualidade nos animais assegura a sua valorização.

A Montedison entra em campo com a sua linha de ataque.

Rogor

Inseticida fosforado sistêmico de baixa toxicidade.

Cidial

Inseticida fosforado de contato e ingestão de baixa toxicidade.

Rogodial / Rogofene

Inseticidas co-formulados destinados ao combate de insetos sugadores e mastigadores.

Em defesa do agricultor brasileiro, a Montedison apresenta a sua linha de ataque: Rogor, Cidial, Rogodial e Rogofene.

Quatro eficientes inseticidas que acabam com os adversários do campo, em dois tempos.

Desenvolvidos por quem é técnico no assunto, alcançam excelentes resultados para as suas plantações.

E o resultado final é aquela renda após cada colheita.

Para maiores esclarecimentos, consulte a Montedison ou o Departamento Técnico da sua Cooperativa.

MONTEDISON DO BRASIL LTOA

Montedison Divisão Agrícola
Av. República do Líbano, 1.921 - São Paulo - SP
Fones: 70-4016, 549-9333. Telex 011-22731
Av. Vereador José Diniz, 3.465 - Fone: 240-6411

Colucci & Associados

Começou dia 10 de outubro, em Dom Pedrito, o III Concurso de Novilho Precoce do Rio Grande do Sul, organizado e executado pela Cotrijuí. Sua abertura estava inicialmente prevista para o dia 8, mas foi retardada em virtude das chuvas do início do mês.

Como aconteceu em 1977 e 1978, o concurso procura apoiar os esforços que vêm sendo desenvolvidos pelos poderes públicos e pela classe pecuarista no sentido de racionalizar e ativar a pecuária bovina de corte. Através desses concursos a Cooperativa visa ainda respaldar os produtores de novilho precoce no sentido de que a comercialização futura da carne se processe sob as normas que indiquem sua qualidade e tipo, assegurando a sua específica valorização.

Segundo o veterinário Valdir Groff, da Cotrijuí, o objetivo principal da promoção é obter subsídios para levar aos produtores uma segura e adequada orientação no que se refere ao melhor tipo zootécnico de novilho a produzir, "porque não existe uma sequência de dados no Estado, que permita a avaliação de carcaças". Valdir considera que foram muito positivos os resultados dos dois primeiros concursos, principalmente nesse sentido:

— "A partir daí, quando orientamos alguém para comprar terneiros, temos reais subsídios. A realização desses concursos em Dom Pedrito nos abriu perspectivas para fazer as experiências no Centro de Treinamento da Cotrijuí".

Com a participação de 12 criadores, sendo 10 deles associados da Cotrijuí, o concurso contou ao todo com 135 novilhos, que vieram de Santo Augusto, Ajuricaba, Augusto Pestana, Giruá, Dom Pedri-

to, São Borja, São Francisco de Assis, Piratini, São Gabriel, Júlio de Castilhos, Pejuçara e Livramento.

OS PRIMEIROS RESULTADOS

O julgamento dos animais em pé ocorreu dia 12, apresentando os seguintes resultados:

Lote Grande Campeão — lote nº 1, cruza Charolês x Aberdeen Angus; idade 2 dentes; peso médio, 584 quilos; proprietário Avelino Scarton de Augusto Pestana.

Lote reservado de Grande Campeão — lote nº 2, cruza Charolês; peso médio 546 quilos; proprietário Avelino Scarton de Augusto Pestana.

Prêmio individual — novilho Grande Campeão, lote nº 1; peso 630 quilos; proprietário Avelino Scarton.

Prêmio individual — novilho reservado de Grande Campeão, lote nº 2; peso 602 quilos; proprietário Avelino Scarton.

Melhor Lote Dente de Leite — cruza Zebu x Hereford; proprietário Luiz Pedro Albornoz, Livramento.

Melhor lote do concurso, conduzido exclusivamente em pastagem — lote nº 16 — Charolês; proprietário, Roberto Wairich Fernandes, Pejuçara.

A avaliação das carcaças e tabulação dos dados desenvolveu-se de 13 a 18. A divulgação dos resultados e entrega dos prêmios aos melhores exemplares estava prevista para o dia 20.

Para o julgamento, foram convidados os seguintes técnicos: agrônomo Mauro A. Lopes, veterinários José Luiz Nelson Costaguta e José Taltíbio Saldanha, da Secretaria de Agricultura do Estado, mais o representante da Cotrijuí, agrônomo Beckler Oliveira da Silva.

Os defensivos são venenos fortes. Busque a orientação de um técnico antes de aplicá-los.

UM DIREITO

Os agricultores e seus problemas de saúde.

Os problemas de atendimento médico e hospitalar aos trabalhadores rurais estão cada vez mais se agravando. Apesar da contribuição de 2,5 por cento sobre a produção que todo agricultor deve recolher ao Funrural — ajudando assim a manter os gabinetes dentários e os ambulatorios — o trabalhador rural enfrenta sérias dificuldades quando necessita de tratamento de saúde.

A situação é difícil em todos os cantos, como ficou comprovado durante a reunião das Comissões de Saúde dos municípios da área de atuação da Cooperativa na região Pioneira, que aconteceu no dia 9 de outubro. Estas comissões, que foram criadas há aproximadamente dois anos, são formadas pelos próprios agricultores, que discutem e tentam encaminhar e resolver os problemas de saúde enfrentados por suas comunidades. Na última reunião três situações mereceram destaque: as de Ijuí, Chiapetta e Miraguaí.

IJUÍ

Em Ijuí os médicos e o hospital deixaram de atender os casos de maior urgência para atender apenas os casos considerados de "urgência urgentíssima" dos pacientes do Funrural. O critério do que é "urgência urgentíssima" fica a cargo de dois médicos. O paciente não pode escolher o seu médico porque há uma relação de profissionais que atendem pelo Funrural.

O Sindicato de Trabalhadores Rurais e os médicos fizeram uma reunião, mas o problema não pode ser resolvido a nível local, pois os médicos explicam que esta situação é provocada pela insuficiência de verbas do Funrural. O Sindicato reivindica melhor atendimento, mas o Funrural não se manifesta.

Há casos de produtores que precisaram assinar notas promissórias e assumir um compromisso financeiro que, na maioria dos casos, não têm condições de pagar. Outros venderam juntas de bois para pagar a conta no Hospital.

CHIAPETTA

Um documento reunindo mais de 600 assinaturas em um município onde existem apenas 897 agricultores, que traz a reivindicação de um melhor atendimento médico hospitalar, não é o suficiente para



Os três casos mais graves foram analisados na reunião da Comissão de Saúde.

que a situação que ele denunciante ser resolvida? O documento, um abaixo assinado de agricultores de Chiapetta foi entregue em março para o Funrural, mas até agora, em muito pouco, a situação mudou.

No abaixo assinado não é feita crítica nenhuma ao hospital ou ao médico. Apenas o que se pede é um melhor atendimento médico, hospitalar, ambulatorial e farmacêutico; a designação de um outro médico para auxiliar o trabalho do profissional já estabelecido no município; aumento das verbas dos convênios do Funrural para o atendimento hospitalar e ambulatorial; fornecimento de remédio do CEME em maior quantidade; participação mais ativa do Sindicato, através de sua Comissão de Saúde, na solução dos problemas de saúde, da comunidade por ser de sua competência e direito, sem querer atingir ou melindrar quem quer que seja.

O Funrural chegou a enviar um representante para observar a situação de Chiapetta, decidindo anular provisoriamente o convênio de atendi-

mento médico e hospitalar com o hospital de Chiapetta. Só que a AMRIGS, Associação Médica do Rio Grande do Sul, que atua como interveniente (meio como fiscalizadora) dos convênios do Funrural com os médicos e hospitais, resolveu fazer uma proposta ao INAMPS (Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social), a quem o Funrural é vinculado: que aguardasse o resultado da investigação de "eventuais irregularidades" que tenham ocorrido na execução do convênio. Com isto, a situação de Chiapetta, continua basicamente igual, apesar do abaixo assinado que movimentou toda comunidade.

Tanto que no dia 8 de outubro aconteceu uma reunião no salão da Comunidade Evangélica, que teve a participação da diretoria do Sindicato de Trabalhadores Rurais, da Comissão de Saúde, de um representante da Arena e outro do MDB, de vereadores, do padre, do pastor e do prefeito. Ali eles discutiram e analisaram a situação do convênio do Fun-

rural, chegando às seguintes conclusões:

— Formação de uma comissão representativa, encarregada de acelerar e acompanhar mais de perto a situação que está se desenvolvendo, reforçando as reivindicações que constam do abaixo assinado.

MIRAGUAÍ

Em Miraguaí a situação é muito semelhante à de Chiapetta. Só que a movimentação dos agricultores começou alguns meses mais tarde. Durante uma assembléia do Sindicato, realizada no dia 14 de junho, vários associados se manifestaram contra o convênio existente entre o Funrural e o hospital do município, que não vem prestando uma assistência satisfatória. Desta assembléia participou inclusive um representante do Funrural, convidado especialmente para a ocasião, com a finalidade que esta entidade tivesse uma visão mais ampla e próxima do problema. Quase todo mundo queria falar, contar algum caso ocorrido. Até que foi decidida uma votação: unanimemente todos

pediram a transferência do convênio para o Hospital de Tenente Portela.

O convênio estava praticamente transferido depois de algum tempo. Só que devido a interferência da AMRIGS, tal como aconteceu em Chiapetta, tudo voltou à estaca zero, apesar da decisão tomada soberanamente numa assembléia, que não admitia mais a qualidade do atendimento prestado aos trabalhadores rurais de Miraguaí. O Sindicato está planejando convocar uma nova assembléia geral, com a presença novamente de um representante do Funrural, para analisar em conjunto com os associados que posição tomar.

DECISÕES

Como foi amplamente discutido na reunião da Comissão de Saúde, foi decidida uma viagem a Porto Alegre para entrar em contato com as autoridades, buscando uma definição para este problema enfrentado nas localidades do interior. O produtor rural, apesar de seu trabalho, da contribuição para o Funrural, dos riscos com a sua produção, ainda enfrenta estes problemas de saúde que o intranquilizam. Alguns buscam outras alternativas, quando suas condições financeiras assim permitem, como associar-se aos planos da Unimed. Mas chega a um ponto tal, que há produtores que destinam 25 por cento, ou mais, de sua renda bruta para ter assistência (somando a contribuição do Funrural e as mensalidades da Unimed). É mais uma sobrecarga. Por que o trabalhador rural não tem um atendimento médico e hospitalar como seria seu direito? Ou será que ele não tem direito? Quando conseguirá isto?

A Cotrijuí está sendo equipada com máquinas registradoras mecânicas e eletrônicas SWEDA.

SWEDA

Contaregis

Contaregis Equipamentos de Controle S/A
Matriz: Porto Alegre — Rua Cristóvão Colombo, 203 - fone: 24-8108 e 25-2268
Filial: Curitiba — Rua Tibaji, 131 — fone 23-1669

LAVOURA DE PEQUENO

No ano passado, os 42 agricultores que plantaram alho na área da Cotrijuí não tiveram um resultado financeiro muito satisfatório. Mas aprenderam muito. Os técnicos da Cotrijuí também se serviram da experiência para corrigir alguns problemas ocorridos e estudar melhores sistemas de produção para os próximos cultivos.

Apesar da frustração, este ano o número de produtores de alho aumentou para 110. Com 12 mil quilos de alho plantado, eles esperam uma produtividade média de 3.500 a 4.000 quilos por hectare. O agrônomo Hélio Ito Pohlmann, responsável pelo Setor de Hortigranjeiros diz que "se fossem grandes proprietários a receita não seria significativa, mas para proprietários de pequenas áreas o resultado dessa lavoura pode ser muito importante".

A média de área plantada por agricultor é de meio hectare. Atualmente o total de área ocupada com alho fica em torno de 40 hectares, na região da Cotrijuí. De acordo com os projetos do Departamento Técnico, há possibilidade de aumentar bastante a produção de alho, chegando até a 1.500 hectares nos próximos anos.

ALTERNATIVA PARA O PEQUENO

É uma preocupação muito grande da Cotrijuí manter a cultura



do alho em pequenas propriedades. Nesse tipo de culturas intensivas, um dos fatores mais importantes são os serviços, os chamados trabalhos culturais, que podem ser tanto mecanizados como manuais:

— "No caso de serem mecanizados, os custos de produção são transferidos para fora, através de gastos com equipamentos, etc. . . Se o trabalho é feito manualmente, o que acontece em áreas pequenas, os custos permanecem como receita interna" — explica Hélio.

Também é uma preocupação dos atuais plantadores a concorrência de grandes produtores, com o

que logo haveria uma saturação no mercado. Tanto técnicos como produtores consideram que 20 hectares de alho plantados por pequenos proprietários, é uma alternativa agrícola para 10 ou 15 famílias, oferecendo uma boa renda sem exigir grandes investimentos. E isso pode deixar de acontecer se apenas um produtor plantar esses 20 hectares.

TRABALHAR NA TÉCNICA

Olinto Fabrin, de Barreiro, proprietário de 5 hectares de terra, não foi muito bem no ano passado, mas continua plantando alho: "Es-

tou plantando e vou continuar. Vou aumentar a minha área. O ano passado plantamos 140 quilos e colhemos 800. Este ano plantamos perto de 230 quilos e estamos esperando colher 3 mil quilos". A esposa e os filhos participam. Dona Lucir Maria também acha que este ano o resultado promete ser melhor: "Nem se compara. O ano passado, na época de plantar estava muito seco".

Além do alho, eles plantam cenoura, repolho, salsa, cebola, batatinha e outros produtos hortigranjeiros. E Fabrin, que é representante dos produtores de alho na região de Ijuí, adianta: "Vou ficar basicamente com alho e cenoura. Só que vou fazer canteiros para o alho, assim como foi tratado no Seminário. Vou trabalhar como a técnica recomenda, porque acho que é o melhor. E nós temos gente boa aí na Cotrijuí nos orientando".

Lucídio Seibert, também de Barreiro, plantou 80 quilos de semente e espera vender 800 quilos. "No ano passado plantei essa mesma quantia e colhi 250 quilos. Fui muito mal. Parece que agora será melhor". Quanto a aumentar a área plantada, seu Lucídio está com algumas dúvidas. Sua esposa, dona Marlene que, juntamente com os filhos, auxilia no trabalho, diz que "plantar mais e não poder cuidar



* também chamada de papua ou capim marmelada

Chegou o herbicida para soja que acaba não só com a marmelada, mas também com pé-de-galinha, colchão, capim arroz, carrapicho e outras ervas daninhas de folhas estreitas e mais algumas de folhas largas.

Dual o herbicida para soja tão moderno que dispensa incorporação.

CIBA-GEIGY



Como diminuir as

Nos dias 21 e 22 de setembro foi realizada na sede da Cotrijuí uma reunião sobre a Produção e Comercialização do Alho, patrocinada pelo Ministério da Agricultura, Secretaria Nacional do Abastecimento e Secretaria Nacional de Produção Agropecuária.

Organizada pela Cotrijuí e Coordenadoria de Horticultura da EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural), a reunião contou com a presença de dirigentes de co-

operativas, produtores, técnicos, representantes do BNCC (Banco Nacional de Crédito Cooperativo), Banco do Brasil, CA-CEX (Carteira Agrícola de Comércio Exterior), INCRA (Instituto Nacional de Reforma Agrária), COBAL (Companhia Brasileira de Alimentação), Sindicatos e comerciantes. O encontro foi dirigido pelo agrônomo Sérgio Mario Regina, da Secretaria Nacional de Produção.

Um dos principais ob-

jetivos do Seminário foi estudar maneiras de, aos poucos, diminuir as importações de alho para proteção da produção nacional. Muitas vezes grandes importações coincidem com a produção nacional, ocasionando quedas de preço que prejudicam os produtores. Outro objetivo foi ver aspectos atuais de produção e comercialização e implantar o Planalho (Plano Nacional de Alho).

EVITAR A IMPORTAÇÃO

Atualmente o Brasil importa em torno de 30 milhões de dólares de alho por ano, ou seja, 50 por cento do consumo nacional. Importa principalmente da Argentina, Espanha, México e Chile, quando na verdade existem condições de produzir o suficiente para evitar essas compras. Segundo colocação do gerente estadual da EMATER/RS, Olides Pedro Prezotto, "praticamente em todos os municípios da Região é produzido alho para o próprio consumo. Alho importado vem pouco para o Rio



O encontro reuniu técnicos, produtores e economistas

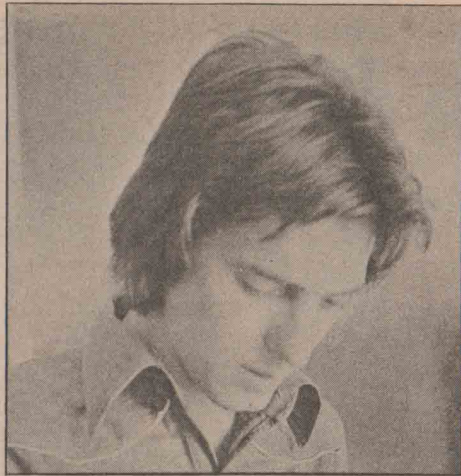
não adianta. Plantar é fácil. Colher e limpar é mais difícil". Parecida é a opinião de dona Lucir Maria, que acha fácil plantar alho, "ruim é colher, porque a gente fica arca-da".

ALGUNS PROBLEMAS

Seu Lucídio possui 23 hectares de terra. Tem dois filhos, de 8 e 12 anos, que estão estudando. "O maior ajuda e gosta muito de trabalhar na lavoura", explica dona Marlenê.

Numa área que havia preparado para plantar alface, Lucídio plantou alguns quilos de alho "e não deu muito certo, porque o esterco de galinha é muito forte". Cláudio Gonchoroski, técnico agrícola da Cotrijuí, dá a seguinte explicação:

— "Com esterco há uma maior produtividade, mas no caso foi posto muito e houve um superbrotamento, pelo excesso de nitrogênio. A chuvarada ajudou a piorar a situação e também as mudanças de tem-



Cláudio: a chuvarada prejudicou a temperatura que ocorreram".

Na localidade de Arroio das Antas, Nelson Krysczum plantou 100 quilos de alho. Uma parte, que plantou em início de maio, está dando problemas: "Está crescendo bonito, bem verde, o talo está bem grosso mas não tem cabeça. Acho que é porque botei uréia".

Hélio acha que a formação de charuto (talo muito grosso) pode ser excesso de nitrogênio, "terra



Hélio: evitar a saturação

muito forte e muita umidade".

A semente usada por seu Nelson que é dono de 35 hectares, é crioula e "no ano passado deu um alho muito lindo, apesar de toda a seca". Ele pretende plantar 500 quilos no próximo ano, se houver financiamento.

A ESCOLHA DA VARIEDADE

As principais variedades de semente que estão sendo distribuídas

pela Cotrijuí são: Centenário, Cate-to Roxo e Branco e principalmente Amarante. A variedade chamada Gaúcho é o alho crioulo. São diversas espécies locais que estão sendo testadas a fim de serem selecionadas para um posterior aproveitamento.

Dona Lucir Maria acha o Centenário "mais difícil de arrancar na colheita. Ele rebenta o talo e fica na terra. No ano passado tivemos que passar o arado. Acho que o talo é mais fraco". Cláudio explica que talvez isso ocorra "porque o Centenário tem mais raízes, então fica muito preso à terra. Mas essa variedade tem o mesmo rendimento e talvez maior até que as outras".

Entre os produtores a variedade Amarante está tendo boa aceitação. Seu Lucídio plantou 50 quilos de Amarante que deverão ficar para semente.

Cláudio informa que "na área da Cotrijuí, 50 por cento da produção de alho será reservada para semente".



Lucídio Seibert



Nos Fabrin o alho é serviço para toda família



Dona Marlene acha que limpar é o mais difícil

importações

Grande do Sul, vai mais para a CEASA (Centrais de Abastecimento)".

Na Região Sul, geralmente o início da colheita se dá por novembro, sendo que algumas variedades estão prontas, curadas para a comercialização, a partir de janeiro. As qualidades exigidas para o alho: película externa limpa e o bulbo bem curado para a armazenagem até a comercialização e o consumo.

"Da produção do Sul do país, atualmente 30 por cento destina-se ao comércio e 70 por cento volta à terra como semente", informou o Gerente da EMATER/RS.

Os custos de produção, no Rio Grande do Sul, são bem inferiores aos do centro do país. Enquanto aqui se gasta por hectare uma média de 80 mil cruzeiros, lá os custos com o alho vão a perto de 180 mil cruzeiros, em função de maiores despesas com irrigação, mecanização e adubação. Mesmo assim compensa pela alta produtividade. Agora, se em

pequenas propriedades os custos fossem semelhantes, os produtores não teriam um resultado financeiro satisfatório. A vantagem das pequenas propriedades é que podem dispensar a mecanização, barateando os custos.

VARIEDADES ADAPTADAS

Outra preocupação levantada durante a reunião foi com as variedades. No sul, como em outras regiões, há uma grande preocupação em selecionar variedades que se adaptem bem ao solo e às condições climáticas de cada região. Algumas constatações já estão sendo feitas, como observou o gerente nacional de Horticultura, Sérgio Mario Regina: "Todo o alho que desce do norte para o sul, não debuta bem".

Ao final do encontro, os Representantes de Produtores de Alho da Região Sul (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná) apresentaram algumas reivindicações básicas, como: manutenção da atual po-



Regina: o debut do alho

lítica de crédito, de acordo com os orçamentos elaborados por Cooperativas e órgãos de assistência técnica; realização de levantamentos periódicos do produto em condições de ser comercializado nas regiões de produção; efetivar custos de produção de acordo com as características de cada região produtora; apressar as pesquisas na área de cura e conservação do alho; aumentar as Operações de Pré-EGF (Empréstimo do Governo Federal) e EGF para Cooperativas que operam com alho; e participação dos representantes dos produtores nas decisões da Política de Abastecimento de Alho.

POUPE UMA VIAGEM DE SEU TRATOR.
Aplique DUAL
 ECONOMIZE COMBUSTIVEL.

DEFINIÇÕES PARA O NORTE

Mensalmente a diretoria realiza duas reuniões, sendo sempre uma em Ijuí e a outra em uma das demais unidades. No mês de setembro, do dia 12 a 23, os diretores e conselheiros optaram pelas unidades mais distantes para conhecer de perto a situação real das duas novas áreas em que a Cotrijuí está atuando: Mato Grosso do Sul e Pará. Através das reuniões com os associados, tornou-se mais fácil constatar as verdadeiras possibilidades e necessidades destas regiões.

A caravana visitou primeiramente o Mato Grosso do Sul, onde permaneceu de 13 a 18 de setembro. Foram realizadas reuniões com os associados de Rio Brilhante, Dourados, Maracaju e Sidrolândia. Nesses encontros a diretoria explicou a estrutura da Cooperativa, a estrutura do poder, função e finalidade das diversas diretorias, salientando sempre a atividade social da Cooperativa, pois "a mentalidade do cooperativismo é conflitante com as atividades meramente comerciais", conforme foi observado.

INDÚSTRIA DE ÓLEO

A decisão da Cotrijuí em instalar a indústria de óleo de soja em Campo Grande estava gerando um grande descontentamento entre os associados do Mato Grosso do Sul, principalmente na unidade de Dourados. O presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva, esclari-

receu o assunto, dizendo que a Cotrijuí não havia assumido nenhum compromisso com Dourados ou outro local — "Foi unicamente o consórcio Cotrijuí-Cotrisa o motivo da instalação da indústria em Campo Grande, que é divisor de interesses das duas cooperativas. A Cotrisa não concordaria que a indústria fosse instalada na área da Cotrijuí e nem esta que fosse instalada na área da Cotrisa".

Foi esclarecido que o interesse fundamental do agricultor é que a indústria seja implantada, para viabilizar mais a sua operação. O local da implantação é aspecto secundário.

Nos diversos encontros com os associados ficou muito claro que um dos grandes problemas da região é a armazenagem. Em Sidrolândia, na última safra de soja, os agricultores tiveram que depositar semente em Maracaju, que fica a quase

cem quilômetros de distância. Em razão disso, a diretoria autorizou o início imediato da construção de um armazém nessa unidade, com capacidade para 44 mil toneladas.

Em toda a região de atuação da Cotrijuí, a finalidade inicial era receber produto. Visando aumentar a capacidade de armazenagem imediatamente, a Cooperativa pretende construir outros armazéns, pequenos, simples e funcionais, com capacidade para 17 mil toneladas, que deverão ser construídos num período de 12 a 18 meses. "Enfrentamos um período em que o elemento quantitativo, e não o qualitativo, é fundamental", informa Ruben.

A execução desse projeto está dependendo de decisão final do PRONAZEM (Programa Nacional de Armazenagem).

Em todas as unidades os associados fizeram reivindicações, como seção de consumo, atendimento técnico, sementes, Unimed, cartão de crédito, repasse e outros que, dentro das possibilidades e após o devido estudo feito pelas diretorias, poderão ser atendidos.

Em Rio Brilhante e também em outras unidades, a questão da terra foi muito debatida. Os associados apontam falhas e reivindicam uma melhor legislação, principalmente no que se refere ao arrendamento. Foi solicitada a intervenção da Cotrijuí para solucionar o problema. O presidente da Cooperativa observou que "o problema fundiário é uma grande preocupação da Cotrijuí, mas é complexo e difícil. É necessário motivar e sensibilizar os órgãos governamentais". Citou como exemplo o projeto da Cotrijuí na Amazônia como uma busca de solução para o problema da terra, no Rio Grande do Sul.

Em Rio Brilhante e Maracaju os diretores e conselheiros ficaram hospedados em resi-

dências de associados. Durante a permanência no Mato Grosso do Sul, foram visitadas várias lavouras de associados e também a área onde será instalada a indústria de óleo, em Campo Grande.

NÃO É FÁCIL

No Pará eles foram conhecer mais de perto a situação da usina de açúcar e álcool que a Cotrijuí está operando nas proximidades da área de colonização da Cooperativa. Ali foi muito discutido o próprio projeto de colonização, além da situação da usina e dos plantadores de cana-de-açúcar. A Cotrijuí assumiu a usina, que antes era administrada pela CI-RA-Pacal (Cooperativa de Integração e Reforma Agrária) em 1º de março deste ano, quando os agricultores não mais acreditavam em seu funcionamento. Diversos problemas técnicos impediam que ela entrasse em operação imediatamente, criando com isto uma situação difícil para aqueles agricultores que não podiam entregar seu produto.

Os canaviais estão mal cuidados, os agricultores sentem-se abandonados (foram levados para lá pelo INCRA) e sem motivação alguma, pois a maioria está completamente endividada. A metade da cana plantada tem mais de dois anos, apresentando uma média de sacarose de 11,6 por cento, enquanto o normal seria 15 por cento.

"Não há definições. Acho que é a área de mais futuro para o Brasil, mas a coisa aqui não é fácil. Fazem três anos que estou aqui e continuo aprendendo com os agricultores", — diz Paulo Adão Casa Nova, da Assistência Técnica na Cotrijuí-Norte.

Casa Nova observa que os agricultores que tinham tradição agrícola, como os de Tenente Portela, foram bem sucedidos na região. Muitos deixa-

ram a cana e passaram a plantar outros produtos, como cacau, pimenta do reino, banana e arroz. Na opinião do conselheiro Arnaldo Hermann. "O investimento é muito grande e se não houver uma participação do governo, a Cotrijuí não poderá aguentar. O governo precisa participar".

Bruno Eisele, conselheiro e diretor da Região Pioneira, observou que a área "está muito ligada à Usina, onde o grande problema é a cana".

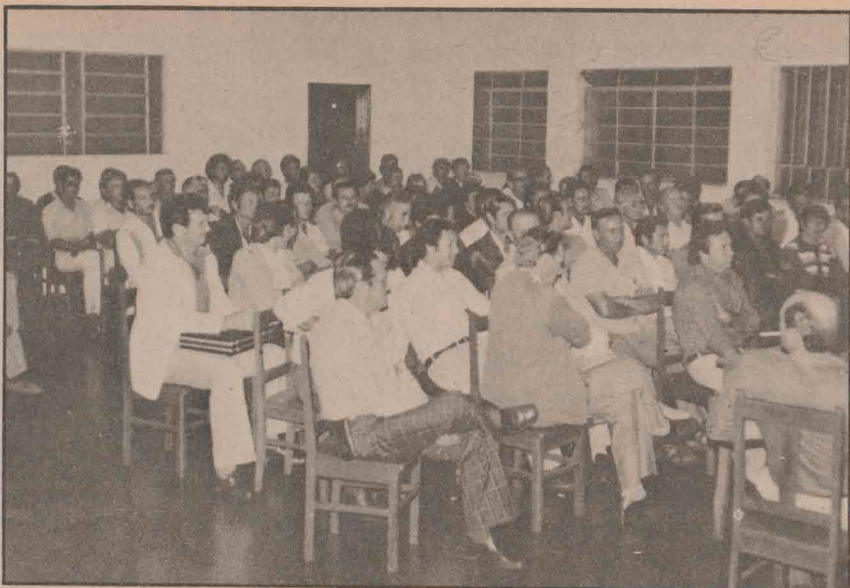
UM COMPROMISSO

"O compromisso com os agricultores é a colonização. A Usina serviu como suporte. Difícil que saia a colonização a curto prazo. Quanto a indústria, não há razão de ficar se não houver colonização", diz Nedy Borges, diretor técnico.

A colonização é realmente a grande preocupação da Cotrijuí. E só poderá acontecer depois de uma série de problemas resolvidos. Ruy Polidoro Pinto acha que é preciso ter dados e ir discutir com quem interessa — "Nós e o governo já temos grandes compromissos aqui e precisamos juntos buscar um caminho".

O presidente Ruben, avaliando a reunião com os agricultores em Pacal, comentou:

— "Na reunião ficou claro que quem já era agricultor, foi vitorioso e foi vitorioso aqui. Chegamos aqui pela colonização, mas não precisamos ficar por causa dela. Teremos que analisar essa realidade, através de encontros e seminários". E é isto efetivamente o que acontecerá no final de outubro, em Ijuí. Para o dia 30 foi marcado um seminário, que reunirá associados, funcionários e diretores da Cooperativa para analisar a situação do Projeto Cotrijuí-Norte, contando inclusive com a participação de representantes do INCRA. Alguma definição deverá acontecer depois deste encontro.



Em Dourados, explicando a indústria de óleo.

PARA QUALQUER MARCA DE MOTO-SERRA, EXIJA CORRENTES, SABRES E ACESSÓRIOS OREGON.

OREGON®

Cia. Santa Clara

MAQUINAS & FERRAMENTAS

Rua 25 de Julho, 352 - Fone 42.1603 - Porto Alegre - RS

Lembre-se sempre: os defensivos agrícolas são tóxicos. Eles podem matar não só as pragas como também o próprio agricultor. Consulte sempre um técnico antes de fazer qualquer aplicação.

SANTA SOJA?

Quando aconteceu o chamado boom da soja, na região Sul, isto há coisa de sete, oito anos atrás, nenhum produtor pensou que algum dia ele chegasse a se arrepender de ter deixado de lado toda outra atividade de sua lavoura. Hoje, depois de duas safras frustradas, uma atrás da outra, ninguém duvida mais que não é possível basear todo trabalho da propriedade apenas para uma ou duas culturas anuais. Estamos ficando pobres por causa da soja. Assim como ficamos ricos por causa dela.

Não que devamos deixar de lado as lavouras de soja. Propor isto para qualquer agricultor é pedir para apanhar. Afinal, que outra cultura pode oferecer, nas condições atuais do sistema econômico do País, retornos tão imediatos — e até mesmo certos — como a soja? Milho? Porco? Galinha? Pastagens? Leite? É a soja ainda a melhor opção de cultivo de verão. Mas não a única. Insistir só na soja é suicídio. Como também é suicídio negar que é ela quem está pagando a estrutura que pode nos permitir introduzir coisas novas ou esquecidas nas propriedades dos agricultores.

Enquanto aqui no Sul é esta a situação real vivida por todo produtor — do maior ao menor — lá mais para o Norte, exatamente no Mato Grosso, estão aparecendo os mesmos sintomas que caracterizaram o desenvolvimento da lavoura no início dos anos 70. Lá estamos chegando num momento de boom. Novas terras estão sendo incorporadas à área produtiva. Do arroz, que mais frustra do que produz, os lavoureiros estão passando para o cultivo da soja. Seria um erro?

Não. Nas atuais condições não só é a melhor como é a única opção de cultivo extensivo. Esta soja, que tem um potencial de desenvolvimento infinitamente maior do que aqui — pela extensão de terras ainda brutas — é que vai gerar a riqueza procurada pelo Mato Grosso. Porém, o cuidado que se deve ter por lá é de não incorrer no mesmo risco do Sul: esquecer que existem outras plantas para serem cultivadas. O milho, por exemplo, como dizem os técnicos, tem um potencial imenso de desenvolvimento naquela região. O sorgo, então, nem se fala. Que a fase de monocultura não seja tão grande como foi no sul.

No início do segundo semestre do ano a Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul publicou um verdadeiro documento: um livro, se assim pode ser chamado, que tem como título "Santa Soja". Nele existem poucas palavras impressas nas páginas. O documento é fotográfico. E as fotos falam por si. É um trabalho de quatro fotógrafos gaúchos (Jacqueline Joner, Eneida Serrano, Genaro Joner e Luiz Abreu) realizado durante três anos nas regiões produtoras do Estado. Numa introdução do jornalista André Pereira, que é repórter do Jornal O Interior, de Carazinho, está dito que "este trabalho é o pungente depoimento dos próprios agricultores com suas expressões carregadas de tensões, desesperanças e impotências". O título do livro é uma alusão a uma oração que foi incorporada ao folclore do Estado e que iniciava assim: "Santa soja, cheia de graça . . .".

Ou como conta o André: "Foi tão significativa a época afamada como a da "euforia da soja", que surgiram até orações por este Rio Grande afora, elevando o grão da leguminosa à categoria de santa. O colono, até então conhecido pela imagem superficial de um matuto impagável, ganhou novas interpretações, mudou seus hábitos, comprou televisão e carro do último tipo. Muitos enriqueceram, adquiriram mais terra, chegaram a comprar terrenos na praia e em outros estados. Era o famoso milagre da agricultura de exportação.

De repente, este castelo de ilusões tombou. Dedicando-se à monocultura, o agricultor deixara de cultivar muitos produtos de subsistência, sendo obrigado a gastar muito em supermercados. Ao mesmo tempo, torna-se dependente de altos financiamentos e de uma tecnologia importada muito cara. Sem que se repetissem os bons preços legados pelas cotações internacionais de um ano excepcional para a soja, o colono foi voltando à realidade: estava endividado, tinha contas a pagar nos supermercados, a soja não atingia preços extraordinários que se esperava, sua terra estava menos fértil graças a uma tecnologia que só visava à produção intensiva e até sua vida estava mortalmente ameaçada pelo uso excessivo e inadequado de defensivos agrícolas".



Foto de Jacqueline Joner, do livro "Santa Soja"

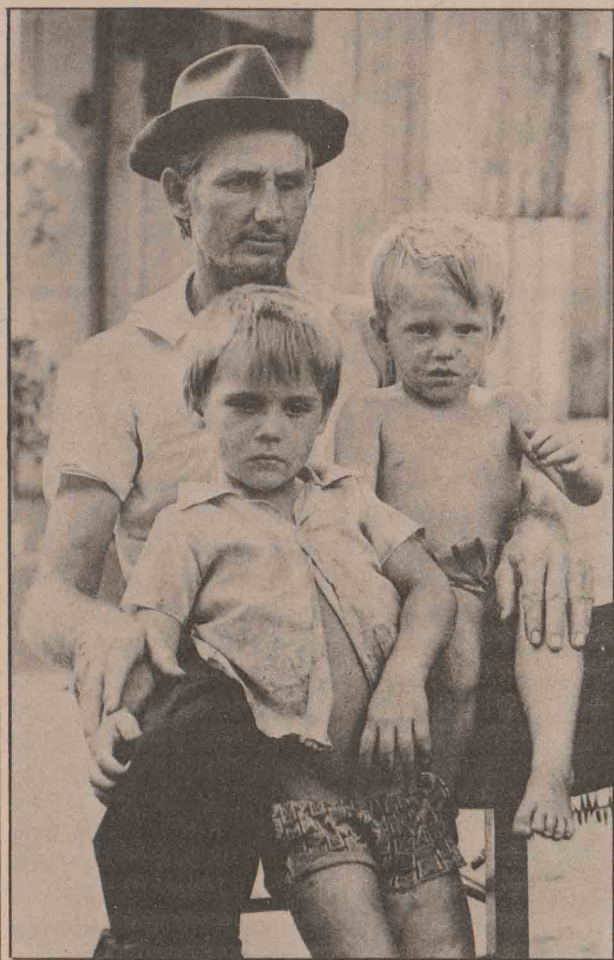


Foto de Jacqueline Joner, do livro "Santa Soja"



Foto de Jacqueline Joner, do livro "Santa Soja"



Foto de Luiz Abreu do livro "Santa Soja"

A SOJA NO LUGAR DO MILHO, DO BOI, DO FEIJÃO...

De 1970 a 1976 a produção brasileira de soja cresceu sete vezes. Isto a custa de um aumento da área cultivada, que passou de 1,3 milhões de hectares para 6,4 milhões de hectares, e não de um aumento expressivo de produtividade. A expansão da soja tomou áreas de milho, feijão, pecuária...

Em ano que dá frustração de trigo é líquido e certo: a área de plantio diminuiu consideravelmente no ano seguinte. Com a soja não acontece idêntica coisa. A área, é certo, não deve crescer este ano. É possível até que diminua. Mas pouco. O produtor vem de duas safras frustradas e mesmo assim insiste. O porquê de ainda plantar soja é fácil de entender. Que outra cultura recebe os mesmos incentivos de crédito, consegue preços relativamente compensadores para quem a produz, tem uma estrutura de armazenamento, transporte e comercialização tão bem montada como a soja?

Por isto, em parte, dá para entender porque a soja foi invadindo campos antes destinados à pecuária, lavouras onde antes se plantava milho, mandioca, feijão, arroz, até alcançar, inclusive, os fundos de quintais de muitos agricultores, que deixaram de lado até mesmo o plantio de uma horta caseira. Só em parte isto explica alguma coisa. Hoje todos, tanto técnicos, comerciantes, políticos, economistas e agricultores, se dão conta que o que faltou foi uma previsão. Mas como imaginar que uma planta tão resistente e produtiva pudesse frustrar toda uma economia? Como resistir aos incentivos da política econômica que conduziu o processo de produção exatamente para esta cultura de exportação? Com a soja, se imaginava, o Brasil poderia equilibrar a dívida que tem com o exterior, de quem compra não só petróleo, equipamentos, tecnologia, mas também os produtos que estão no prato do dia a dia do brasileiro: trigo, feijão, arroz, carne e até mesmo o milho, sem falar de leite.

Uma planta cultivada inicialmente como cultura complementar, acabou se tornando a principal, concorrendo com todas outras. Nos primeiros anos em que se plantou soja no Rio Grande do Sul, a estrutura montada e subsidiada para o

trigo (crédito, armazenamento, etc) permitiu a implantação da soja. Os resultados foram tão bons, como muitos podem se lembrar, que hoje é a rentabilidade da soja que permite o risco de plantar trigo e pensar em introduzir novas culturas além de voltar ao sistema de antigamente, de diversificação.

A expansão da soja foi capaz de alterar profundamente a estrutura de produção das regiões onde ela foi cultivada intensivamente. Num trabalho da economista Maria Helena Zockum ("A expansão da soja no Brasil: alguns aspectos de produção", premiado este ano pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico") são apresentados dados muito significativos. Um deles é que 88 por cento da expansão da soja aconteceu em terras ocupadas anteriormente para a produção de arroz, feijão, milho, batata, mandioca, cebola, leite, suínos, bovinos, etc, todos produtos destinados ao consumo interno. E apenas 7 por cento deste crescimento atingiu as áreas ocupadas por café, algodão e cana-de-açúcar, produtos típicos de exportação. Em termos de área, a soja acabou principalmente com a lavoura de

milho (42 por cento).

Maria Helena explica bem as razões desta expansão: é um resultado natural das regras do mercado. Enquanto para os produtos agrícolas domésticos a procura reage pouco aos estímulos do preço, com os produtos de exportação acontece exatamente o contrário:

— Sendo o Brasil um pequeno exportador da maioria dos produtos que fazem parte de sua pauta de comércio exterior, o agricultor encontra uma demanda elástica para o produto. Assim, o aumento de sua renda depende do aumento de produção. Ele sente-se, então, estimulado ao uso de técnicas modernas, que elevem a produtividade.

Com os produtos consumidos internamente não acontece bem assim. O aumento na produtividade provoca um aumento na oferta de produtos no mercado. Com isso, existe uma queda nos preços e, conseqüentemente, da renda. Por esta razão, ela explica, deveriam ser adotadas medidas de política econômica para que a agricultura consiga combinar duas coisas que dela são exigidas: gerar divisas (que é como chamam o dinheiro que se recebe

com a exportação dos produtos) e abastecer a população a preços adequados.

Não está errado que a soja tenha se expandido. A falha está na ausência de uma política apropriada para os produtos destinados ao consumo da população.

MÃO-DE-OBRA

Além de reduzir a área de plantio, e conseqüentemente a produção de culturas domésticas, a soja também ajudou a liberar a mão-de-obra do campo. Ela é uma cultura moderna, que "absorve" tecnologia (máquinas, equipamentos, produtos químicos) que foi estimulada por uma política de crédito fácil à agricultura (mesmo que este crédito não atinja todos os produtores). Em média, uma lavoura cultivada com soja ocupa 12 por cento a menos de mão-de-obra do que a mesma área cultivada com outros produtos, até mesmo as pastagens.

As técnicas simples foram trocadas por outras mais modernas. No lugar da capina, se usa o herbicida. Do arado de boi, um trator. Da trilhadeira, a automotriz. Tudo porque a soja pode ser mecanizada facilmente, do plantio à colheita. Só que a utilização destas técnicas atingiu inclusive áreas de tamanho inferior ao que se poderia admitir, levando em consideração a estrutura fundiária e capacidade dos equipamentos que estão à venda no mercado. Para pequenas lavouras máquinas potentes e caras.

Entre os anos de 1970 a 1976, que marcaram a expansão da cultura (os anos do chamado boom) a produção da soja foi multiplicada por sete (1,5 milhões contra 11 milhões de toneladas). Numa proporção semelhante cresceu a capacidade instalada das indústrias de esmagamento, que hoje se queixam da ociosidade provocada em parte pelas frustrações e, em parte, por um super-dimensionamento desta capacidade.

Se a soja não fosse um produto essencialmente de exportação, pelo menos ela seria responsável por uma melhor alimentação do brasileiro. É que comparando pelo aspecto de quantidade de proteínas, a soja com os produtos destinados ao consumo interno, a primeira apresenta um resultado mais favorável: 68 por cento a mais de calorias e 193 por cento a mais de proteínas. Mas isso se realmente a soja fosse consumida no lugar de outros produtos (o consumo na alimentação humana se restringe basicamente ao óleo) e não fosse exportada. Descontando tudo o que foi vendido para o exterior, ainda sobrou um resultado positivo quando se fala em calorias (8 por cento a mais) e negativo quando se fala em proteínas (6 por cento a menos). Um lembrete: no exterior, a soja alimenta animais.



A lavoura de milho foi a maior prejudicada

Entre em nossa loja
e saia pedalando
em sua Monark

Monark
★★★★★

Lojas Cotrijuí

OS CUSTOS AUMENTAM OU DIMINUEM?



O custo de formação da lavoura este ano chega a Cr\$ 7.550,49

Está cada vez mais caro formar a lavoura de soja? Quanto representa o custo de um hectare em relação à receita que se obtém com a comercialização do produto? A impressão que se tem é de que cada vez se gasta mais e se ganha menos. A culpa, pelo menos nos dois últimos anos se deve basicamente às frustrações da lavoura. Mas nem tanto.

Observando, no quadro 1, a evolução dos custos a partir da safra de 1972/73, quando a produção cresceu violentamente em todo Estado, se vê que os aumentos mais consideráveis coincidiram exatamente com as frustrações das safras de 77/78 e 78/79. Mesmo que a lavoura não tivesse enfrentado os problemas de seca

por dois anos consecutivos, o aumento no custo de produção, em relação à receita, ainda seria muito expressivo.

A safra de 76/77 pode ser considerada a melhor de todas. O produtor colhendo uma média de 25 sacos por hectare, obteve uma receita baseada no preço médio de liquidação da soja na Cotrijuí (que foi de Cr\$ 218,20) de Cr\$ 5.455,00. Os Cr\$ 2.448,00 que ele precisou empregar na formação de um hectare (considerando tanto os insumos, como máquinas, impostos, construções, mão de obra, etc) representaram apenas 44,8 por cento do valor que ele obteve da safra, restando um lucro considerável, de mais de 50 por cento.

Explica-se o número altamente negativo da safra de 1974/75 por problemas de comercialização na Cooperativa, que chegou a apresentar um preço médio de liquidação até mesmo inferior ao da safra anterior, enquanto os custos de produção aumentavam 35,9 por cento.

Na safra seguinte, quando os preços da soja estouraram no mercado internacional, veio o tal de "confisco". Os custos de produção, que não haviam sofrido um aumento tão expressivo como na comparação entre as safras de 73/74 e 74/75, representaram então ainda um alto percentual: 85,61 por cento.

Nas duas últimas safras, depois do resultado financeiro altamente com-

pensador da safra de 76/77, a renda começou a crescer novamente. Mesmo sem a frustração, os custos representavam muito mais.

E AGORA?

E agora, nesta safra que está para ser iniciada? Bem, os custos de produção já estão bem definidos, conforme mostra o quadro número 2: Cr\$ 7.550,49. A formação da lavoura vai exigir muito mais dinheiro do que na safra passada. Exatamente mais Cr\$ 2.440,13, ou 47,6 por cento. E como comparar o quanto isto representará em relação ao resultado financeiro que o agricultor pode obter com a safra? Bastante difícil. Depende de como se comportar a lavoura (frustra de novo?)

e o mercado. As perspectivas de comercialização (veja na página 20) são otimistas, mas não dá para imaginar um preço para a soja já agora, se a lavoura nem foi plantada ainda.

Se levarmos em consideração o preço mínimo, de Cr\$ 315,00 o saco e uma produtividade normal, de 25 sacos por hectare, dá quase para desistir de plantar: se vai gastar quase todo dinheiro que pode render a safra só para preparar a lavoura (exatamente 95,8 por cento). Agora é praticamente certo que o preço supere bastante os Cr\$ 315,00 estabelecidos pelo Governo. Daí a situação muda, mas em quanto, só se saberá depois de colhida e vendida toda safra.

Quadro 2 - CUSTO DE PRODUÇÃO POR HECTARE

RUBRICAS	Cr\$	%
- Construções	130,95	1,73
- Benfeitorias	16,62	0,22
- Máquinas e implementos	2.293,58	30,38
- Mão-de-obra	916,53	12,14
- Locação de terraços	6,00	0,08
- Imposto Territorial Rural	44,80	0,59
- Insumos modernos	3.161,68	41,88
- Despesas financeiras	507,70	6,71
- Funrural	236,25	3,13
- Transporte contratado	237,38	3,14
- TOTAL	7.550,49	100,00

Fonte: Cotrijuí

Quadro 1

Safra	Custo/ha Cr\$ (1)	Preço Médio Liquidação (2) Cr\$	Produtividade Média (sacos)	Renda Bruta Cr\$	Participação do Custo %
72/73	707,71	32,30	25	807,50	87,64
73/74	999,29	70,00	25	1.750,00	57,10
74/75	1.560,43	67,98	25	1.699,50	91,81
75/76	1.755,02	82,00	25	2.050,00	85,61
76/77	2.448,00	218,20	25	5.455,00	44,80
77/78	3.836,72	210,00	20	4.200,00	91,35 (4)
78/79	5.114,35	326,00 (3)	15	4.890,00	104,58 (4)

(1) - Dados Fecotriço

(2) - É a média de todas as operações de liquidação da soja na cooperativa, tanto a preço médio como a preço do dia.

(3) - Dado parcial

(4) - Caso não tivesse ocorrido a frustração, a participação dos custos de formação de um hectare seria de 73,08% na safra de 1977/78 e 62,75% na de 78/79.

Chegou Lexone L líquido.
A gota que faltava para acabar com as ervas daninhas da soja.

Lexone L, aplicado em pré-emergência ou pré-plantio incorporado, é a melhor solução para a grande maioria das ervas de folhas largas na soja.

Além disso, você não corre o risco de aguardar o aparecimento das ervas para depois pretender que uma única aplicação de herbicida em pós-emergência resolva a situação.

Você sabe que a soja sofre a concorrência das ervas desde a sua fase inicial e precisa fechar no limpo.

Lexone L. Mistura fácil e líquida as ervas daninhas da soja.

DU PONT
MARCA REGISTRADA
AGROQUÍMICOS

Lexone e marca registrada da Du Pont

SÓ TÉCNICA NÃO ADIANTA. MAS BEM QUE AJUDA



É essencial seguir a época de plantio recomendada ...



... para assegurar, em parte, o sucesso da lavoura

ÉPOCA DE PLANTIO

PLANALTO MÉDIO, MISSÕES, ALTO URUGUAI		
Ciclo das variedades	Época recomendada	Época preferencial
Precoces e semi-precoces	25/10 a 30/11	1º/11 a 20/11
Médias	20/10 a 5/12	1º/11 a 30/11
Semi-tardias e tardias	10/10 a 10/12	20/10 a 5/12
DOM PEDRITO		
PRECOSES e semi-precoces	20/10 a 30/11	1º/11 a 20/11
Médias	10/10 a 5/12	1º/11 a 30/11
Semi-tardias e tardias (*)	-	0 - 10
MATO GROSSO DO SUL		
Precoces	30/10 a 30/11	
Médias	30/10 a 30/11	
Semi-tardias	15/10 a 30/11	

(*) - as variedades tardias e semi-tardias não são recomendadas para Dom Pedrito

Pretender ensinar ao agricultor como plantar soja, hoje em dia, é praticamente perda de tempo. Quem é que não sabe quantos quilos de adubo devem ser colocados por hectare? Quantas sementes vão por linha? Mesmo assim há uma série de informações que vão se alterando de ano a ano. São novos resultados de pesquisa, experiências dos próprios agricultores e novas técnicas que vão aparecendo e mostrando resultados que podem aumentar a produtividade da lavoura.

Em todo caso, há coisas essenciais que nunca podem ser esquecidas. A época de plantio é um exemplo. O Luiz Volney de Mattos Viau, agrônomo da Cooperativa e responsável pelo Centro de Treinamento, conta que seguindo as épocas recomendadas e preferenciais de plantio o agricultor já estará assegurando, pelo menos em parte, o sucesso da lavoura.

Para as regiões do Planalto, Missões e Alto Uruguai — onde estão localizadas as unidades da Cotrijuí na região Pioneira — as épocas de plantio são bem definidas e variam de acordo com o ciclo das variedades. Para o Mato Grosso já são outras, pois o plantio inicia bem mais cedo do que aqui. Em Dom Pedrito também é mais uma vez diferente. Por isso o agricultor não pode decidir o dia de plantar como bem entender. Está certo que, às vezes, a falta de chuva ou o excesso dela pode atrapalhar um pouco. Mas se as épocas não forem obedecidas é mais certo que a lavoura produza mais mal do que bem (veja quais as melhores épocas para a sua região nos quadros abaixo).

INOCULAÇÃO

Outra coisa importante é a inoculação da semente. Todo mundo

que compra semente certificada já leva junto para casa um pacotinho de inoculante, aquele pozinho preto que deve ser misturado à semente antes do plantio. Para cada saco de semente já está incluído no preço um saquinho de inoculante. Mesmo assim muita gente nem usa este produto. E nem sabe a bobagem que está fazendo.

Acontece que no ar existe Nitrogênio, que é um elemento que todas as leguminosas — e a soja é uma leguminosa — têm capacidade de “pegar” do ar e fixar em suas raízes através de umas bactérias que existem no solo. E o inoculante, vejam só, também é uma bactéria. Então fazendo a inoculação também se aumenta a capacidade da soja em fixar o Nitrogênio. O Volney conta uma coisa:

— Com a inoculação se faz uma adubação de Nitrogênio completamente gratuita. O Nitrogênio que existe nas formulações de adubo para a soja, além de ser o elemento mais caro nos adubos (porque é um derivado do petróleo) não funciona, porque a soja não precisa de Nitrogênio fornecido desta forma. Se o agricultor fizesse uma boa adubação e inoculasse adequadamente a semente, as fórmulas de adubos para a soja poderiam ter até mesmo zero de Nitrogênio.

A inoculação, não deixa de ser verdade, dá um pouco mais de trabalho. Mas é pouco mesmo. É só botar a semente num tonel destes de óleo (depois de limpo, é claro) ou mesmo num tacho grande e molhar com água onde tenha sido diluído o inoculante. A proporção é a seguinte: para cada saco de semente se usa de 1/4 a meio litro de água e um saquinho de inoculante. É preciso ter cuidado para não umedecer demais. O

VARIETADES

RIO GRANDE DO SUL
<p>Precoces: Paraná, Prata e IAS-2 (as duas últimas são toleradas) Semi-precoces: Planalto, Pérola, IAS-5, BR 2, Pampeira Médias: IAS-4, Davis, Bragg, IAS-1 Semi-tardias: Sulina, Bossier, Missões, BR 1, BR 3 Tardias: Hardeee (a Santa Rosa é tolerada)</p>
MATO GROSSO DO SUL
<p>Precoces: Paraná, IAS-5, IAS-4, Bragg, Davis, Missões, PF-2, Cooker 136 Médias: Bossier, Flórida Semi-tardias: Viçoja, Santa Rosa, Mineira, Hardee, Andrews, São Luiz, IAC-4, IAC-5. Tardias: UVF-1, IAC-3</p>

A RAZÃO DOS DESCONTOS

Dizem que quando a safra é boa nenhum agricultor reclama dos descontos. Agora, quando a safra é ruim, ele já sai de casa preocupado com o que poderão descontar do seu produto. Chuvas, ventos, pedras, geadas fora de tempo, tudo contribui para aumentar as impurezas, a umidade e baixar o específico. E lá vem desconto prá cima do produtor.

"A coisa não foi muito boa", comenta seu Anibal Desidério Contri que chega de Dr. Bozano trazendo uma carga de trigo. Planta em 35 hectares e é ele mesmo quem transporta a produção até os armazéns da unidade de Ijuí.

Encosta o caminhão no portão de entrada para as moegas e fica esperando que façam a análise do produto. Seu Anibal não sabia que agora toda a amostragem é feita de uma só vez, na entrada. Com a utilização de um aparelho chamado "sugador pneumático" é retirada uma amostra de toda a carga, que é analisada no próprio local. Esse "sugador" é um aparelho que tem uma mangueira grossa e comprida com uma espécie de calador na ponta para pegar os grãos. A mangueira é introduzida na carga de cima para baixo, de maneira a pegar tanto os grãos que ficam bem em cima como os do meio e os bem debaixo.

A MÁQUINA NÃO ERRA

Nas safras passadas, um funcionário com uma pá e um baldinho rodeava a carga enquanto ela era despejada na moega, retirando porções do produto para a amostra. "Os associados reclamavam muito, dizendo que muitas vezes o funcionário escolhia o produto para a amostragem", explica Astor Mayer, assessor da Diretoria de Operações.

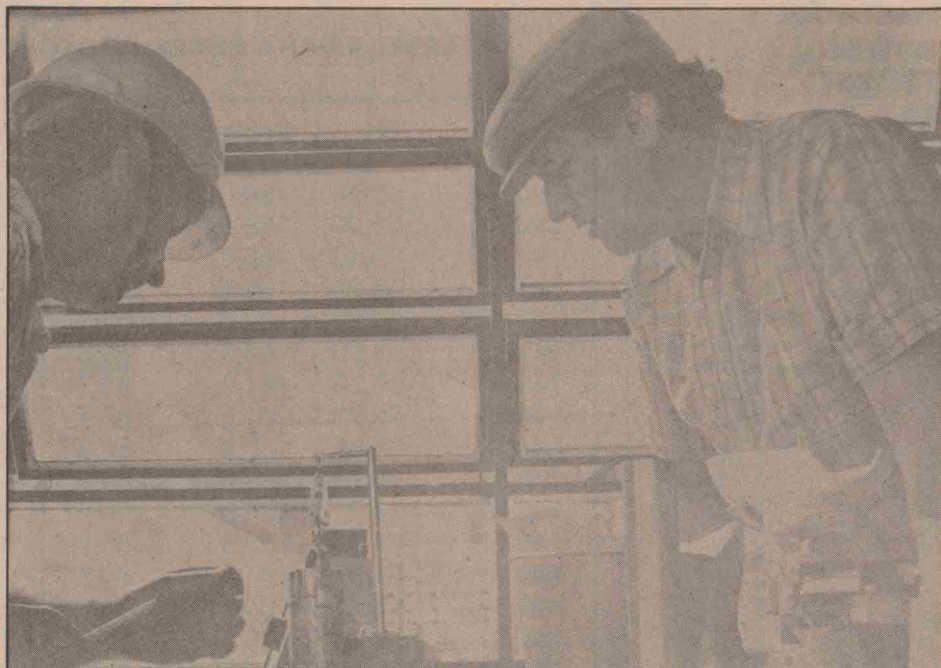
"A máquina elimina qualquer possibilidade de erro. Vem de encontro às reivindicações dos associados e penso que elimina as reclamações", diz Luiz Machado, gerente de Operações de Ijuí.

O novo método já foi implantado em todas as unidades. Elimina a pré-amostragem, que agora é feita somente em sementes a fim de determinar o local de descarga.

Seu Anibal gostou da inovação e acompanha o que está acontecendo com o seu trigo. Espera ansioso o resultado, pois ele vai influir no preço do seu produto. Ele sabe que o seu trigo está úmido: "Acho que deve ter de 15 a 17 graus de umidade". Quanto a impureza, ele pensa que não vai ser muita.

É fácil acompanhar o trabalho

Quem acompanhar a análise do produto vai saber a razão de todos os descontos



Seu Anibal confere a análise: "é, o trigo está meio chocho mesmo".

de análise. Os funcionários estão orientados a prestar todo e qualquer tipo de informação ao associado, que poderá ficar junto quando estão fazendo a avaliação da amostra. "Seria interessante que todos acompanhassem ao menos uma carga em cada safra, a fim de ver como está sendo feito o recebimento de sua produção. O motorista, que na maioria das vezes é quem traz o produto, realmente não tem tempo e nem interesse nesse acompanhamento e muito menos no resultado da análise", afirma Astor.

O ESPECÍFICO

O funcionário mistura bem o produto colhido e depois separa 500 gramas, que servirão para mostrar a umidade, impureza e o PH. Coloca essa quantia de trigo numa máquina, que "separa o joio do trigo" e depois pesa a impureza que sai da máquina já separada do trigo. Seu Anibal vê que o seu trigo está com 17 gramas de impureza. A seguir, é medida a umidade, através de um aparelho especial, o "Determinador de Umidade". "Quase acertei", comenta quando vê o resultado da umidade: 18 graus.

O PH (peso hectolítrico) é que determina o preço, porque está vinculado à qualidade do trigo. Quanto maior o PH, que também é chamado de específico, maior a quantidade de farinha contida no grão. O peso que tiver em 100 litros de trigo é o PH. Por exemplo, se 100 litros de trigo pesarem 78 quilos, o PH é 78. É claro que não se pode pesar o PH,

pegando 100 litros de trigo de cada carga. Por isso, é pesado um quarto de litro e existe uma tabela de conversão. O funcionário não faz a conversão, "assim a margem de erro é praticamente inexistente. O computador já está programado para fazer este trabalho" — informa Astor.

As tabelas usadas estão todas nas páginas seguintes.

A DEFINIÇÃO DO PREÇO

O preço do trigo, de acordo com o PH, é estabelecido pelo Conselho Nacional de Abastecimento e o trigo é adquirido pelo Governo Federal, através do CTRIN (Departamento de Compra do Trigo Nacional) do Banco do Brasil, que não aceita um PH inferior a 65. A Cooperativa está recebendo trigo com específico inferior a este, desde que esteja úmido e de acordo com a tabela de correção (aumento do PH em função da umidade) atinja o mínimo de 65.

"É preciso, entretanto, um certo cuidado, pois se houver uma grande porcentagem de trigo com específico baixo, há a possibilidade de não se atingir o índice exigido pelo Banco", observa Euclides Casagrande, diretor de Operações.

Na carga trazida por Anibal Contri, o específico atingiu 158 gramas, o que representa 62,06 pontos. Ele esperava um pouco mais, mas examinando o trigo, observa: "É, a gente vê que está meio chocho".

É importante todos saberem que quando o produto entregue na

Cooperativa apresentar umidade ou impureza em excesso e quando não for o proprietário quem trouxe a carga, a amostra fica guardada por 48 horas, à disposição do associado, que é avisado.

NOVA AMOSTRAGEM

Se o associado estiver presente por ocasião da análise e achar que a amostragem não está representando realmente o estado da carga em geral, ele pode solicitar uma nova amostragem, que será feita com a presença do chefe de Operações. Aí será considerado o resultado dessa segunda amostragem.

A análise do produto na entrada, dá ao associado a possibilidade de conhecer a especificação do produto, antes da descarga.

A Cooperativa desconta ainda 1% de quebra técnica. Isso é para as perdas que ocorrem com o produto durante o armazenamento e que são normais. Esta taxa não muda, é sempre a mesma. É feita sobre o peso líquido (peso bruto menos os descontos de umidade e impureza).

No caso do produto úmido, existe uma taxa de secagem, cobrada de acordo com uma tabela. Quando o produto apresentar um grau de umidade inferior a 13,4 não é cobrada esta taxa. Mas se apresentar, por exemplo, 14,5 terá uma taxa de Cr\$ 3,90 por 60 quilos.

Depois de todo esse processo, seu Anibal pode pegar o REP e dirigir-se aos armazéns, pesar e descarregar.

TABELA DE PREÇOS PARA O TRIGO SAFRA/79

Peso p/hectolitro	Preço (Cr\$60 kg)
84	343,50
83	340,30
82	337,00
81	333,80
80	330,50
79	327,30
78 (básico)	324,00
77	320,80
76	317,50
75	314,30
74	311,00
73	307,80
72	304,50
71	301,30
70	298,00
69	291,50
68	285,00
67	278,50
66	272,00
65	265,50

DE OLHO NAS TABELAS

Estas são as tabelas usadas para calcular os descontos de impureza, umidade, taxa de secagem e para determinar o PH do trigo. São dados importantes que o associado deve ter em mãos para comparar os resultados das análises registradas em cada carga. As tabelas aqui publicadas servem para a Região Pioneira e Dom Pedrito. No Mato Grosso do Sul são usadas outras tabelas, instituídas pela Ocepar (Organização das Cooperativas do Paraná) que juntamente com a CTRIN resolveu adotá-las naquela área. A Cotrijuí não participou da reunião, mas está cumprindo o que ficou determinado. Essas tabelas não estão sendo divulgadas porque o trigo do Mato Grosso já foi colhido e entregue.

TABELA PARA DESCONTO DE UMIDADE E AUMENTO DO P.H. - REGIÃO PIONEIRA - SAFRA/79			
Grau de umidade:	Considere	% desconto	Aumento P.H.
Até 13,4	s/desconto		
13,5 a 14,0	14,0	1,2	1,00
14,1 a 14,5	14,5	1,7	1,50
14,6 a 15,0	15,0	2,3	2,00
15,1 a 15,5	15,5	2,9	2,50
15,6 a 16,0	16,0	3,5	3,00
16,1 a 16,5	16,5	4,0	3,25
16,6 a 17,0	17,0	4,6	3,50
17,1 a 17,5	17,5	5,2	3,75
17,6 a 18,0	18,0	5,7	4,00
18,1 a 18,5	18,5	6,4	4,25
18,6 a 19,0	19,0	6,9	4,50
19,1 a 19,5	19,5	7,5	4,75
19,6 a 20,0	20,0	8,0	5,00
20,1 a 20,5	20,5	8,7	5,25
20,6 a 21,0	21,0	9,2	5,50
21,1 a 21,5	21,5	9,8	5,75
21,6 a 22,0	22,0	10,3	6,00
22,1 a 22,5	22,5	10,9	6,25
22,6 a 23,0	23,0	11,5	6,50
23,1 a 23,5	23,5	12,0	6,75
23,6 a 24,0	24,0	12,6	7,00
24,1 a 24,5	24,5	13,2	7,25
24,6 a 25,0	25,0	13,8	7,50
25,1 a 25,5	25,5	14,4	7,75
25,6 a 26,0	26,0	15,0	8,00
26,1 a 26,5	26,5	15,5	8,25
26,6 a 27,0	27,0	16,0	8,50
27,1 a 27,5	27,5	16,7	8,75
27,6 a 28,0	28,0	17,2	9,00
28,1 a 28,5	28,5	17,8	9,25
28,6 a 29,0	29,0	18,4	9,50
29,1 a 29,5	29,5	19,0	9,75
29,6 a 30,0	30,0	19,5	10,00
30,1 a 30,5	30,5	20,0	10,00
30,6 a 31,0	31,0	20,5	10,00
31,1 a 31,5	31,5	21,0	10,00
31,6 a 32,0	32,0	21,5	10,00
32,1 a 32,5	32,5	22,0	10,00
32,6 a 33,0	33,0	22,5	10,00
33,1 a 33,5	33,5	23,0	10,00
33,6 a 34,0	34,0	23,5	10,00
34,1 a 34,5	34,5	24,0	10,00
34,6 a 35,0	35,0	24,5	10,00
35,1 a 35,5	35,5	25,0	10,00
35,6 a 36,0	36,0	25,5	10,00
36,1 a 36,5	36,5	26,0	10,00
36,6 a 37,0	37,0	26,5	10,00
37,1 a 37,5	37,5	27,0	10,00
37,6 a 38,0	38,0	27,5	10,00
38,1 a 38,5	38,5	28,0	10,00
38,6 a 39,0	39,0	28,5	10,00
39,1 a 39,5	39,5	29,0	10,00
39,6 a 40,0	40,0	29,5	10,00
40,1 a 40,5	40,5	30,0	10,00
40,6 a 41,0	41,0	30,5	10,00
41,1 a 41,5	41,5	31,0	10,00
41,6 a 42,0	42,0	31,5	10,00

TABELA PARA OBTER O PESO HECTOLÍTRICO DO TRIGO							
Gramas	PH	Gramas	PH	Gramas	PH	Gramas	PH
140,0	55,00	158,0	62,06	176,0	69,60	194,0	77,70
140,5	55,20	158,5	62,26	176,5	69,85	194,5	77,90
141,0	55,40	159,0	62,46	177,0	70,05	195,0	78,15
141,5	55,60	159,5	62,65	177,5	70,30	195,5	78,35
142,0	55,80	160,0	62,85	178,0	70,50	196,0	78,60
142,5	56,00	160,5	63,04	178,5	70,75	196,5	78,80
143,0	56,20	161,0	63,24	179,0	70,95	197,0	79,00
143,5	56,40	161,5	63,44	179,5	71,20	197,5	79,25
144,0	56,55	162,0	63,63	180,0	71,40	198,0	79,45
144,5	56,75	162,5	63,83	180,5	71,65	198,5	79,70
145,0	56,95	163,0	64,03	181,0	71,85	199,0	79,90
145,5	57,15	163,5	64,22	181,5	72,10	199,5	80,15
146,0	57,35	164,0	64,42	182,0	72,30	200,0	80,35
146,5	57,50	164,5	64,62	182,5	72,50	200,5	80,60
147,0	57,70	165,0	64,81	183,0	72,75	201,0	80,80
147,5	57,90	165,5	65,01	183,5	72,95	201,5	81,05
148,0	58,10	166,0	65,20	184,0	73,20	202,0	81,25
148,5	58,30	166,5	65,40	184,5	73,40	202,5	81,50
149,0	58,50	167,0	65,60	185,0	73,65	203,0	81,70
149,5	58,70	167,5	65,80	185,5	73,85	203,5	81,95
150,0	58,90	168,0	66,00	186,0	74,10	204,0	82,15
150,5	59,10	168,5	66,25	186,5	74,30	204,5	82,40
151,0	59,30	169,0	66,45	187,0	74,55	205,0	82,65
151,5	59,50	169,5	66,70	187,5	74,75	205,5	82,90
152,0	59,70	170,0	66,90	188,0	75,00	206,0	83,10
152,5	59,80	170,5	67,15	188,5	75,20	206,5	83,25
153,0	60,10	171,0	67,35	189,0	75,45	207,0	83,55
153,5	60,30	171,5	67,60	189,5	75,65	207,5	83,80
154,0	60,50	172,0	67,80	190,0	75,90	208,0	84,05
154,5	60,70	172,5	68,05	190,5	76,10	208,5	84,25
155,0	60,90	173,0	68,25	191,0	76,35	-	-
155,5	61,10	173,5	68,50	191,5	76,55	-	-
156,0	61,28	174,0	68,70	192,0	76,80	-	-
156,5	61,47	174,5	68,95	192,5	77,00	-	-
157,0	61,67	175,0	69,15	193,0	77,25	-	-
157,5	61,87	175,5	69,40	193,5	77,45	-	-

TAXA DE SECAGEM - REGIÃO RS		
UMIDADE	CONSIDERE	PREÇO P/60 Kg
Até 13,4 s/desconto
13,5 a 14,0	14,0	Cr\$ 3,70
14,1 a 14,5	14,5	Cr\$ 3,90
14,6 a 15,0	15,0	Cr\$ 4,10
15,1 a 15,5	15,5	Cr\$ 4,30
15,6 a 16,0	16,0	Cr\$ 4,50
16,1 a 16,5	16,5	Cr\$ 4,70
16,6 a 17,0	17,0	Cr\$ 4,90
17,1 a 17,5	17,5	Cr\$ 5,10
17,6 a 18,0	18,0	Cr\$ 5,30
18,1 a 18,5	18,5	Cr\$ 5,50
18,6 a 19,0	19,0	Cr\$ 5,70
19,1 a 19,5	19,5	Cr\$ 5,90
19,6 a 20,0	20,0	Cr\$ 6,10
20,1 a 20,5	20,5	Cr\$ 6,30
20,6 a 21,0	21,0	Cr\$ 6,50
21,1 a 21,5	21,5	Cr\$ 6,70
21,6 a 22,0	22,0	Cr\$ 6,90
22,1 acima.....	Cr\$ 7,50

TABELA PARA DESCONTOS DE IMPUREZAS
Amostras de 500 gramas

Gramas	Desc. %	Gramas	Desc. %	Gramas	Desc. %	Gramas	Desc. %
5	-	54	9,8	103	19,6	152	29,4
6	0,2	55	10,0	104	19,8	153	29,6
7	0,4	56	10,2	105	20,0	154	29,8
8	0,6	57	10,4	106	20,2	155	30,0
9	0,8	58	10,6	107	20,4	156	30,2
10	1,0	59	10,8	108	20,6	157	30,4
11	1,2	60	11,0	109	20,8	158	30,6
12	1,4	61	11,2	110	21,0	159	30,8
13	1,6	62	11,4	111	21,2	160	31,0
14	1,8	63	11,6	112	21,4	161	31,2
15	2,0	64	11,8	113	21,6	162	31,4
16	2,2	65	12,0	114	21,8	163	31,6
17	2,4	66	12,2	115	22,0	164	31,8
18	2,6	67	12,4	116	22,2	165	32,0
19	2,8	68	12,6	117	22,4	166	32,2
20	3,0	69	12,8	118	22,6	167	32,4
21	3,2	70	13,0	119	22,8	168	32,6
22	3,4	71	13,2	120	23,0	169	32,8
23	3,6	72	13,4	121	23,2	170	33,0
24	3,8	73	13,6	122	23,4	171	33,2
25	4,0	74	13,8	123	23,6	172	33,4
26	4,2	75	14,0	124	23,8	173	33,6
27	4,4	76	14,2	125	24,0	174	33,8
28	4,6	77	14,4	126	24,2	175	34,0
29	4,8	78	14,6	127	24,4	176	34,2
30	5,0	79	14,8	128	24,6	177	34,4
31	5,2	80	15,0	129	24,8	178	34,6
32	5,4	81	15,2	130	25,0	179	34,8
33	5,6	82	15,4	131	25,2	180	35,0
34	5,8	83	15,6	132	25,4	181	35,2
35	6,0	84	15,8	133	25,6	182	35,4
36	6,2	85	16,0	134	25,8	183	35,6
37	6,4	86	16,2	135	26,0	184	35,8
38	6,6	87	16,4	136	26,2	185	36,0
39	6,8	88	16,6	137	26,4	186	36,2
40	7,0	89	16,8	138	26,6	187	36,4
41	7,2	90	17,0	139	26,8	188	36,6
42	7,4	91	17,2	140	27,0	189	36,8
43	7,6	92	17,4	141	27,2	190	37,0
44	7,8	93	17,6	142	27,4	191	37,2
45	8,0	94	17,8	143	27,6	192	37,4
46	8,2	95	18,0	144	27,8	193	37,6
47	8,4	96	18,2	145	28,0	194	37,8
48	8,6	97	18,4	146	28,2	195	38,0
49	8,8	98	18,6	147	28,4	196	38,2
50	9,0	99	18,8	148	28,6	197	38,4
51	9,2	100	19,0	149	28,8	198	38,6
52	9,4	101	19,2	150	29,0	199	38,8
53	9,6	102	19,4	151	29,2	200	39,0

cooperativa regional tritícola serrana ltda.
COTRIJUI RECIBO DE ENTREGA DE PRODUTOS Nº 30074

1ª VIA
DATA: 11.10.78 MUNICÍPIO: Ijuí
MODALIDADE: Pico Especificado UNIDADE: 01 - IJUI
ASSOCIADO: Anibal Desiderio Contri
INSCR. EST. 0651029414 PRODUTO: Trigo

BRUTO 08410kg 1 001 030074 11 X 79
TARA 04960kg 0 000 030074 11 X 79

DADOS	VALORES
MATRÍCULA	89402
N. F. PRODUTOR	442111
SACARIA	0
UMIDADE (grau)	18,0
IMPUREZA (gramas)	14,0
Q. TÉCNICA	1%
P.M. INICIAL (gramas)	158,0

SACARIA	
HISTÓRICO	RECEBIDA
NOVA	
1º USO	
TOTAL	

SEMENTES	
VARIEDADE	LOTE Nº

DADOS DO TRANSPORTADOR:
PLACA VEÍCULO: FF-1688
MUNICÍPIO: Ijuí
NOME: Anibal
Nº DO EMPREITEIRO:

ENTREGADOR: Anibal Desiderio Contri
PESADOR: Peri
AMOSTRADOR: Catanino
ESPECIFICADOR:

OBS: ESTE DOCUMENTO SERÁ COMPLEMENTADO POR POSTERIOR FISSÃO DE NOTA FISCAL DE ENTRADA POR PROCESSAMENTO DE DADOS.
MOD. 234 - 01 - IJUI - 00001 e 90000 - 03/78 - GESA - Corr. - RJ

Na entrega do produto, o associad'o recebe o REP (Recibo de Entrega do Produto), conforme o modelo acima. A Nota Fiscal é expedida depois, pelo computador. De posse do REP e da Nota (que aparece abaixo) o produtor deve comparar os números, usando as tabelas. O específico aparece no REP: o PH Inicial (em gramas) é 158,0. Na Nota está 62,06 pontos. Tanto no REP como na Nota aparecem 18 graus de umidade que, observando na tabela, correspondem a 5,7% de desconto e a 4,00 de aumento no PH. A impureza também aparece em gramas no REP, mas na Nota já está convertida em porcentagem a ser descontada, no caso, 2,4%.



cooperativa regional tritícola serrana ltda.
POSTO = 01 ** IJUI

POSTO: IJUI
ENDEREÇO: AV. PORTO ALEGRE, 995 S. SUL
CGCMF: 90.726.506.0016-51
NATUREZA: RECEBIMENTO

CIDADE: IJUI
CGCIM: 065-001856-7
TRANSP.: RODOVIÁRIO

RECEBIDO DE
NOME: ANIBAL DESIDERIO CONTRI
ENDEREÇO: DR. BOZANO
MUNICÍPIO: IJUI
CGCMF:

MATRÍCULA: 894.02
CIDADE: IJUI
ESTADO: RS
CGCIM: 065.102.941

NOTA FISCAL DE ENTRADA
SÉRIE ÚNICA
NÚMERO 020851
DATA EMIS. 12/10/79
1ª VIA - ASSOCIADO

PRODUTO	MODALIDADE	UNID.	P.H. %	G.UMID.%	IMP.%	SACARIA	BRUTO	TARA	PESO LÍQUIDO	PREÇO UNITÁRIO	PREÇO TOTAL
TRIGO I.	PR.ESPEC.	KG									
	INICIAL		62,06								
	AUMENTO		4,00								
	SOMA		66,06								
	CORRIGIDO		66,00	18,0	2,4		8.410	4.860	3.550	P/ 60KG	272,00

DESCONTOS										
UMIDADE	IMPUREZA	SACARIA	Q. TÉCNICA					PESO DESCONTOS	PESO TOTAL	VALOR LÍQUIDO
202	85		33					320	3230	14.642,66

DEDUÇÕES											
CAPITAL		FUNRURAL		CUSTEIO						TOTAL DEDUÇÕES	
TAXA	VALOR	TAXA	VALOR	TAXA	VALOR	TAXA	VALOR	TAXA	VALOR	TAXA	VALOR
										0,00	

N.FISCAL PRODUTOR 442111
RECIBO ENTREGA Nº 30074 DATA 11/10/79

CRÉDITO DE I.C.M., QUANDO DE DIREITO, CALCULADO A ALÍQUOTA DE % - Cr\$

VALOR DA NOTA
14.642,66

TRANSPORTADOR: FUNRURAL - RETENÇÃO E RECOLHIM. DE RESPONSABILIDADE DA COTRIJUI
ENDEREÇO: FUNRURAL - RETENÇÃO E RECOLHIM. DE RESPONSABILIDADE DA COTRIJUI
PLACA VEÍCULO: MUNICÍPIO: ESTADO:

EMITIDA EM 4 VIAS POR PROCESSAMENTO DE DADOS

LÁ SE FOI A SAFRA

Era até de estranhar. O trigo vinha se comportado bem este ano. Cresceu parelho, teve boa germinação, perfilhou bonito e não estava sofrendo nenhum ataque de pragas ou doenças que pudessem preocupar. As previsões eram de uma super-safra. Mas veio a geada, o vento, o granizo, a chuva. O que não morreu com a geada, acamou com o vento, foi derrubado pelo granizo e começou a sentir as conseqüências de um período extremamente chuvoso: as moléstias fúngicas. "O trigo já está colhido", diz muito agricultor por este interior a fora, numa clara interpretação de que até os gastos de colheita podem ser um dinheiro perdido.

As geadas prejudicaram bastante o trigo mais do tarde. E as lavouras mais do cedo foram atingidas pelas chuvas que ocorreram em fins de setembro e início do mês de outubro. Acrescente-se a isso, os ventos fortes e granizo em muitas regiões do Rio Grande do Sul.

Realmente, o agricultor está com pouca sorte, também em relação as condições climáticas.

Na área da Cotrijuí, os prejuízos ainda não foram totalmente levantados, segundo informou o agrônomo Alberto Parenti Filho. Em Ijuí foram realizadas 89 vistorias pelo Departamento Técnico da Cotrijuí, que considerou em torno de 60 por cento as perdas desta safra. Nas demais unidades da Região Pioneira os prejuízos devem ser semelhantes, pelo que os técnicos têm observado. Em Dom Pedrito, onde as lavouras não foram muito atingidas, as quebras **estão** avaliadas em 15 por cento.

Os 229.500 hectares plantados na Região Pioneira deveriam render cerca de 5 milhões de sacos

de trigo, o que nem de longe será alcançado. A colheita está iniciando sem perspectivas de bons resultados.

SEMENTE: PREOCUPAÇÃO

Uma das grandes preocupações é com o trigo para semente. Os agricultores pediram ao Ministro da Agricultura Amaury Stábile, quando ele veio a Ijuí verificar a extensão dos prejuízos, a prorrogação do prazo para a inscrição dos produtores que não estão relacionados pela CESM (Comissão Estadual de Sementes e Mudas). Parenti diz que mesmo "sem uma resposta oficial confirmando essa liberação no prazo, nós já estamos fazendo uma campanha entre os associados: quem tiver lavoura em boas condições deve nos avisar para que sejam vistoriadas, tendo como objetivo a semente".

O agrônomo Sidney Gervini de Souza não está muito otimista:

— "Poucas lavouras estão em condições de fornecer semente. Nós estamos, desta vez, solicitando ao governo uma liberação

total para ter todo o prazo necessário a fim de julgar e revisar as lavouras que ainda podem fornecer sementes".

A previsão de produção de semente de trigo na Região Pioneira e Dom Pedrito era de 500 mil sacos de 50 quilos. Depois de tantos prejuízos, Sidney acha difícil fazer uma estimativa, "porque não é só quebra no rendimento, temos que considerar a qualidade".

Na Região do Mato Grosso do Sul também ocorreram geadas, chuvas e ventos fortes em algumas áreas, mas as perdas ficaram em torno de 30 a 40 por cento. O trigo, plantado em fevereiro e março, já foi todo colhido, em agosto e setembro. Ainda não se tem dados exatos sobre a área plantada, mas a Cotrijuí recebeu, nas suas unidades, (Dourados, Maracajú, Rio Brillante e Sidrolândia) um total de 45.222.441 toneladas de trigo nesta última safra.

PROAGRO

É grande o número de associados que já pediu vistoria, através do Departamento de Crédito da Co-



O que não morreu com a geada, acamou com a chuva.

otrijuí, ao PROAGRO (Programa de Garantia de Atividade Agropecuária), que está cobrindo 80 por cento dos prejuízos. Por exemplo: se um agricultor financiou Cr\$ 120 mil e a safra rendeu apenas Cr\$ 20 mil, dos Cr\$ 100 mil que ficar devendo, o PROAGRO indeniza Cr\$ 80 mil, sendo que os Cr\$ 20 mil restantes ficam por conta do agricultor.

Quando da visita do ministro da Agricultura, a Ijuí, dia 9 de outubro, os agricultores solicitaram uma cobertura de 100 por cento pelo PROAGRO. Mas esta reformulação, segundo Stábile, deverá ocorrer apenas no próximo ano.

Até o dia 12 de outubro, haviam sido feitos 1.495 comunicados na unidade de Ijuí, de um total de 1.669 contratos. Em toda a Região Pioneira, dos 5.370 contratos, já haviam sido encaminhados

3.789 pedidos de vistoria ao PROAGRO.

REVISÃO DO PREÇO

Pelos cálculos feitos na Cooperativa, o preço do trigo deveria ser de Cr\$... 437,66, no caso de uma colheita de 22 sacos por hectare. O custo de produção foi calculado em Cr\$ 7.399,66 por hectare. Este estudo de custo de produção, mais a relação dos comunicados de PROAGRO, foram entregues pelo presidente da Cotrijuí ao ministro da Agricultura, solicitando uma revisão no preço do trigo, que está em Cr\$... 324,00.

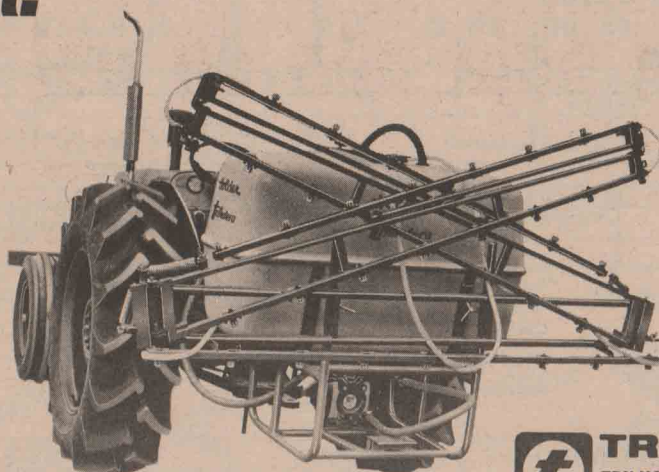
O ministro não prometeu nada em termos de preço, apenas insistiu na necessidade de continuar plantando trigo, apesar das frustrações, porque "o governo vai dar todo o apoio".

Mesmo assim, será que vale a pena?

EXIJA O MELHOR: Pulverizador HOLDER/TRILHOTERO.

COMPARE:

- Sistema exclusivo de abastecimento, que impede a contaminação da água da fonte abastecedora.
- Barras de aspersão dobráveis, de 6, 8 ou 10 metros, com distância entre bicos de 50 cm ou 25 cm.
- Bomba modelo K-60 de grande capacidade (60 litros por minuto).
- Instrumental de manejo de grande precisão e durabilidade.
- Assistência Técnica e peças de reposição em todo o território brasileiro.



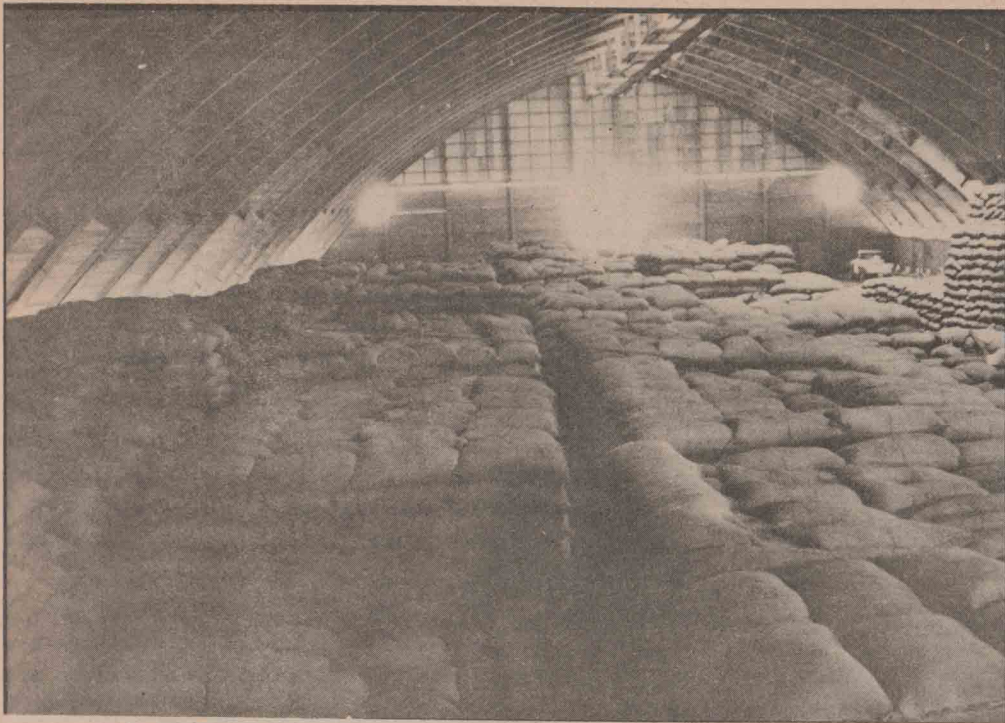
TRILHOTERO

TRILHO OTERO INDÚSTRIA DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS LTDA.
Rua Dona Teodora, 1461 - Caixa Postal 1125
90.000 PORTO ALEGRE - RS - Brasil
Telefone (0512) 42-3366 - Telex 051-1035 OTER BR
Endereço Telegráfico: TRILHOTERO

PROTEÇÃO SEM POLUIÇÃO

PULVERIZADORES





O inoculante já está incluído no preço da semente certificada

inoculante nunca deve ser misturado na própria semeadeira e, muito menos, a seco. Outra coisa é que esta mistura deve ser feita em lugar que tenha sombra. O Volney explica:

— Como o inoculante é uma bactéria, um ser vivo, deve ser conservada em lugar fresco e seco. Se pegar um soláço, que pode ser comum durante o transporte, ele já não age tão bem, perdendo sua eficiência. E tem mais: guardando de um ano para o outro também já não serve mais.

ECONOMIA DE CALCÁREO

Quando começou a Operação Tatu, lá por 1968, o calcáreo foi elevado à categoria de salvador da Pátria: recuperava terra onde não crescia nem mais barba de bode. E o pessoal botava calcáreo na terra. Quanto mais melhor, alguns até pensavam. Hoje se vê que não é bem assim. Precisa recuperar a terra, corrigir sua acidez para poder plantar soja, aplicando calcáreo no solo. Mas tudo que é demais bem não faz, dizem . . . Para o calcáreo isto serve. Hoje se está vendendo, principalmente nas lavouras de trigo, que este excesso faz mal. Já está mais do que comprovado que o calcáreo é o grande responsável pelo aparecimento do chamado "mal do pé" no trigo, doença que apareceu este ano em quantidade de lavoura.

O problema é o excesso e má in-

corporação do calcáreo. É por isto que os técnicos andam recomendando aplicar o produto apenas nas linhas. Isto não é novidade nenhuma para muito agricultor. E vantagem tem de sobra: primeiro reduz a quantidade de calcáreo que é preciso comprar. No lugar de três ou quatro toneladas por hectare — que dão aquele trabalho para incorporar — se precisa apenas uns 300 quilos. Se esta vantagem não chega tem ainda aquela relacionada à cultura do trigo, onde os trabalhos de aparecimento de doenças da raiz (como o mal do pé) são atribuídas ao elevado pH do solo. O Volney, de novo, é quem explica:

— Com calcáreo na linha se faz uma correção localizada, aumentando aos poucos o pH do solo.

Atualmente já existem até mesmo máquinas que trabalham muito bem para esta aplicação. Elas têm três caixas (uma para semente, outra para o adubo e uma terceira para o calcáreo). Só o que não pode é improvisar a maquinaria, misturando, por exemplo, o calcáreo com o adubo na mesma caixa. Segundo o Volney isto vai provocar uma reação do fósforo que existe nos adubos:

— É que serão formados fosfatos de cálcio, que não são aproveitados pela planta, e totalmente eliminada a ação do fósforo, que é exatamente o elemento mais necessário para o nosso tipo de solo.

Dicas Técnicas

Os chamados adubos bio-estimulantes (como o Agrostemin) além de não apresentarem vantagem nenhuma em seu uso são ainda muito mais caros que os adubos comuns. Seis trabalhos apresentados na 7ª Reunião Conjunta da Soja, realizada em julho em Porto Alegre, demonstraram que estes adubos não têm qualquer efeito num aumento de produtividade.

A pesquisa também não recomenda o uso de adubos foliares. É um assunto que deve ser mais estudado, como diz o agrônomo Luiz Volney de Mattos Viau. Ele sugere que o próprio agricultor faça em pequenas partes das lavouras uma aplicação destes adubos para que possa tirar suas conclusões. Ele é mais caro que os adubos de aplicação durante o plantio, o que eleva bastante os custos da lavoura para apresentar os mesmos resultados.

Os melhores resultados da pesquisa, em relação ao espaçamento ideal para o plantio da soja apresentam três alternativas: a primeira é de manter uma distância entre linhas de 60 centímetros; outra de uma distância de 36 centímetros, o que pode ajudar, inclusive, no controle de ervas daninhas, pois com o crescimento da planta, as folhas da soja abafam e impedem o desenvolvimento das ervas. Uma terceira alternativa é realizar um plantio em linhas pareadas, plantando duas carreiras distanciadas em 17 centímetros uma da outra e deixando um espaço de 68 centímetros entre as duas linhas seguintes, que também terão entre uma e outra a distância de 17 centímetros. Neste caso se usa de 17 a 18 sementes por metro linear. Veja o esquema:



A melhor profundidade de plantio está compreendida entre os 5 e os 7,5 centímetros. Quando o solo estiver com bastante umidade a semente pode ser colocada um pouco mais rasa, numa profundidade de 2,5 centímetros.

Para o controle do leiteiro é preciso observar muito bem a hora de aplicação do veneno específico para esta praga. Depois de várias experiências a conclusão é que nas primeiras horas da manhã este controle é mais eficiente. Isto porque a umidade relativa do ar é mais alta, o que favorece a distribuição das gotas pulverizadas na folha.

Os defensivos nunca podem ser aplicados preventivamente. Tem muito agricultor que mal vê uma ou duas lagartas na lavoura e já começa a esparramar veneno por tudo quanto é canto. Hoje se sabe que a soja pode aguentar, perfeitamente bem, um desfolhamento de até 30 por cento. Ao passar o defensivo só para prevenir um ataque intenso de pragas o que se consegue, muitas vezes, é matar todos os inimigos naturais destas pragas que, por si só, poderiam ter evitado um ataque prejudicial à planta.

Numa experiência que foi conduzida para determinar as populações de inimigos naturais isto ficou bem claro. Este ensaio aconteceu no município de Guaíba, perto de Porto Alegre. Ali foram encontradas 15 espécies diferentes de inimigos naturais e analisadas duas áreas de soja, cada uma com 1.800 metros quadrados. Numa área se aplicou defensivos e na outra não. Onde ele foi aplicado, os técnicos só encontraram 1.472 inimigos. Onde não foi aplicado defensivo o número era bem maior: 2.292 das diferentes espécies.

“Só com soja não se vai prá frente”

O Abel Rolim dos Santos, que planta 250 hectares de soja em Maracajú, no Mato Grosso, acha que por lá a soja não vai dominar as lavouras como aconteceu no Sul, de onde saiu há seis anos:

— Pelas minhas contas, 80 por cento do pessoal, e posso atestar, está plantando milho e fazendo alguma criação para tirar as despesas. A soja, é claro, é a lavoura principal. Mas até os grandes fazem outra coisa. Eles criam gado para se defender.

Quando Abel foi para o Mato Grosso, onde arrenda 400 hectares, só plantava arroz. Deixou de lado, pois mais frustrava do que dava. Ficou só no trigo e soja e alguma

coisinha de lavoura para se defender. Acredita agora bastante no milho, confiando num preço firme, o que até agora nunca aconteceu:

— Não é bom ficar só na soja, mesmo que seja a lavoura principal. E soja tem que plantar mesmo, porque ainda está sendo um alto negócio, tanto para o país como para o exterior. É financiamento bom, preço bom . . . Mas no Sul tem que mudar, porque o lavoureiro pequeno precisa criar porco, plantar milho, feijão para não viver só da planta de soja. No Mato Grosso também, porque senão vai ser uma crise que nem a do Sul.

O seu João Grott, lá da Linha São José, em Chiapetta, acha que melhor planta que a soja não tem:

— É a mais forte de todas. Não dá nem para comparar com o milho, com o feijão, com o arroz. O danado é o tempo que não ajudou o colono nos últimos anos.

Em frustração, seu Grott não quer nem ouvir falar de novo. Seria azar demais. Em todo caso, não vai arriscar só na soja, como muita gente andou fazendo desde que descobriu que a soja aguenta muito mais este clima tão louco:

— Tem que plantar de tudo um pouco. Antes quase só se plantava milho e depois só se plantava soja. Se todo mundo planta só trigo e soja não se vai mais prá frente. Agora, deixar de plantar soja não pode. Tem que plantar prá ir se fazendo. Mas não se pode esquecer mais do milho, do porco, do feijão, do arroz — que tem que ser na várzea, ou então nem plantar — da mandioca, de todas aquelas plantas que se tinha antigamente.

COM A TERRA NÃO SE BRINCA

Todo ano, quando chega a época de plantio — seja de soja, de trigo, de milho ou outra cultura — fica mais evidente a preocupação de muitos técnicos: ao mexer no solo a maioria do agricultor ajuda a acelerar o processo de erosão da terra.

É que desde o início aprendemos a trabalhar mal este solo. Primeiro pela própria forma de encarar a sua função: a terra é vista apenas como um lugar onde se deposita a semente e se desenvolve a planta, sem considerar sua estrutura e a intensa vida microbiana que ela abriga. Depois porque herdamos de nossos pais, avós e bisavós, uma idéia errada de preparação do solo. A maioria deste pessoal veio da Europa, onde o clima é muito frio e durante o inverno a terra fica coberta por uma camada de neve. Eles aprenderam, e nos ensinaram, que é preciso mexer bastante na terra para quebrar a "dureza" provocada pelo frio. E isto para os solos brasileiros, em sua maioria, não serve.

Um preparo intenso do solo, com lavrações e várias discações, ajuda a destruir a estrutura do solo. Ele fica virado num pó (e tem muita gente que pensa que quanto menor forem suas partículas mais bem preparada está a terra) que é



Se confunde bom preparo com preparo excessivo.

levado de vereda com qualquer chuvinha. Quando a chuva é mais forte, então, é um desastre. Enquanto na superfície a terra fica puro pó, logo mais abaixo fica formada uma camada compacta provocada exatamente pelo grande número de passagens de máquinas pelo terreno. E isto acontecendo, safra após safra, com o mesmo tipo de equipamento e sempre na mesma profundidade, não só acaba com o solo como prejudica o próprio desenvolvimento da planta.

Esta camada compacta diminui a capacidade de drena-

gem do solo nas épocas de muita chuva, atrapalhando com isso o desenvolvimento das raízes da planta. Além disso em épocas de seca ele não deixa que a planta retire a água que existe nas camadas mais profundas do solo. Deste jeito, ela sofre muito mais os efeitos da falta de chuva.

CONSERVAR AO PREPARAR

É por isto que os técnicos dizem que nunca se deve só pensar em preparar a terra. O aspecto de conservação do solo nunca deve ser esquecido mesmo porque, sem procurar conservar a terra, daqui a pouco não se terá mais terra para preparar. Houve tempos que se pensava que fazer terraços já era o suficiente para impedir que as chuvas carregassem a terra lavroua a fora. Hoje se sabe que não é bem assim. Os rios estão cada vez mais barrentos, qualquer chuvinha provoca uma inundação dos açudes, deixa as estradas intrafegáveis. É a terra que está sendo levada embora, bem embaixo dos nossos olhos.

O agrônomo Luiz Volney de Mattos Viau explica que isto tudo é o resultado de um mau trabalho de conservação de solo ou melhor, da falta dele:

— Em primeiro lugar jamais se deve deixar a terra descoberta. E isto muita gente deixa, queimando as restevas ou mesmo preparando a terra com muita antecedência.

Queimar a resteva é realmente um crime. Além de desperdiçar um excelente adubo orgânico, que é a palha da cultura anterior, o agricultor que adota esta prática está ajudan-

do a botar sua terra fora. É que o solo desprotegido sofre muito mais intensamente a ação das chuvas e dos próprios ventos, que são os causadores da erosão. Também o fato de deixar o solo pronto para o plantio muito tempo antes da época necessária é chamar a erosão. Se vem uma chuvarada lá se foi todo trabalho e parte da terra.

Mesmo com todas recomendações dos técnicos muita gente não se convence desta realidade. Na época de preparar a terra para a soja, então, é muito pior. Os agricultores se queixam que a palha do trigo atrapalha o trabalho de lavração, embuchando seguido as máquinas. Mas o que será que mais vale a pena? Demorar um pouco mais no preparo da terra ou simplesmente se arriscar a não ter mais terra daqui a algum tempo?

E OS IMPLEMENTOS?

Uma recomendação que os técnicos andam fazendo é, em primeiro lugar, não preparar excessivamente a terra. E como isto? Inicialmente não queimando a resteva, preferindo sempre usar implementos que deixem estes restos na superfície do solo. Outra coisa importante é não correr com o trator durante o serviço e evitar a passagem desnecessária de máquinas na lavroua. É melhor também não trabalhar enquanto a terra ainda estiver muito úmida ou seca.

E qual implemento é melhor usar? Nos locais onde existir a camada compacta, explica o agrônomo Rivaldo Dhein, deve ser feita uma subsolagem

com o pé de pato. Mas usando o pé de pato como pé de pato mesmo, rasgando profundamente o solo para romper a camada compacta:

— Este implemento não deve ser usado para lavar o solo, enterrado na mesma profundidade dos arados de discos. Deve ser bem mais profundo para permitir a infiltração da água da chuva, o que reduz a erosão do solo, e também facilita a penetração de ar no solo e o próprio enraizamento da planta.

Quando a camada compacta ainda não é um problema, devem ser empregados implementos que não favoreçam intensivamente sua formação. Assim, é preferível usar uma grade de dentes no lugar de uma de discos. Conta o Rivaldo:

— A grade de dentes prejudica menos o solo, porque ela não tem aquele movimento rotativo dos discos, que provocam a compactação. Além disso, ela não desestrutura tanto o solo, pois não revolve tão bruscamente a terra.

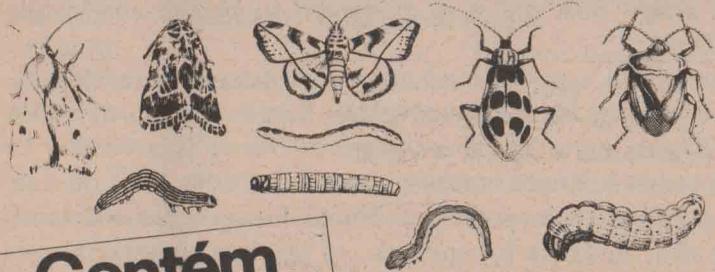
Mas não é por isto que vamos pôr fora, de uma hora para a outra, as grades de discos. É só regular mais adequadamente, deixando-as mais fechadas e trabalhando em baixa velocidade.

Outra coisa: terra que não será plantada não deve nem ser mexida. O pessoal costuma lavar a terra depois da colheita para evitar que os inços tomem conta da lavroua. Fazendo assim estão ajudando a diminuir a resistência do solo à erosão, como explica o Rivaldo:

— É preferível ficar com a terra inçada a deixá-la descoberta, sem nenhuma proteção vegetal durante o pousio. E é também menos prejudicial os efeitos dos herbicidas para o controle destes inços de que os da erosão. Mas o ir portante mesmo é a realização de um sistema de rotação de culturas, onde se alterne, de preferência, estas culturas anuais, de trigo, soja, milho, com pastagens.

O Rivaldo explica que o pastoreio dos animais traz uma grande contribuição ao elevar, através dos excrementos e urina, que ficam depositados na terra os níveis de fertilidade do solo. Isso como uma vantagem adicional, pois apenas o cultivo de diferentes plantas na mesma área já impede que o solo seja exigido sempre da mesma maneira, o que acelera a sua desestruturção.

O maior inimigo destas pragas está nos melhores inseticidas.



Contém Toxaphene®

O inseticida eficaz, econômico e biodegradável.

O maior inimigo destas pragas é Toxaphene, um produto de origem vegetal que faz parte dos melhores inseticidas fabricados neste País.

Toxaphene possui moderada toxicidade, é biodegradável, sendo rapidamente metabolizado e excretado pelos organismos vivos, e degradado no solo, ar e água.

Em outras palavras: Toxaphene é mortal para as pragas e inofensivo para sua lavroua. Usado de acordo

com as recomendações (1 a 4 kg por hectare), Toxaphene é bem econômico: aumenta o intervalo entre as aplicações e reduz o custo de produção.

Toxaphene é versátil pois permite a sua aplicação em UBV, CE e pós, quer só, quer em misturas formuladas ou de tanque com outros pesticidas.

Toxaphene é o inimigo certo das principais pragas que atacam as lavrouas de algodão, soja, feijão, trigo, arroz, amendoim, milho, etc.

Use Toxaphene e comprove.

Produzido pela **AGROQUISA S.A.**
Uma empresa Matarazzo.

Distribuído pela **HERCULES**

Os defensivos são uma arma para combater os insetos. Mas só os insetos. Cuide de você ao aplicá-los na lavroua.

PLANTIO DIRETO X CONVENCIONAL

Nesta história de conservação de solo tem apresentado bons resultados a adoção do sistema de plantio direto. Em princípio porque com ele se movimenta pouco o solo, o que já é uma garantia contra a erosão. Este sistema de plantio já é bastante difundido, mesmo que em alguns casos não seja o aspecto de conservação do solo o mais considerado pelos produtores que deixam para trás o plantio convencional. É que o plantio direto economiza, em muito, o tempo de trabalho, pois se elimina todo serviço de aração e gradeação da terra.

Para adotar o plantio direto é preciso ter uma plantadeira especial ou então adaptar estas convencionais, substituindo os discos por um aradinho que, às vezes, já acompanha a semeadeira. Mas não são todas as marcas que permitem esta adaptação (veja com os técnicos quais são elas) e também não é com qualquer trator que se movimenta estes equipamentos. É preciso um pouco mais de potência pois a terra é arada, adubada e semeada ao mesmo tempo. É por isto que, normalmente, o plantio direto é mais recomendado para áreas maiores, com 100 hectares para cima, em média. Nas áreas menores os agricultores têm mais tempo para cuidar e preparar convenientemente sua terra. Isso sem contar que, não compensa investir num trator de grande potência para cultivar menos de 100 hectares.

Além da rapidez no trabalho e da proteção contra a



Com o plantio direto, o solo conserva mais umidade

erosão, o plantio direto traz ainda outros aspectos positivos: uma germinação mais rápida da semente, pois ela se localiza em condições de maior umidade no solo, que é conservada ao se evitar a lavração e a gradeagem; redução nos investimentos em máquinas, por dispensar o uso de arados, grades, etc e ainda economia de combustível e mão-de-obra.

O setor de Planejamento do Departamento Técnico da Cotrijuí fez uma análise comparativa entre os custos do plantio direto e do convencional, considerando, em ambos os casos a aplicação de herbicidas para o controle de ervas daninhas de folhas largas e estreitas. O cálculo considerou a utilização dos seguintes equipamentos: um trator com 75 CV; um subsolador de 7 ferros; grade aradora de 24 discos; grade niveladora de 32 discos; pulverizador de 600 litros e semeadeira de 5 linhas.

Os valores estabelecidos são o resultado de um trabalho de contabilidade que calculou os custos de produção, levando em consideração o investimento feito com estes equipamentos, depreciação, juros com financiamentos, etc. Estes cálculos é que determinaram, por exemplo, que o custo do trabalho de uma hora de um trator, alcança o valor de Cr\$ 167,37.

No final das contas, como pode ser visto nos quadros ao lado, o plantio direto representa um custo por hectare mais alto do que o convencional.

A culpa é dos herbicidas. Mas sem eles não existe plantio direto, pois esta é a única forma de controlar os inços, já que a terra não é revolvida antes do plantio. Pela primeira fórmula de cálculo, os herbicidas representam 81,44 por cento do custo, enquanto pela segunda já chega a 84,51 por cento.

PLANTIO CONVENCIONAL

1 - OPERAÇÕES MECÂNICAS

subsolação:	1,00 hora de trator a Cr\$ 167,37	Cr\$ 167,37
	1,00 hora de subsolador a Cr\$ 32,92	Cr\$ 32,92
gradeação:	0,89 hora de trator a Cr\$ 167,37	Cr\$ 148,96
	0,89 hora de subsolador a Cr\$ 53,75	Cr\$ 47,84
aplicação de:	1,43 hora de trator a Cr\$ 167,37	Cr\$ 239,34
	0,61 hora de pulverizador a Cr\$ 48,80	Cr\$ 29,79
herbicidas	0,82 hora de grade niveladora a Cr\$ 44,87	Cr\$ 36,79
semeadura:	0,73 hora de trator a Cr\$ 167,37	Cr\$ 122,18
	0,73 hora de semeadeira a Cr\$ 92,84	Cr\$ 67,77
	SUB-TOTAL 1	Cr\$ 892,96

2 - MÃO-DE-OBRA

	5,39 hora homem a Cr\$ 10,50	Cr\$ 56,60
--	------------------------------	------------

SUB-TOTAL 2 Cr\$ 56,60

3 - PRODUTOS HERBICIDAS

Trifluralina:	1,5 litros/ha a Cr\$ 158,00/litro	Cr\$ 237,00
Metribuzin :	0,5 kg/ha a Cr\$ 895,00/kg	Cr\$ 447,50
	SUB-TOTAL 3	Cr\$ 684,50

TOTAL GERAL PARA 1 HA PLANTIO

CONVENCIONAL Cr\$ 1.634,06

PLANTIO DIRETO

1 - OPERAÇÕES MECÂNICAS

aplicação de:	0,61 hora de trator a Cr\$ 167,37	Cr\$ 102,90
herbicidas	0,61 hora de pulverizador a Cr\$ 48,80	Cr\$ 29,79
semeadura:	1,00 hora de trator a Cr\$ 167,37	Cr\$ 167,37
	1,00 hora de semeadura a Cr\$ 92,84	Cr\$ 92,84
	SUB-TOTAL 1	Cr\$ 392,10

2 - MÃO-DE-OBRA

	3,22 hora homem a Cr\$ 10,50	Cr\$ 33,81
--	------------------------------	------------

SUB-TOTAL 2 Cr\$ 33,81

3 - PRODUTOS HERBICIDAS

Sistema 1

Gramoxone:	1,5 litros/ha a Cr\$ 206,52/litro	Cr\$ 309,78
Reglone :	1,5 litros/ha a Cr\$ 221,88 litro	Cr\$ 332,82
Surflan :	1,5 kg/ha a Cr\$ 400,00/kg	Cr\$ 600,00
Sencor :	0,7 kg/ha a Cr\$ 895,00/kg	Cr\$ 626,50
	SUB-TOTAL 3 (Sistema 1)	Cr\$ 1.869,10

Sistema 2

Roundup :	3,0 litros/ha a Cr\$ 365,92/litro	Cr\$ 1.097,76
Surflan :	1,5 kg/ha a Cr\$ 400,00/kg	Cr\$ 600,00
Sencor :	0,7 kg/ha a Cr\$ 895,00/kg	Cr\$ 626,50
	SUB-TOTAL 3 (Sistema 2)	Cr\$ 2.324,26

TOTAL GERAL (Sistema 1) Cr\$ 2.295,01

TOTAL GERAL (Sistema 2) Cr\$ 2.750,17

Herbicidas: um mal necessário?

Os herbicidas conseguiram se tornar um dos produtos químicos mais polêmicos dos últimos tempos. É que alguns agricultores e técnicos começaram a observar seus efeitos no solo e a questionar as vantagens de sua utilização.

O seu Pedro Paulo Manhabosco, de Parador em Ijuí, por exemplo, notou que a soja não nascia direito nos primeiros anos em que ele começou aplicar herbicidas:

— É que no começo, isso faz uns quatro anos, eu passava meio forte. Hoje não, passo menos do que recomenda. Neste ano, então, vou passar só um litro por hectare. Mas onde toca de remontar, onde se faz a volta com o pulverizador, dá para ver que não cresce nada mesmo.

Estes problemas acontecem, segundo o Alberto Parenti F^o, que é agrônomo da Cooperativa na unidade de Ijuí, por causa de um efeito residual dos herbicidas. O que existe, algumas vezes, é um mau uso do produto na cultura da soja:

— O agricultor deve estar sabendo que herbicida é um produto que exige

cuidados na sua aplicação. Os bicos dos pulverizadores devem estar bem calibrados, as mangueiras bem adaptadas, evitando vazamentos. Deve se evitar também passar duas vezes na mesma faixa. Se estas medidas não forem observadas a aplicação pode ser muito maior do que o recomendado, o que além de representar um desperdício de produto, traz efeitos prejudi-

ciais às culturas.

No trigo aparecem nitidamente alguns sintomas que são atribuídos exatamente aos herbicidas, como o engrossamento e rompimento da raiz da planta, o que dificulta seu desenvolvimento normal. Na própria cultura da soja, bem como observou o seu Manhabosco, o excesso de herbicidas pode provocar um retar-

damento no crescimento da planta, ou mesmo impedir-lo.

Na verdade, mais eficiente e barato que a enxada, nenhum herbicida consegue ser, como conta o Parenti. Mas existe um problema: em lavouras extensas não dá tempo para acabar com os inços somente com a capina manual. Uma família grande, que cultive alguns hectares apenas, deve esquecer que existem herbicidas, pelo alto custo que eles representam. Agora, quem cultiva, vamos dizer, uns 80 ou 100 hectares, se depender só da capina, vai passar o tempo todo capinando sem conseguir eliminar os inços.

O Parenti é da opinião que o agricultor que cultiva uma área maior de terra pode dividir a lavoura quanto ao controle dos inços. Num trecho passa o herbicida e no outro faz a capina, seja com enxada ou com capinadeira. No ano seguinte troca: onde passou o herbicida faz a capina, onde fez a capina passa herbicida. E não se deve também esparramar por toda área, pois afinal em alguns trechos os inços não são problema.



Manhabosco: a soja não nasce



Parenti: dividir a lavoura

OTIMISMO NOS PREÇOS

O preço da soja promete ser compensador para o próximo ano. Quantos cruzeiros pode alcançar cada saco, ainda é muito cedo e difícil de prever. As perspectivas de comercialização são apresentadas pelo pessoal da Cotriexport, numa análise sobre os fatores que irão influir na determinação dos preços pagos ao produtor.

É natural que com a aproximação da época de plantio, comecem a ficar mais insistentes as perguntas relacionadas à próxima safra. As preocupações quanto ao tempo, preparo do solo, conserto de equipamentos, preços de insumos e outras, se tornam uma constante no dia a dia do produtor. E surgem também as questões:

— Como será o rendimento da lavoura?

— Que preços podemos esperar por nossa soja?

— Qual será nosso resultado financeiro?

Nesta altura do ano é muito difícil responder com precisão a estas perguntas, mas existem dados que podem ser analisados, permitindo dar ao produtor uma idéia do que lhe reserva o futuro.

Todo temos na lembrança o fracasso das duas últimas safras, especialmente devido à seca. A expectativa que se tem agora é de que as condições de tempo permitam uma recuperação na próxima safra. Embora a nível de país acredite-se numa expansão da área cultivada, parece certo que no Rio Grande do Sul deverá ocorrer uma redução de área com a cultura de soja.

Além do desestímulo provocado pela frustração das duas últimas safras, verificamos, em nosso Estado, o esgotamento da fronteira agrícola (áreas ainda não ocupadas) e a existência, no momento, de outras alternativas possivelmente mais rentáveis, como o feijão, o milho e a própria pecuária. Em

função disso, deveremos ter uma boa redução na área de plantio, que deverá se situar em torno de 4 milhões de hectares, com uma estimativa de produção ao redor de 6 a 6,5 milhões de toneladas. A nível de Brasil, com a incorporação de novas áreas — especialmente no Brasil Central — deveremos ter talvez um pequeno aumento de área. Se as condições de tempo transcorrerem dentro do normal (poucos são os que acreditam numa nova frustração), poderemos esperar uma produção brasileira em torno de 13 a 14 milhões de toneladas, para uma área plantada de 8,6 milhões de hectares.

E O PREÇO?

Em relação a preços é ainda muito cedo qualquer projeção em termos de níveis que poderão ser alcançados. Existem porém alguns fatores que podem ser considerados e que devem justificar o otimismo dos agricultores na expectativa de um bom resultado.

Como sabemos, a soja é um produto que sofre no mercado internacional várias e rápidas alterações em sua comercialização. Ao mesmo tempo, a nível nacional existem fatores bastante fortes na determinação de preços a serem pagos ao produtor. Analisemos, sob estes dois ângulos: a nível nacional e internacional, tanto do lado da oferta como da procura.

A nível internacional devemos lembrar que a safra de soja americana deste ano e a safra mundial de oleaginosas (todos produtos que permitem a produ-



ção de óleo) deverão atingir quantidades jamais alcançadas anteriormente. Podemos verificar, portanto, para 1980, uma grande oferta no setor de oleaginosas (e por consequência de óleos e farelos), o que leva a uma perspectiva pouco atraente para quem produz.

Mas não é este, por certo, o único fator que vai determinar os preços ao produtor. Existem ainda outros fatores, negativos e positivos, a serem levados em consideração. Do lado da procura internacional deverá provavelmente ocorrer um aumento, só que numa proporção inferior ao crescimento da oferta. A competição pelo grão, óleo e farelo, deverá, de certa forma, ser restringida pelo aumento dos preços de petróleo, pela redução da lucratividade da alimentação de animais na Europa e Estados Unidos. É ainda um ponto negativo o período de dificuldade na economia mundial (o que normalmente provoca com retração na procura). Logo, este desequilíbrio entre a perspectiva de uma oferta abundante e uma procura limitada pode sugerir menores cotações a nível internacional.

Estes fatores não são os únicos, pois existem ainda outros que sugerem uma sustentação dos preços em níveis ainda razoáveis. Devem influir ainda decisivamente nos preços: o aumento dos custos de produção da lavoura americana e também de outros países; o esgotamento dos estoques na América do Sul e o fato de que, mesmo com as dificuldades econômicas, a soja continua sendo acessível aos países com moeda forte.

SEM PROBLEMAS NO BRASIL

A nível nacional, verificamos que, por mais abundante que seja nossa safra, não deveremos ter problemas de colocação do produto no mercado. O parque industrial brasileiro, com uma capacidade instalada de 18 milhões de toneladas (maior, portanto, que a própria safra prevista) tem condições de absorver toda produção nacional de soja em grão.

Se considerarmos que nossa produção não deverá, de forma alguma, atingir este número, que alguma quantidade de grão ainda deverá ser exportada e que a indústria entrará o ano sem soja para esmagar (em função da frus-

tração das últimas safras), devendo haver uma forte competição por essa matéria prima, os preços tenderão a se ajustar a esta realidade, pagando ao produtor de forma bastante satisfatória.

Além disso, para o produtor nacional, mesmo uma perspectiva de redução de preços internacionais do complexo soja (grão, farelo, óleo) desde que não muito acentuada, não deverá implicar em maiores problemas. Isso porque os reajustes cambiais deverão garantir preços compensadores na comercialização de sua soja. Portanto, partindo para a questão final de nossa análise — sobre qual a expectativa que se pode ter em torno do resultado financeiro da próxima lavoura de soja — nossa posição é francamente otimista.

Apesar da elevação dos custos da produção (que todos já devem no momento estar sentindo) e do aumento dos custos de transporte e industrialização (que serão sentidos após a colheita) o nosso agricultor pode ficar confiante. Colhendo uma boa safra deverá ter um resultado bastante compensador no próximo ano.

Se é Sencor é bom.

Quando planejar o plantio da soja, faça uma coisa muito séria: pense em Sencor. Depois você vai rir, e rir bem melhor: Sencor é um herbicida que pode ser incorporado, ou aplicado em pré-emergência.

Ele controla ervas daninhas de folhas largas e estreitas, se decompõe rapidamente, e não prejudica a cultura do trigo. Com Sencor, você descansa enquanto a soja cresce.

Bayer 

A OPÇÃO DO FUTURO

As normas para a comercialização na modalidade SOJA FUTURO da próxima safra foram aprovadas na reunião do Conselho de Administração realizada no dia 15, em Coronel Bicaco. É importante que todo associado leia com atenção estas normas antes de decidir entregar seu produto nesta modalidade, que é apenas mais uma entre as existentes na cooperativa. Além dos riscos que oferece — iguais aos do preço do dia — o associado que não conseguir completar a quantia de sacos que contratou, que inclusive é limitada, pagará uma multa por não ter cumprido o contrato.

1 — SOJA FUTURO:

A presente modalidade consiste em:

1.1. — O associado terá duas opções para liquidar sua safra na modalidade "SOJA FUTURO", ou seja:

1.1.1 — PRIMEIRA OPÇÃO: — Nesta primeira opção o associado poderá comercializar sua safra de soja, mesmo antes do plantio, dentro das seguintes condições:

a) — os associados poderão comercializar na modalidade "SOJA FUTURO" até o limite de 540 quilos por hectare, com base no seu contrato de financiamento, ou o limite de 30% sobre a maior entrega na Cotrijuí nas safras de 1.977, 1.978 ou 1.979;

b) — associados que ingressaram no quadro social após a comercialização da safra de 1.979, ou que ainda não co-

mmercializaram soja através da Cotrijuí, deverão comprovar sua estimativa de produção mediante a apresentação de cópia do contrato de financiamento bancário e/ou repasse Cotrijuí;

1.1.2 — SEGUNDA OPÇÃO: — O associado que já tenha entregue sua soja na modalidade "SOJA DEPÓSITO", poderá optar para comercialização de "SOJA FUTURO", bastando para isso firmar com a Cooperativa, para o mês desejado, um contrato de comercialização;

1.1.2.1 — A possibilidade prevista no ítem anterior fica vedada ao associado que tendo assinado um contrato de "SOJA FUTURO" não o tenha ainda cumprido;

1.1.2.2 — O associado não poderá liquidar "SOJA DEPÓSITO" ao preço do dia, sem antes haver entregue seu produto comprometido com contrato de "SOJA FUTURO";

1.1.2.3 — Cumprido (s) o

(s) contrato (s) vigente (s), poderá o associado firmar novos contratos de "SOJA FUTURO", baseado em sua estimativa de colheita;

1.2. — DISPOSIÇÕES GERAIS:

1.2.1 — O prazo máximo para a entrega de soja à Cotrijuí, comercializado na modalidade "SOJA FUTURO" será, impreterivelmente, até o dia 22 de maio de 1.980, seja qual for o mês de opção;

1.2.2. — Com 15 (quinze) dias de antecedência a Cotrijuí avisará seu quadro social a data de encerramento da comercialização de "SOJA FUTURO";

1.2.3. — A Cotrijuí divulgará diariamente os preços de soja para os meses futuros;

1.2.4 — Para evitar transtornos com acúmulos de liquidações em um mesmo dia, a Cooperativa estipulará no contrato a data do respectivo pagamento.

IMPORTANTE:

a) — Todo o associado que efetuar contrato de comercialização na modalidade "SOJA FUTURO" deverá entregar seu produto fazendo constar na Nota Fiscal de Produtor "SOJA FUTURO";

b) — Eventuais excessos de entregas de soja na modalidade "SOJA FUTURO", revertirão, automaticamente, para a modalidade "SOJA DEPÓSITO";

c) — As eventuais faltas para cobertura de contratos "SOJA FUTURO" serão revertidas, prioritariamente, de "SOJA DEPÓSITO" e, caso ainda não dê cobertura integral, será revertido de "SOJA PREÇO MÉDIO";

d) — Se a soja entregue para cumprimento de contrato "SOJA FUTURO" for produto semente, além do preço estipulado no contrato o associado fará jus a bonificação que for estipulada pela Cooperativa.

O que muda

Três alterações foram decididas na mecânica de comercialização da SOJA FUTURO em relação à adotada no ano passado. Estas mudanças são o resultado de uma ampla discussão sobre a soja futuro e os problemas que esta modalidade apresentou no primeiro ano em que foi colocada em prática.

A primeira mudança: caiu o cartão de aptidão e adotada uma norma geral para toda cooperativa, valendo tanto para a Região Pioneira como para Dom Pedrito e Mato Grosso. A razão: o cartão de aptidão é um privilégio dos bons associados, enquanto a soja futuro não é privilégio nenhum. Ela é apenas mais uma modalidade de comercialização que oferece os mesmos riscos do preço do dia. A adoção de uma norma geral tem como objetivo proporcionar aos novos associados e mesmo aqueles que ainda não tenham entregue soja na Cotrijuí em safras anteriores, a possibilidade de optar também por esta modalidade.

Segunda mudança: o associado terá estipulado no seu

contrato o dia de vencimento (veja no quadro abaixo). Cada unidade atenderá um número pré-estabelecido de associados, de acordo com a sua capacidade de atendimento (em ljuí são 150 associados por dia; Santo Augusto — 50; Augusto Pestana — 50; Tenente Portela — 80; Chiapetta — 40; Vila Jóia — 40; Coronel Bicaco — 40; Ajuricaba — 50; Dom Pedrito — 40; Maracajú — 50; Sidrolândia — 20; Rio Brilhante — 20; Dourados — 60. Importante: o associado que fizer dois ou mais contratos para o mesmo mês recebe tudo num dia só, sem precisar dirigir-se à Cooperativa mais de uma vez.

Terceira mudança: o associado que fez um contrato de soja futuro, e já cumpriu este contrato, entregando a quantia estabelecida, pode, antes de entregar mais soja, fazer um novo contrato de soja futuro, baseado em sua estimativa de colheita. Assim, se ele contratou 500 sacos, já tendo entregue esta quantia, pode fazer mais um contrato, baseado no quanto ele acha que ainda pode colher.

CONTRATAÇÃO SOJA FUTURO

MÊS DE LIQUIDAÇÃO	DATA DOS PAGAMENTOS
MAIO	27 - 28 - 29 - 30 de 05 de 1980 02 - 03 - 04 - 05 - 06 - 09 de 06 de 1980
JUNHO	24 - 25 - 26 - 27 - 30 de 06 de 1980 01 - 02 - 03 - 04 - 07 de 07 de 1980
JULHO	22 - 23 - 24 - 25 - 28 - 29 - 30 - 31 de 07 de 1980 01 - 04 - 05 - 06 - 07 - 08 de 08 de 1980
AGOSTO	26 - 27 - 28 - 29 de 08 de 1980 01 - 02 - 03 - 04 - 05 - 08 de 09 de 1980
SETEMBRO	29 - 30 de 09 de 1980 01 - 02 - 03 de 10 de 1980
OUTUBRO	28 - 29 - 30 - 31 de 10 de 1980
NOVEMBRO	25 - 26 - 27 - 28 de 11 de 1980

Basagran ama a soja.

A soja nasce frágil e junto nasce o mato para atrapalhar a sua vida, e tirar o lucro do agricultor.

Mas você tem Basagran.

Basagran:

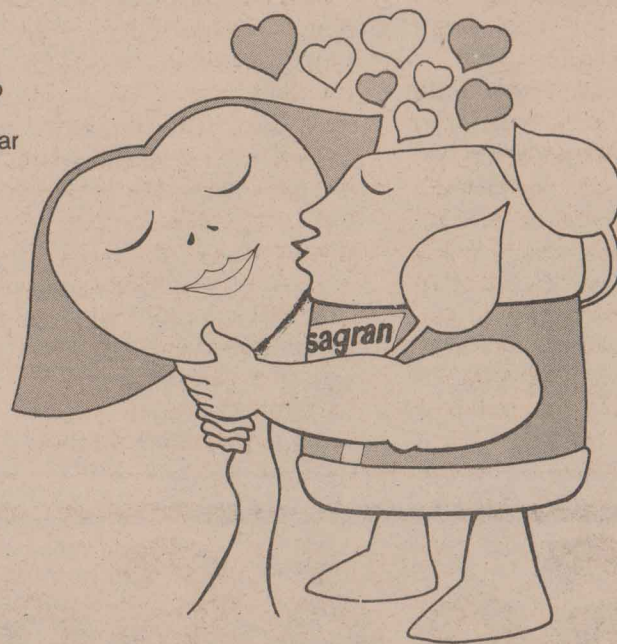
Acaba com as invasoras.

Não afeta a germinação.

Não afeta culturas subsequentes.

Basagran na soja:

É a única história de amor que dá lucro para o agricultor.



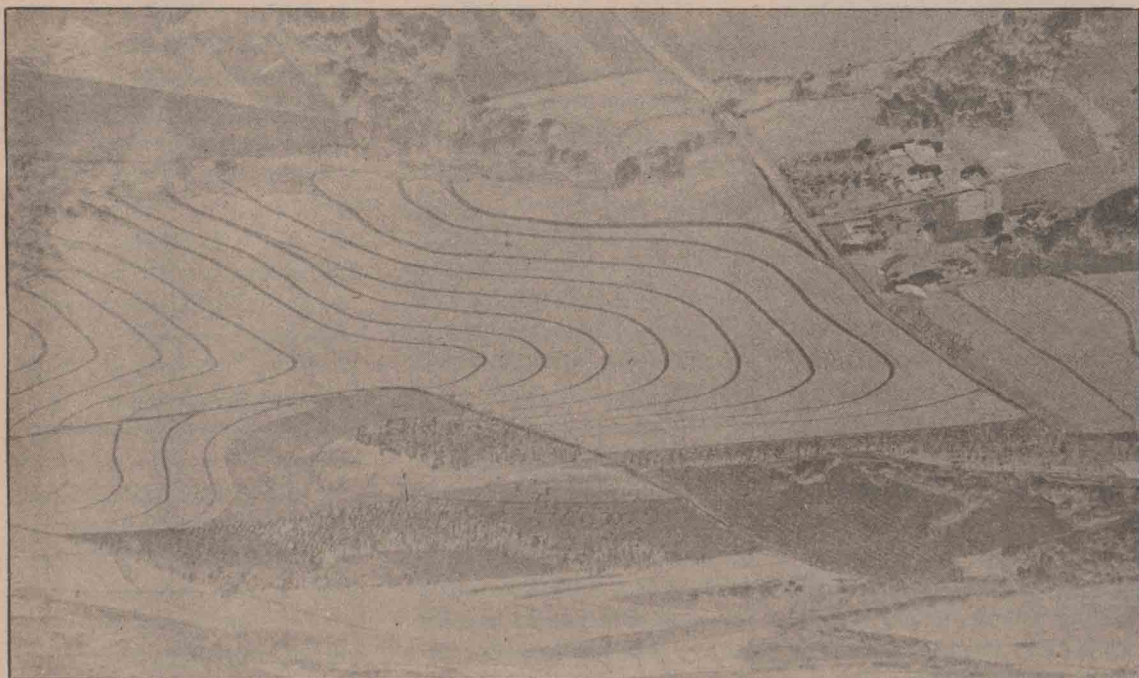
Basagran



Tecnologia BASF
Impulso na produção agrícola

BASF

DÁ PARA PREVER SAFRAS E PREÇOS?



Qual a área plantada?

As lagartas vão entrar numa fria: a Elanco está lançando Piredan.

Finalmente você vai poder usar um inseticida Elanco. Isto significa muito porque você sabe que a Elanco nunca deixa por menos: oferece sempre o melhor para a agricultura. Agora é a vez de PIREBAN, um

lagarticida feito à base de permetrina. Mortal para as lagartas, mesmo as resistentes, mas de baixa toxicidade para o homem e para os animais. Isto significa que você pode acabar com as lagartas do algodão e da soja com eficiência e com muita segurança. PIREBAN é apresentado na forma de concentrado emulsionável, contendo 384 gramas de permetrina por litro. PIREBAN tem efeito comprovado no controle das lagartas da soja e do algodão.

Procure o seu Distribuidor Elanco e descubra todas as vantagens de usar PIREBAN na sua lavoura. Uma delas você pode ver aqui mesmo no anúncio: a Assistência Técnica Elanco.

Campanha do uso correto dos defensivos agrícolas
Use os defensivos corretamente. Retire o folheto de instruções básicas de segurança nos Distribuidores Elanco. PIREBAN é marca registrada da FMC CORP.



ELANCO

Piredan

Quem é que não quer saber, antes mesmo de encerrada a safra de um produto, quantos sacos poderão ser colhidos? Todo agricultor, no momento em que está botando a semente na terra, já está pensando na produção que poderá obter. O Governo, as cooperativas, as indústrias também estão interessadas em avaliar as safras e calcular o quanto ela pode valer, tanto em quantidade como em rendimento. Todos os cálculos, porém, geralmente não podem ser considerados exatos. Afinal, qual terá sido a área plantada numa determinada região? Sem saber com o máximo de precisão possível qual é esta área, não se pode afirmar de quanto será a produção.

Foi por isto que há dois anos atrás a Cotrijuí encomendou um projeto à Companhia de Desenvolvimento Tecnológico, a Codetec, que é formada por técnicos da Universidade de Campinas, em São Paulo. Este projeto, de previsão de safras e preços, está saindo agora de sua fase experimental.

O que a Cooperativa procura com ele é alcançar os maiores benefícios possíveis na comercialização de cada safra analisada. Para obter estes benefícios é preciso, logicamente, procurar os maiores preços de venda possíveis, com os menores custos de produção.

O custo está relacionado à safra: que transporte, que armazenamento é preciso preparar para uma determinada safra, diminuindo assim, seus custos? Por isto é importante ter uma perspectiva do volume de produção e, por outro lado, saber qual o melhor momento para vender.

Este trabalho de previsão das safras foi feito para uma área restrita: a região noroeste do Rio Grande do Sul, na área de atuação da Cotrijuí. Especificamente se fez um levantamento para as safras de trigo e soja e se experimentou para o milho e feijão. Com pequenas alterações na forma de aplicação do método de previsão ele pode ser usado em outras áreas da Cooperativa, como Mato Grosso e Dom Pedrito, para as safras de

arroz, por exemplo, e mesmo na avaliação do rebanho bovino e ovino.

AVIÃO E QUESTIONÁRIO

Durante dois anos os técnicos em Estatística, Economia e Computação da Codetec, trabalharam em cima deste projeto. Eles criaram sua própria tecnologia e adaptaram ainda métodos utilizados no exterior, buscando evitar todas as imprecisões e distorções que caracterizam o sistema brasileiro de previsão de safras.

As estimativas são feitas em separado para a área de plantio e rendimento. A produção total estimada é então obtida, multiplicando a estimativa de área plantada pela estimativa do rendimento. Mas e como saber a área efetivamente plantada com determinada cultura? Baseados apenas em informações dos bancos sobre os financiamentos concedidos aos produtores não é o suficiente. Mesmo juntando a estes números os de repasse da própria Cooperativa ainda não se chega a uma estimativa próxima da realidade sobre a área de plantio, pois muitos agricultores plantam com recursos próprios. Um dos integrantes da Codetec, Arnoldo José de Hoyos, conta então como eles chegam a determinar a área plantada:

— Depois de concluído o plantio de determinada cultura é feito um levantamento da área através de avião. Como é uma região determinada, no caso da área de atuação da Cotrijuí, o avião faz vários vôos, em linha reta, sobre esta região. Cada vez que o avião passa sobre uma lavoura é determinado o tempo que durou esta passagem.

Sabendo, assim a área total de uma região e o tempo em que se sobreviou as lavouras, se consegue chegar a uma determinação bastante exata da área que está ocupada com a cultura. A primeira vez que o pessoal fez este levantamento foi na safra de trigo de 1977, apenas no município de Ijuí. Já em fevereiro de 1978, na época da soja, o levantamento foi feito em toda Região Pioneira.

PRECISÃO

Até agora todos estes levantamentos foram experimentais, como salienta Norberto Dachs, coordenador do projeto, sempre buscando chegar a um máximo de precisão possível:

— Hoje podemos dizer que se erra até menos do que cinco por cento, o que estatisticamente é inexpressivo.

O avião, mesmo determinando a área de plantio, não permite uma estimativa de produção totalmente correta. Para determinar mais precisamente qual pode ser o volume da safra, se procura as informações de rendimento junto aos produtores. Para o trigo plantado este ano, por exemplo, foi feito um questionário entre 518 produtores associados. Os agricultores foram escolhidos ao acaso, sem considerar tamanho de propriedade, área de plantio ou qualquer outra coisa. Com estes dados fornecidos pelo produtor é possível calcular, então, qual deverá ser o rendimento da safra. Esta estimativa pode ser repetida por várias vezes durante o crescimento da cultura, levando em conta as alterações do clima, ocorrência de pragas, etc.

A estimativa de área plantada, que não precisa ser feita mais de uma vez, somada a estimativa de rendimento segundo informações do próprio produtor, permite que se chegue a estimativa final da safra. Estes métodos de previsão, além do baixo custo e simplicidade de aplicação, ainda satisfazem outros aspectos básicos: precisão e desenvolvimento de uma tecnologia própria.

Seria muito simples "importar tecnologia": ver como se faz a previsão de safras em outros países e adotar o mesmo método, sem tirar nem pôr, aqui. Só que não seria o ideal e nem ao menos o mais barato. Nos Estados Unidos, Canadá e na Europa é comum o uso de satélites artificiais para fazer estas previsões. Os satélites são umas engenhocas eletrônicas lançadas ao espaço, cheias de aparelhos sofisticados que fotografam e analisam as áreas plantadas.

Agora o custo que alcança um método destes o torna proibitivo para utilização por nós, por exemplo. Existem ainda uma série de outros métodos. Nos Estados Unidos, também, como conta o Arnold, são feitos questionários entre os produtores:

— O Departamento de Agricultura americano envia no decorrer da safra vários questionários aos agricultores, que são obrigados a responde-los e enviar de volta pelo Correio. Aqui no Brasil já seria muito difícil esperar que o produtor respondesse e mandasse de volta.

É por isto que o questionário elaborado pela Codetec tem sido aplicado pelos técnicos agrícolas que estão permanentemente em contato com os produtores, podendo inclusive ajudá-los a fazer suas estimativas de colheita.

E NOS PREÇOS?

E como fazer uma previsão de preços com antecedência? Tudo o que se disser é arriscado e depende muito do prazo que se pretenda considerar; curto, médio ou longo. Um médio prazo, por exemplo, pode ser uma semana ou até um mês. E dependendo da cultura, da situação em que ela se encontra, esta mesma semana ou este mesmo mês podem representar um tempo longo demais para fazer qualquer previsão com boas chances de acerto.

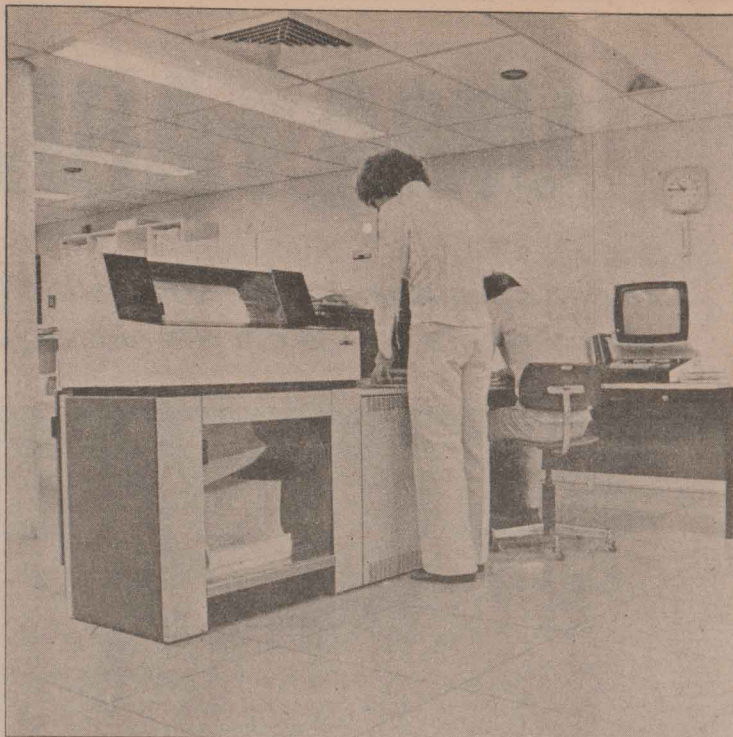
E há outra coisa ainda: o preço depende da qualidade e da quantidade da safra. É aquela velha história de economia de mercado: o preço é regulado pela oferta e pela procura. Se há pouco produto para vender, o preço tende a subir. Se há excesso de produto, tende a baixar.

Mesmo assim dá para fazer algumas previsões. Os especialistas neste assunto de comercialização costumam usar três tipos de técnicas para fazer suas previsões. A primeira delas é a de aproveitar a experiência e sensibilidade das pessoas acostumadas a trabalhar nesta área. São pessoas que até parecem ter um sexto sentido para saber como se comporta o mercado. Uma segunda técnica é baseada em gráficos, onde se considera todas as variáveis

que influenciam o preço (veja na matéria sobre comercialização da soja na página 20). E tem ainda uma terceira técnica que usa até computador e muita matemática para chegar a uma conclusão.

GARANTIA DE ÊXITO

Pois neste projeto de previsão de preços organizado pela Codetec, se faz uma mistura destes três tipos de técnicas. E existe dentro da Cotriexport — a empresa que cuida da comercialização e exportação de produtos para a Cotrijuí — um Grupo de Análise e Previsão (o GAP) que faz estas análises dos preços, baseando-se nestes três métodos e juntando todas informações de mercado, e procurando chegar a uma previsão dos preços. Da mesma forma será criado dentro da Diretoria Técnica, em Ijuí, um setor de análise e planejamento que terá, como uma de



O computador auxilia a analisar os dados

suas atribuições, estudar os problemas de previsão de safra.

Os cientistas da Unicamp-Codetec continuarão assessorando a Cotrijuí para garantir o mínimo custo e o maior benefício possível para todos os associa-

dos, pelo uso das técnicas desenvolvidas. Para isso contam com o apoio interno do setor de Análise e Planejamento e do GAP, mais o suporte computacional proporcionado pela Cotridata. Isso é a garantia do êxito do projeto Cotrijuí-Codetec.

O herbicida que respeita a soja e a terra.

Afirmamos isso com a convicção que representam 800.000 ha sem reclamações. Deixe a soja germinar, e somente quando aparecerem as invasoras aplique **Basagran**. **Basagran:** Acaba com as invasoras. Não afeta a germinação. Não afeta culturas subsequentes



Basagran



Tecnologia BASF
Impulso na produção agrícola

BASF

UMA FARMÁCIA NO QUINTAL

Uma horta pequena, em qualquer cantinho do quintal, assegura uma alimentação rica em vitaminas e proteínas, cálcio . . .



Uma horta não é realmente uma coisa muito difícil de se fazer. Dedicção, boa vontade, algumas horas de trabalho por dia é o suficiente para se ter em casa, repolho, beterraba, rabanete, alface, couve, vagens, chuchu, pepino, tomate e tantos outros produtos que tornam melhor a alimentação da família.

"Não se pode plantar todas as hortaliças durante todo o ano. Agora, em todas as épocas existem hortaliças cultiváveis", afirma o agrônomo Hélio Pohlmann, do Setor de Hortigranjeiros da Cotrijuí.

Na verdade, a horta caseira é uma coisa muito antiga. Numa época em que os mercados eram mais raros e menos acessíveis, toda a dona de casa que se prezasse deveria ter

o seu canto verde, o seu quintal. É o que pensa dona Elzira Steglich, de Esquina Primavera:

— "Verdura é a coisa mais importante para a dona de casa. A horta deve ser em primeiro lugar. Desde casa eu era acostumada". A dona Elzira tem uma horta pequena "mas dá. Somos só os dois. O filho já casou. Ele e a nora moram no mesmo terreno, mas ela também tem uma horta".

Para o médico chefe do Centro de Saúde de Ijuí, Gilberto Pereira Gomes, "a horta de casa, embora não tenha muitas vezes um aspecto muito bonito, é saudável. A dona de casa sabe que está dando qualidade para a sua família. A gente pode comprar produtos mais boni-

tos no mercado, mas não tem o mesmo valor. Cresceram na base de fertilizantes químicos.

Sabe-se que entre as populações que consomem alimentos cultivados sem produtos químicos, a ocorrência de câncer no aparelho digestivo (estômago, intestinos . . .) é bem menor do que nos países onde os produtos têm quase que exclusivamente uma destinação comercial e, por isso, precisam de uma aparência melhor, o que é conseguido através de artificialismos".

METADE DA ALIMENTAÇÃO

Na Linha 8 Norte, Iracema Schweigert também tem a sua horta porque "a metade da alimentação é isso. Hoje em dia a gente não pode se fiar nesse negócio de soja e trigo".



Paulina: azar com a gead

A família tem 21 hectares de terra e, para aproveitar bem, ela faz os canteiros em cima das curvas de nível. "Já me disseram que não é bom, mas até agora nenhum dos técnicos que foi lá em casa falou alguma coisa contra. Acho que está certo, porque inclusive eles recomendam que se ocupe as curvas. É claro que a gente deve cuidar pra não rebentar".

O técnico agrícola Cláudio Gonchoroski, da Cotrijuí, explica que não é muito comum fazer canteiros nas curvas: "Agora, não tem problema. O único cuidado que se deve ter é com os defensivos. Por exemplo, quando se passa veneno para a lagarta da soja, ele pode atingir e contaminar as verduras. Então o negócio é ter muito cuidado nas áreas em que foram plantadas as hortaliças".

Iracema planta de tudo: cenoura, rabanete, saladas verdes, couve. Repolho chega a apodrecer de tanto que tem. Já para dona Elzira, o repolho não deu muito bem, "ele floresceu este ano. Acho que a qualidade da semente não era muito boa".



Elzira: a horta em primeiro lugar

Hélio concorda que muitas vezes a qualidade da semente realmente não é boa, "a gente confia na honestidade da firma que vende e às vezes se compra semente inadequada. É muito difícil saber quando a semente é boa ou não".

O pepino não deu muita sorte este ano. Na horta de dona Elzira morreu com a gead, "mas plantei de novo, duas vezes. Vamos ver se dá. Com a seca do ano passado fiquei sem chuchu. Este ano, depois da gead plantei de novo". Na horta de Paulina Brissow, em Puldor, a gead matou a batata inglesa e as chuvas prejudicaram a cebola.

Assim como cuidar de uma horta, comer hortaliças também é um hábito. Muita gente não aprendeu a gostar, e então não come. Iracema diz que os filhos gostam muito de verduras, "pegam o repolho na lavoura, quando estão trabalhando, e comem cru. Dizem que é bom comer verdura crua, não sei".

Gilberto afirma que os legumes devem ser comidos crus "de preferência com casca, quando for possível. E quando preci-

Bayleton é Bayer.

Se é Bayer é bom.

Dia e noite, seu trigo é perseguido pelo fantasma da ferrugem e do oídio. Mas Bayleton não tem medo de assombração: ele é um fungicida sistêmico com Triadimefon, muito eficiente no controle do oídio e das ferrugens. Bayleton tem excelente ação preventiva, curativa e erradicativa, e seu efeito residual é de

causar inveja: ele é recomendado pela Comissão Norte Brasileira de Pesquisa de Trigo como preferencial para certas variedades, e o único produto citado como eficiente no controle da ferrugem do colmo. E também recomendado para ser usado nas 3 épocas de aplicação.

Recomendado pelas Comissões Norte e Sul Brasileira de Pesquisa de Trigo.

Bayer 



Iracema: metade da alimentação

sar cozinhar, que seja o mínimo possível, para que não percam todas as vitaminas". E o médico adianta:

VITAMINAS, PROTEÍNAS...

— "Quem tem uma horta em casa tem uma farmácia no fundo do quintal. Continua valendo a afirmação de que o homem tem sua origem na terra e muito mais rapidamente volta a ela se não souber se alimentar".

Hélio acha ainda que havendo hortaliças em casa, se come mais — "o fato de comprar diminui o consumo". O mesmo aspecto é abordado por Gilberto, quando diz que o custo de vida, cada vez mais elevado, dificulta a aquisição de produtos hortigranjeiros e além disso "as nossas crianças estão sendo mal-educadas pelos próprios pais que não se preocupam e nem sequer sabem balancear uma refeição. Disso resultam doenças, pois um organismo mal alimentado é mais sujeito a infecções. Uma vez doente, será necessário comprar vitaminas e outros medicamentos, piorando ainda mais a situação econômica e de saúde da família. Lembremos isso, porque sais minerais, vitaminas e proteínas, nós plantamos numa horta, colhemos em casa e podemos oferecer à família hortaliças em condições ideais, como a natureza as criou, sem produtos químicos maléficos".

Quanto a adubação de sua horta, Iracema usa esterco de galinha e as próprias curvas já estão adubadas por causa da lavoura. Dona Elzira aduba com esterco de galinha e de porco "no início, antes de virar a terra. Depois eu ponho adubo. Uso o mesmo que usam pra trigo e pra soja. A gente vai experimentando".



Gilberto: união na família

Cláudio explica que o adubo pode ser o mesmo usado na lavoura, mas lembra novamente que o cuidado com o uso de defensivos deve ser muito grande — "nenhum produto deve ser usado sem orientação".

AJUDA DE TODOS

Quem cuida da horta é dona Elzira, mas o marido, seu Arlindo ajuda a virar a terra e depois também dá uma mão, quando a lavoura permite. Iracema tem três filhas e um filho. As meninas ajudam e "o rapaz também, quando tem tempo, porque ele gosta".

Na opinião de Gilberto, "a horta é um fator de união na família. Todos deveriam participar, não só a mulher. Eu tenho horta em casa para os meus filhos, para que aprendam a ver as plantas crescerem, a gostar de hortaliças e sentir que são importantes".

E são realmente importantes. As vagens, por exemplo, tem vitaminas B, C, D e ainda cálcio e proteínas. É realmente um alimento muito rico. As hortaliças vermelhas ou amareladas, como cenoura, beterraba, repolho roxo, etc. . . ., contém vitamina "A" que tem ação sobre a pele, olhos, cabelos e a saúde em geral.

O médico salienta ainda que toda a casa deveria ter também, além da horta caseira, um limoeiro e um abacateiro, no mínimo — "meio abacate, dos pequenos, substitui um bife e com vitaminas que o bife não tem".

Na época de maior calor, muitas vezes as verduras estragam. Iracema, para evitar isso, colhe bastante salada verde e coloca numa bacia cheia de água "tenho verdura para oito dias, bem verdinhas e frescas. É melhor que guardar na geladeira".

MELHORES ÉPOCAS DE PLANTIO E COLHEITA DE HORTALIÇAS

Espécies	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Agrião									x	x		
Alface				x	x	x	x					
Alho					x	x	x					
Beterraba					x	x	x	x	x			
Cebola					x	x						
Cenoura					x	x	x					
Chicória					x	x	x	x	x			
Couve-comum			x	x	x	x	x					
Couve-flor		x	x									
Ervilha			x	x	x	x	x	x	x	x		
Espinafre			x	x	x	x						
Pimentão								x	x	x		
Pepino								x	x	x		
Rabanete	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Repolho			x	x	x	x	x					
Tomate								x	x	x	x	x
Vagem	x	x							x	x	x	x

Legenda — plantio x
colheita

Basagran age sobre a invasora. Não sobre a terra.

Basagran age por contato diretamente sobre a invasora, sem depender do tipo de solo, e com segurança total para a soja, feijão, trigo, arroz e amendoim. E mais, você somente coloca semente, adubo e graminicida na terra.



Somente quando aparecerem as invasoras. Você aplica Basagran. Como? Muito simples.

1,5 l / ha ou 3,6 l / alq. bico 80.03, 250 l / ha ou 600 l / alq de água da emergência das invasoras até 6 folhas.



Tecnologia BASF Impulso na produção agrícola



Conselho de Consumidoras

Por que razão formar um Conselho de Consumidoras em cada unidade da Cooperativa? Uma das primeiras justificativas para esta decisão é que as necessidades e características não são exatamente as mesmas de região para região. Por esta razão, no dia 27 de setembro aconteceu uma reunião entre as representantes dos núcleos de senhoras e filhas de associados da Cotrijuí — Unidade de Augusto Pestana, definindo, como já aconteceu em Ijuí, a formação de um Conselho de Consumidoras. Esta é uma continuidade do trabalho de Comunicação e Educação, que procura uma maior integração da família do associado no meio cooperativo, proporcionando condições para uma participação mais efetiva nas decisões que venham a ser tomadas também na seção de consumo.

Estiveram representados os seguintes núcleos: Bom Princípio, por Loni Matilde Ruwer; Rincão dos Ferreira, por Lenir Weidmann e Lori Hoerlle; Linha São João, por Semilda Dunke e Lirdi Rhoden; Rincão dos Müller, por Elsinä Schünemann e Edi Müller; Linha Progresso, por Leontina Rhoden; Paraíso, por Nelsi Drews; Ijuizinho, por Elci Renz; Ponte do Ijuizinho, por Edi Hogler e Lille Kogler; São Miguel, por Margarida Xavier e Leticia Zardin e Fundo Alegre, por Rosane Briunsmä e Gracia Eberhardt.

Neste encontro, foram apontadas as falhas, assim como estudadas alternativas para um melhoramento quanto a mercadorias e atendimento na loja e supermercado. Como esta área de consumo foi criada há pouco tempo, em Augusto Pestana os

problemas apresentados pelo grupo foram mínimos, levando a conclusão que esta prestação de serviço está satisfazendo o quadro social.

Entre os assuntos mais discutidos, dois mereceram destaque: a compra de produtos diretamente do produtor (ovos, galinha) e o racionamento dos produtos de primeira necessidade (farinha, arroz, óleo). Este racionamento está ocorrendo devido a escassez no mercado de consumo em relação a estes produtos, o que não é um problema unicamente da Cotrijuí.

Depois de levantadas algumas questões se partiu para o seu aprofundamento, procurando ainda definir a função do Conselho de Consumidoras, a nível de uma política de consumo. Inicialmente partiu-se das necessidades de consumo, da família, questionando o papel da mulher como consumidora pois é ela quem faz a maioria das compras para a casa. Outro ponto foi a definição da importância da participação do conselho de consumidoras na escolha de quais tipos de mercadorias devem existir à disposição do consumidor na sua unidade.

Como encaminhamento do encontro decidiu-se levar até os núcleos maiores informações em termos de consumo, procurando assim ampliar a discussão sobre o assunto. Outro objetivo é a busca de um maior consenso quanto aos rumos que deverão ser traçados para a seção de consumo da Cotrijuí, partindo-se da seguinte questão: A seção de Consumo da Cotrijuí — (Unidade de Augusto Pestana) deverá ser aberta para não associados? Por quê?

UM ESTUDO DO LEITE



Os produtores visitaram a área de outras cooperativas

O Conselho de Produtores de Leite de Augusto Pestana realizou uma reunião no dia 28 de setembro para discutir os problemas que envolvem a atividade leiteira. Uma de suas primeiras definições foi de que sua função seria desempenhada basicamente a nível de município.

Os principais assuntos discutidos foram: custos de produção, leite ácido, preço do leite, leite excesso e transporte. Em relação ao último item as colocações envolviam uma definição maior para o frete: o que é melhor, um preço fixo e único, independente da quantidade entregue, ou uma tabela com preços diferenciados?

Um Conselho Central, que foi formado na ocasião, ficou encarregado de encaminhar uma reivindicação de melhoria no preço do leite além de uma equiparação do preço com o das regiões metropolitanas, onde ele é Cr\$ 0,40

mais alto que no interior. Este Conselho é formado pelos associados Heloing Zolinger, Antônio e Rosali Guiotto, Amandio Schneider, Oswaldo e Maria Elzira Bremm.

A Cooperativa ficou encarregada de fazer um estudo dos custos de produção leiteira. Quando este estudo estiver concluído o Conselho voltará a se reunir. Outra decisão foi visitar as cooperativas de Carlos Barbosa, Nova Petrópolis e Languirú, para observar como é feita a coleta e qual a estrutura do transporte do leite naquelas regiões. Esta excursão aconteceu no início de outubro, quando os associados ainda aproveitaram para visitar algumas propriedades, conversando com os produtores, observando a sua realidade e dificuldades. Na volta da viagem o grupo marcou uma reunião para debater e analisar suas observações. Estas impressões serão publicadas na próxima edição do jornal.

SEVIN-MANEIRA INTELIGENTE DE CONTROLAR AS PRAGAS DA SOJA.

No controle das pragas da soja SEVIN é a melhor opção. SEVIN protege a lavoura, aumenta a produção e garante a colheita. Combate as pragas e preserva os inimigos naturais. É econômico. É fácil e seguro de aplicar. É a escolha certa para o Controle Integrado ou para o Controle Convencional. SEVIN dá ao lavrador a opção de formulação mais adequada às suas necessidades: pó seco, pó molhável, e líquido. Pode ser aplicado por polvilhadeiras e pulverizadores manuais ou motorizados, aviões e helicópteros. A alto e baixo volume. SEVIN é a maneira inteligente de controlar as pragas da soja. SEVIN é biodegradável. Não poluente. É um produto da Union Carbide.



UNION CARBIDE Divisão de Produtos Agropecuários

UNION CARBIDE DO BRASIL LTDA.
Rua Dr. Eduardo de Souza Aranha, 153 - CEP 04543
Tel.: 531-0977 - Caixa Postal 30.362 - São Paulo - SP.

SEVIN® é marca registrada da UNION CARBIDE CORPORATION, USA, para o Inseticida Carbaryl.

É bom saber...

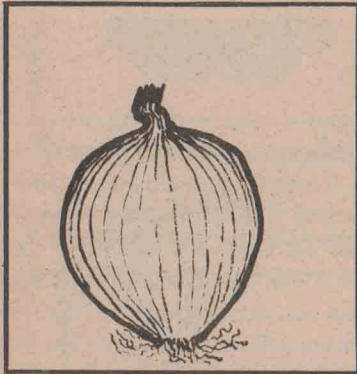
Mesmo depois de já utilizado em frituras, o óleo pode ser aproveitado. É só passá-lo por um coador de café, daqueles de papel.

Na hora de comprar alimentos enlatados é preciso muito cuidado para não levar para casa um produto sem condições de uso. Evite as latas que estiverem com a tampa enferrujada ou estufada. É melhor não fazer um grande estoque na despensa, e sim comprar enlatados de acordo com as reais necessidades.

Quando for comprar qualquer produto que precise ser pesado (carne, por exemplo) olhe bem para a balança. O ponteiro deve estar realmente no zero antes da pesagem.

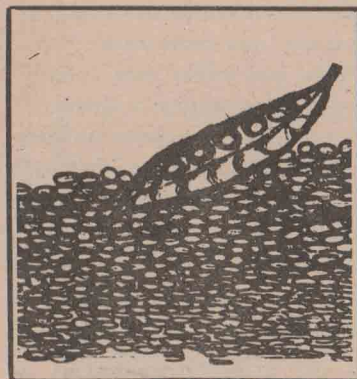
Se o mamão for colhido um pouco verde, risque a casca com uma faca para que saia o leite natural da fruta. Em seguida embrulhe o mamão num jornal e deixe-o num lugar fresco e arejado. Assim ele vai amadurecer normalmente, sem estragar.

LAVOURA NO MÊS



CEBOLA

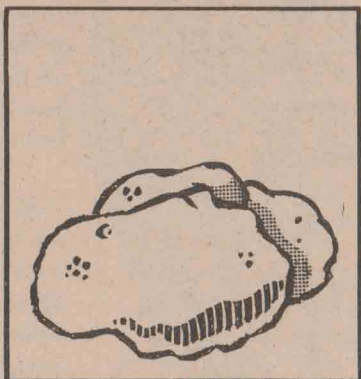
As condições de alta umidade vão diminuir sensivelmente as qualidades do produto na região. As recomendações de colheita são as mesmas do alho. Apenas as sementes muito precoces estarão no ponto de colheita neste mês, sendo que nos próximos períodos o volume é mais significativo.



LENTILHA

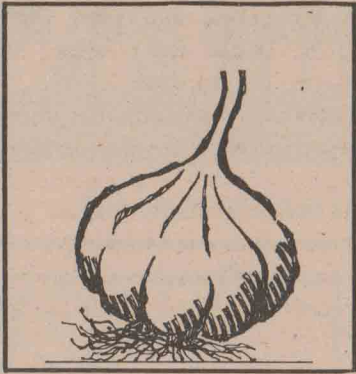
As fartas chuvas ocorridas no período tem prejudicado seriamente a lavoura de lentilha. Aproximando-se agora o

fim do ciclo, deve-se observar alguns cuidados na colheita. As plantas são colhidas antes que estejam completamente maduras, de preferência nas primeiras horas da manhã. As plantas arrancadas manualmente são amontoadas, sendo posteriormente trilhadas. Para comercialização as lentilhas são classificadas, sendo que as de maior tamanho tem melhor cotação de preços.



BATATA

As geadas ocorridas durante o mês de setembro atingiram seriamente as lavouras de batata, sendo que aquelas que estavam em florescimento podem estar destruídas em muitos casos. Quando as condições de tempo estiverem favoráveis (menos chuvas), é recomendável fazer a amontoa, ou seja, juntar terra junto às plantas. O controle de insetos neste período deve ser cuidadoso pois podem vir a prejudicar seriamente a cultura.



ALHO

O alho atinge neste mês o seu ponto de colheita. Está maduro quando as folhas ficam amareladas, uniformemente, e a planta tomba. Nesta ocasião deve ser arrancado, de preferência nas primeiras horas da manhã, deixando-o ao sol durante dois dias. Em seguida é recolhido ao galpão onde permanece por um período mínimo de 30 dias para que fique curado, ou seja, adquire a resistência (firmeza) necessária à melhor conservação durante a armazenagem. A colheita de alho não maduro ou a cura insuficiente provocam grandes perdas na armazenagem pelo chochamento dos bulbos perdendo totalmente o valor comercial.

Quando, próximo à colheita, tiver muita umidade na lavoura, o alho deve ser colhido e depositado em local seco e ventilado, caso contrário ocorrerá o superbrotamento, deixando-o sem valor comercial.

Recados

Os associados que tiveram prejuízos de mais de 30% nas lavouras de trigo, e que ainda não encaminharam comunicação das perdas aos Departamentos Técnicos de suas unidades, deverão fazê-lo a fim de poder receber a indenização do PROAGRO (Programa de Garantia de Atividade Agro Pecuária).

Essa comunicação deverá ser feita antes do início da colheita, caso contrário o PROAGRO não indenizará as perdas.

As pastagens de milheto (ou capim italiano) tiveram problemas de germinação este ano. A culpa não foi da qualidade da semente mas sim das temperaturas do ar. O milheto exige temperaturas que variam dos 15°C aos 30°C durante seu crescimento, o que dificilmente aconteceu no período em que foi plantada a maioria da semente nesta região. De 25 de agosto a 28 de setembro, por exemplo, a temperatura máxima diária só foi maior que 25°C no dia 31 de agosto. As mínimas diárias somente ficaram acima de 15°C, que é o mínimo para o desenvolvimento do milheto, nos dias 25 e 31 de agosto e 13 de setembro. Isso leva a concluir que as temperaturas, excepcionalmente baixas, principalmente no mês de setembro, foram extremamente desfavoráveis à germinação e desenvolvimento do milheto.

A Associação dos Apicultores de Ijuí está organizando para os próximos dias 10 e 11 de novembro o 1º Seminário de Apicultores da Região. Durante o encontro serão analisados os principais problemas que envolvem a apicultura, como por exemplo o uso indiscriminado dos defensivos agrícolas.

Técnicos e produtores participarão dos debates e também especialistas no assunto estarão proferindo palestras. A participação é aberta a todos os interessados em criação de abelhas.

Um dos aspectos interessantes do seminário será a exposição e concurso de mel.

A época é oportuna para a vacinação contra o carbúnculo hemático (mancha). O gado bovino com idade superior a 6 meses deverá ser vacinado. O Departamento Técnico lembra que as vacas que estão nos dois últimos meses de gestação não deverão ser vacinadas.

Em Ijuí, o setor de Assistência Veterinária organizou o seguinte esquema de plantão para os fins de semana: sábado pela manhã - atendimento normal; sábado à tarde e domingo, quando houver necessidade, o associado deverá se dirigir ao portão da entrada principal, onde o guarda saberá localizar um dos veterinários. O atendimento de sábado à tarde e domingo será considerado como consulta particular.

Derrubadas tem mercado



Em Derrubadas, no interior de Tenente Portela, foi inaugurado o 25º mercado da Cotrijuí. Além de gêneros alimentícios, os associados da região encontram artigos de vestuário, ferragens e eletrodomésticos. Em pouco tempo, o fornecimento aos associados será ampliado, incluindo ainda a venda de sementes, adubos, ra-

ções e defensivos.

A instalação do posto se deve a uma reivindicação dos associados da localidade, que fica a 22 quilômetros da cidade. Ele ainda facilitará o acesso a estas mercadorias para os associados de 10 núcleos próximos à Derrubadas, que reúnem, no total, aproximadamente 1.000 associados dos 4.000 vin-

culados à unidade de Portela.

O posto não venderá apenas os artigos não produzidos pelos associados. Ele também receberá parte da produção de soja, milho, feijão, etc, dos agricultores que têm dificuldades em se locomover até a Unidade, não só pela distância, como também pelo alto custo do transporte contratado.

NEGÓCIOS DE OCASIÃO

VENDA DE IMPLEMENTOS USADOS

A IMASA está liquidando os seguintes implementos usados de sua fabricação, totalmente reformados, com garantia, a preços muito baixos:

- 6 - Grades ouro arraste c/24 discos de 18"
- 16 - Arados de discos fixo c/3 e 5 discos de 26"
- 3 - Arados Aivecas
- 1 - Arado pé de pato arrasto c/5 ferros mod. 68
- 3 - Plantadeiras para soja de 5 linhas c/cx. INOX
- 1 - Grade aradora c/20 discos de 24" discos lisos
- 1 - Grade aradora c/16 discos de 26" c/ transportador

Os interessados deverão procurar melhores informações no Departamento de Vendas da IMASA.



IMASA

INDÚSTRIA DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS FUCHS S.A.

VITÓRIA PARCIAL

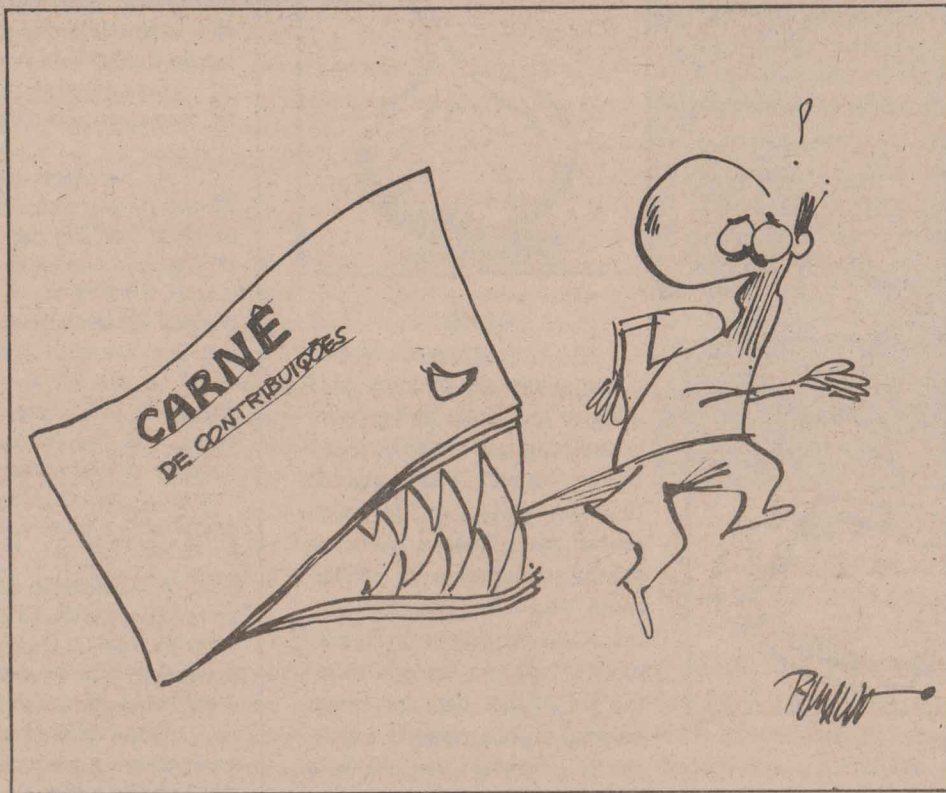
O módulo rural deixa de ser considerado para enquadrar o agricultor no sistema previdenciário, mas continua valendo ainda para o enquadramento sindical, definindo quem é empregador apenas pelo tamanho da propriedade.

Empregador é quem tem empregado. Se esta afirmação, que só pela expressão já é uma coisa óbvia, não está valendo para fins de enquadramento sindical, pelo menos já é aceita para o enquadramento previdenciário. Esta resolução é bem recente, desde que foi alterado, em setembro, o regulamento do Regime Previdenciário e Assistencial dos Empregadores Rurais e seus dependentes.

A lei simplesmente eliminou do texto, que até então estava vigorando, tudo que falasse a respeito de módulo rural. Só que esta mudança não altera em nada o enquadramento sindical, ainda vinculado ao módulo rural. O que ela faz é definir, apenas para fins de assistência e previdência social, quem é empregador rural. A lei diz:

— "a pessoa física, proprietária ou não, que, em estabelecimento rural ou prédio rústico e com o concurso de empregados utilizados a qualquer título, ainda que eventualmente, explore em caráter permanente, diretamente ou através de prepostos, atividade agroeconômica, assim entendida a atividade agrícola, pastoreio, hortigranjeira ou industrial rural, bem como a extração de produtos primários, vegetais ou animais".

E não diz mais nada, como acontecia anteriormente.



A alteração é unicamente previdenciária, o que se não é muito pelo menos já é alguma coisa. Representa, antes de tudo, uma vitória, mesmo que parcial, dos agricultores que vinham se movimentando, através dos Sindicatos de Trabalhadores Rurais para alterar as definições do enquadramento, tanto sindical como previdenciário (veja na matéria abaixo). A desvinculação do módulo para definir quem é empregador e trabalhador na hora de receber a assistência e previdência social, foi pedida inclusive pessoalmente ao ministro desta área, Jair Soares, quando ele esteve em Ijuí, há poucos meses. A vitória maior, porém, está no trabalho que aconteceu no interior. Conta o Carlos Karlinski, presidente do STR de Ijuí:

— Houve uma grande movimentação na base no início do ano, quando inclusive foram feitos abaixo assinados onde se pedia a desvinculação do módulo para o enquadramento sindical. Esta era a

reivindicação mais importante, mas não a única. O que se pedia também era a extinção da circular 113, que tornava o filho maior de 18 anos empregado do pai.

Não está bem claro na lei que altera o enquadramento previdenciário, mas dá perfeitamente para concluir que a 113 caiu de vez, pois nem se toca no assunto na nova regulamentação. Ali está bem dito que empregador é quem trabalha com empregado, sem falar nada de filho maior de 18 anos, módulo e assim por diante:

— Se passasse a vigorar esta circular, se correria um grande perigo: os agricultores não teriam condições de recolher, além dos 2,5 por cento sobre a produção bruta para o Funrural, ainda a contribuição exigida dos empregadores. Isso sem contar os problemas que poderiam acontecer na família, com os filhos brigando com os pais, que passariam a ser seus patrões.

O perigo da 113, então, parece que

passou. E outra coisa ainda ficou resolvida: a questão da contribuição através de carnês do Funrural. É que o empregador rural paga duas vezes. Primeiro os 2,5 por cento sobre tudo o que vende durante o ano, que é o que assegura a previdência e assistência aos seus empregados. Depois ainda uma contribuição calculada em 10 por cento sobre 1/12 da produção que comercializou, que garante a assistência para si e para sua família. Deveria garantir, pelo menos. Então obrigar os agricultores que trabalham em regime de economia familiar a recolher duas vezes não pode realmente estar certo.

O estranho, porém, é que as contribuições não recolhidas desde que foi criado o carnê, isto por uma lei de 1975, continuam sendo consideradas como uma dívida, mesmo para quem deixou de ser empregador. É confusão até não acabar mais. Apesar da mudança da lei aqueles que não pagaram seu carnê como empregadores, terão que saldar esta "dívida" até 31 de dezembro deste ano. Quem não pagar, fica excluído do sistema previdenciário a assistencial. O Governo exige que as contribuições atrasadas sejam pagas, mesmo que este pessoal nunca tenha sido beneficiado pela lei e muito menos vai ser beneficiado agora, porque deixou de ser empregador rural aos olhos da Previdência.

Por que cobrar uma contribuição que dá direito à previdência se ela na verdade lhe é negada? Se os agricultores perdem os direitos como empregadores, como devem ter a obrigação de pagar como se fossem? Quem pergunta isto é o Carlinhos, que está esperando uma regulamentação mais específica desta lei, pois ela própria prevê que as dúvidas na execução deste regulamento serão explicadas pelo Ministério da Previdência e Assistência Social. E fica outra pergunta no ar: por que se desvinculou o módulo apenas do enquadramento previdenciário e não também do sindical?

Uma luta antiga

No início do ano aconteceu uma grande movimentação por este interior do Rio Grande, reunindo os agricultores em torno de uma discussão que se mostrava vital para a própria união e sobrevivência dos pequenos agricultores: o enquadramento sindical e a circular 113, chamada também da lei do "pai patrão". Encontros e mais encontros se sucederam nos núcleos de base dos sindicatos de trabalhadores rurais, numa manifestação de protesto dos agricultores contra as decisões que envolviam sua categoria e por ela eram consideradas prejudiciais. Abaixo assinados passaram de mão em mão, pedindo principalmente a desvinculação do módulo rural para fins de enquadramento sindical e a revogação da circular 113, que tornava todo proprietário de área igual ou superior ao módulo rural empregador do próprio filho maior de 18 anos.

A questão do módulo é uma luta

antiga dos sindicatos. Pela lei, todo agricultor, proprietário ou não, que explore economicamente uma área igual ou superior a um módulo (25 hectares nas regiões onde as culturas temporárias, como trigo e soja, são predominantes) é considerado empregador rural, mesmo que trabalhe apenas em regime de economia familiar.

Esta é uma decisão muito estranha da lei, pois o Brasil concordou e assinou uma resolução da Organização Internacional do Trabalho que considera não como empregador, mas sim como trabalhador rural, todo produtor — independentemente da área por ele cultivada ou de sua propriedade — que conte somente com a ajuda da família para cultivar a terra, mesmo que, eventualmente, precise contratar empregados para auxiliá-lo. Por isto se diz que é estranho o sistema adotado no Brasil para o enquadramento sindical. Enquanto se concorda com uma decisão to-

mada em conjunto com vários outros países, se faz uma coisa diferente aqui dentro do Brasil.

Isso sem contar que o módulo muda de região para região. Nos casos onde a produção agrícola é, por exemplo, principalmente de hortigranjeiros, o módulo é de apenas 4 hectares.

O enquadramento sindical, tal como existe no Brasil, provoca uma série de confusões. Uma delas, é a questão da contribuição sindical, que é um valor descontado de todo produtor, automaticamente, no talão do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária). Existindo a figura do módulo a contribuição de todo produtor, proprietário ou não, de 25 hectares ou mais (no caso da exploração de culturas temporárias) é dirigida à Farsul (Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul). Esta entidade

não tem qualquer vinculação com pequenos produtores, que é como pode ser considerado o agricultor que trabalha com a família, sem ter empregados permanentes.

Sua entidade seria a Fetag (Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul). E existem vários casos de associados aos Sindicatos de Trabalhadores Rurais, que são proprietários de um módulo ou mais. Eles são associados de um órgão que reúne a categoria na qual se sentem mais identificados, mas sua contribuição vai para outro lugar, o que, naturalmente, enfraquece a entidade a qual estão vinculados.

Por estas razões é que nos encontramos que resultaram nos abaixo assinados, surgiram várias perguntas para os agricultores encontrarem a sua resposta como, por exemplo: qual o interesse, e de quem, em vincular o módulo ao enquadramento sindical? É algo que faz pensar.



SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI

Estatutos do homem

Artigo 1 – Fica decretado que agora vale a verdade, que agora vale a vida e que de mãos dadas trabalharemos todos pela vida verdadeira.

Artigo 2 – Fica decretado que todos os dias da semana, inclusive as terças-feiras mais cinzentas, têm direito a converter-se em manhãs de domingo.

Artigo 3 – Fica decretado que, a partir deste instante, haverá girassóis em todas as janelas, que os girassóis terão direito a abrir-se dentro da sombra; e que as janelas devem permanecer, o dia inteiro, abertas para o verde onde cresce a esperança.

Artigo 4 – Fica decretado que o homem não precisará nunca mais duvidar do homem. Que o homem confiará no homem, como a palmeira confia no vento, como o vento confia no ar, como o ar confia no campo azul do céu.

§ O homem confiará no homem como um menino confia em outro menino.

Artigo 5 – Fica decretado que os homens estão livres do jugo da mentira. Nunca mais será preciso usar a couraça do silêncio nem a armadura de palavras. O homem se sentará à mesa. Com seu olhar limpo porque a verdade passará a ser servida antes da sobremesa.

Artigo 6 – Fica estabelecida, durante dez séculos, a prática sonhada pelo profeta Isaías, e o lobo e o cordeiro pastarão juntos e a comida de ambos terá o mesmo gosto de outrora.

Artigo 7 – Por decreto irrevogável fica

estabelecido o reinado permanente da justiça e da caridade, e a alegria será uma bandeira generosa para sempre desfraldada na alma do povo.

Artigo 8 – Fica decretado que a maior dor sempre foi e será sempre não poder dar-se amor a quem se ama e saber que é a água que dá à planta o milagre da flor

Artigo 9 – Fica permitido que o pão de cada dia tenha no homem o sinal de seu amor. Mas que sobretudo tenha sempre o quente sabor da ternura.

Artigo 10 – Fica permitido a qualquer pessoa, a qualquer hora da vida, o uso do traje branco.

Artigo 11 – Fica decretado, por definição, que o homem é um animal que ama e por isso é belo, muito mais belo que a estrela da manhã.

Artigo 12 – Decreta-se que nada será obrigado nem proibido. Tudo será permitido, inclusive brincar com os rinocerontes e caminhar pelas tardes com uma imensa begônia na lapela.

§ Só uma coisa é proibida: amar sem amor

Artigo 13 – Fica decretado que o dinheiro não poderá mais comprar o sol das manhãs vindouras. Expulso do grande baú do medo, o dinheiro se transformará em uma espada fraternal para defender o direito de cantar e a festa do dia que chegou.

Artigo Final – Fica proibido o uso da palavra liberdade a qual será suprimida dos dicionários e do pântano enganoso das bocas. A partir deste instante a liberdade será algo vivo e transparente como um fogo ou um rio, ou como a semente do trigo, e a sua morada será sempre o coração do homem.

THIAGO DE MELO.

"RINCÃO DOS CORREA E SUA HISTÓRIA", foi o artigo que recebemos, o qual está assinado por BELONI PRATES, no momento em que o COTRISOL, já estava praticamente pronto, faltando só uns retoques finais. Prometemos que no próximo mês, o artigo, sairá.

Falando nisto, estamos um pouco preocupados com a pouca contribuição que estamos recebendo. Vocês não estão gostando do COTRISOL, assim como ele está sendo feito? O que deveria mudar? Ajudem-nos, para que o COTRISOL, realmente consiga ser aquilo que quer ser: Um jornal todinho para vocês, que fale de, e, com vocês.

OUTUBRO—MÊS DEDICADO À CRIANÇA

Ultimamente ouve-se muito falar no ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA. Neste ano, todos resolveram homenagear a criança. O que lamentamos é que muitos, só agora, incentivados por essa campanha se preocupam em promover e homenagear a infância.

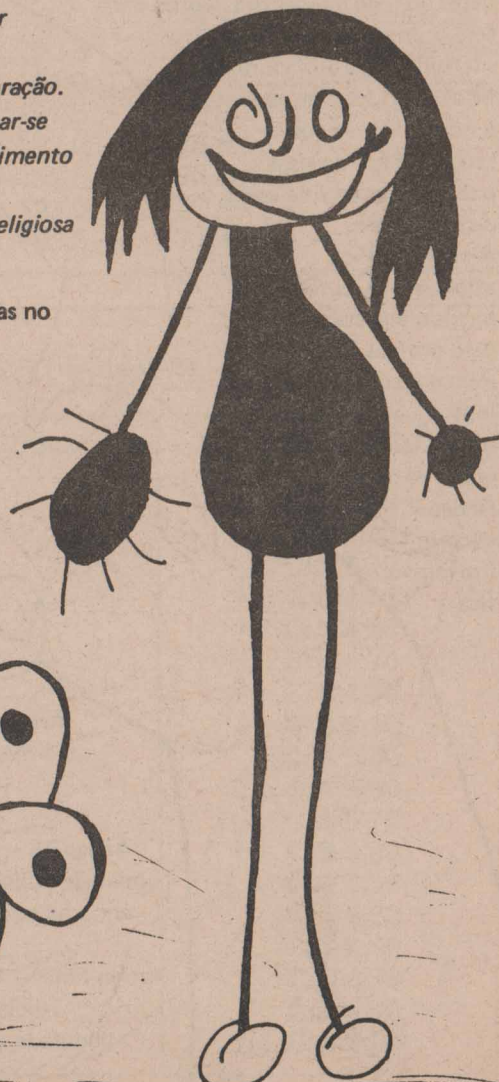
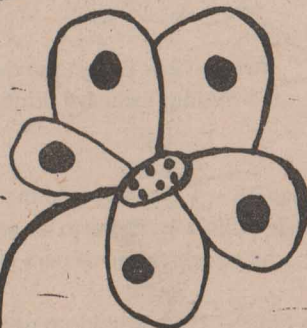
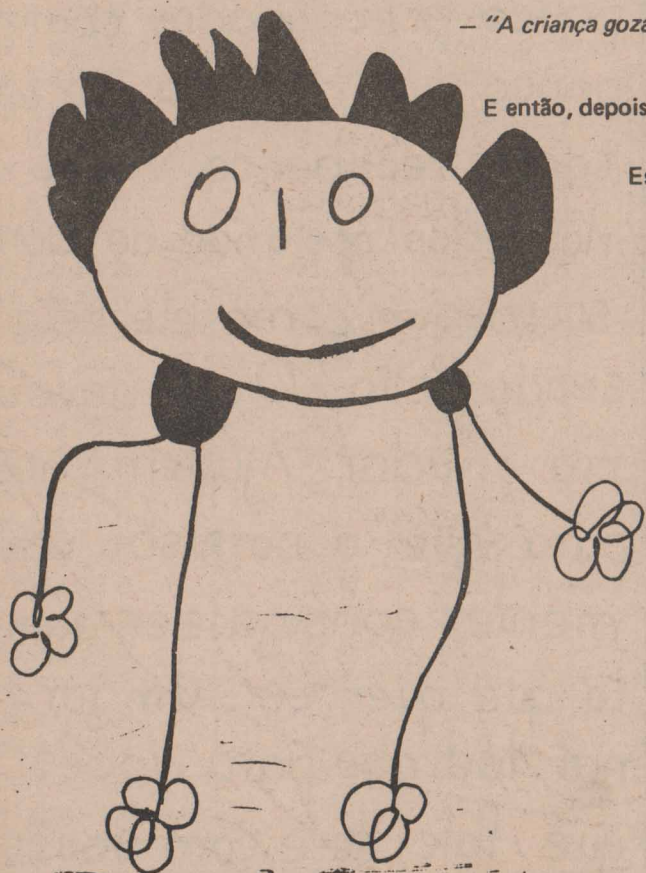
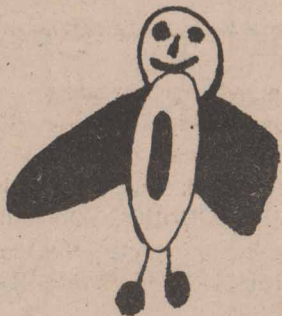
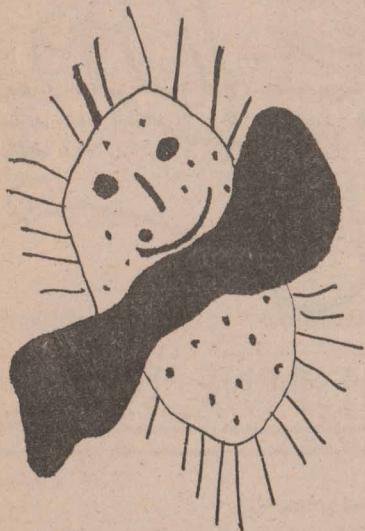
Bem poucos sabem que existe uma "Declaração dos Direitos da Criança" e destes, só uma minoria se preocupa com isso.

Vocês sabiam disso? Pois é: no dia 20 de novembro de 1959 (20 anos!) foi proclamada pela Assembléia das Nações Unidas uma declaração dos Direitos, a fim de que a criança tenha uma infância feliz e possa gozar seus direitos em seu benefício e no da sociedade em que vive. Que lhe seja dado viver na dignidade e no valor do ser humano, com condições de vida dentro de uma liberdade mais ampla.

Agora colocaremos para vocês alguns dos itens que aparecem na Declaração. Então, vocês poderão ler, discutir, analisar junto com colegas, professores, pais, se isto está realmente acontecendo, se a Declaração está sendo observada pelas autoridades:

- "Toda criança, sem distinção de cor, raça, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, gozará dos direitos enunciados na Declaração;"
- "A criança gozará proteção especial e ser-lhe-ão proporcionadas oportunidades e facilidades, por lei e por outros meios, a fim de lhe facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social de forma sadia e em condições de liberdade e dignidade. . ."
- "Desde o nascimento, toda criança terá direito a um nome e a uma nacionalidade".
- "A criança gozará os benefícios da previdência social. Terá direito a crescer, criar-se com saúde e, tanto à criança quanto à mãe, será proporcionada proteção especial(. . .) A criança terá direito à alimentação, habitação, recreação e assistência médica adequados".
- "A criança incapacitada física ou mentalmente, receberá tratamento e educação especiais, conforme seu problema".
- "A criança para crescer tranqüila e feliz, precisa de amor e compreensão. A criança, sempre que possível, deve ser criada sob os cuidados e a responsabilidade dos pais e sempre num ambiente de afeto e segurança moral e material. Só em momentos muito excepcionais é que a criança pequena será separada da mãe. A sociedade e as autoridades têm a obrigação de propiciar cuidados especiais às crianças sem família e àquelas que não têm meios de subsistência".
- "A criança terá direito a receber educação, que será gratuita e obrigatória pelo menos no primeiro grau".
- "Será proporcionada uma educação capaz de promover uma cultura geral, capacitando-a em condições de iguais oportunidades de desenvolver as suas aptidões, sua capacidade de dar opiniões seu senso de responsabilidade (. . .) A criança terá ampla oportunidade para brincar e divertir-se, visando aos propósitos mesmos de sua educação; a sociedade e as autoridades públicas empenhar-se-ão em promover o gozo deste direito".
- "A criança figurará, em quaisquer circunstâncias, entre os primeiros a receber proteção e socorro".
- "A criança será protegida contra qualquer forma de negligência, crueldade e exploração. Não lhe é permitido trabalhar, antes de uma idade mínima conveniente, nem ocupar-se em algo que lhe prejudique a saúde ou a educação, ou que interfira em seu desenvolvimento físico, mental ou moral".
- "A criança gozará proteção contra atos que possam suscitar discriminação racial, religiosa ou de qualquer outra natureza (. . .)".

E então, depois dessa leitura, qual sua opinião? Será que realmente todas as crianças no mundo todo, estão usando desses direitos?
Escreva para o Cotrisol, dizendo o que você pensa a respeito.



ANINHA E JOÃO

A mãe de Aninha disse:

— Meninas não sobem em árvores! Não é nada bonito!

João subiu na mangueira.

A mãe exclamou:

— Que menino corajoso!

A mãe ensinou para Aninha:

— Menina boazinha deixa o que é seu arrumado!

Depois que voltou do colégio, João fez os deveres, deixou os livros e cadernos espalhados em cima da mesa e foi brincar.

A mãe riu:

— Igualzinho ao pai!

E pediu para Aninha:

— Minha filha, arrume as coisas do seu irmão, por favor.

Aninha foi brincar na rua depois do colégio.

Esqueceu da hora, com brinquedo tão bom e chegou tarde em casa.

A mãe brigou:

— Menina não anda no escuro sozinha! Que absurdo!

João também se atrasou.

Quando entrou em casa, a lua apontava no céu.

O pai disse para as visitas:

— João já é um homenzinho! Não tem mais medo do escuro!

Todos ficaram contentes.

A mãe pediu para João ir na esquina, buscar laranjas.

Ele perguntou:

— Aninha pode ajudar? São muitas laranjas e se nós dois carregarmos, vão ficar mais leves.

A mãe brincou:

— Que é isso João? Será que você não tem força para trazer as laranjas sem a ajuda de uma menina?

João foi e trouxe as frutas, mas ficou com os braços doendo de tanto peso que carregou sozinho.

A professora perguntou:

— O que você quer ser quando crescer, Aninha?

Ela respondeu animada:

— Comandante de navio!

A professora balançou a cabeça:

— Isso não é profissão para meninas!

João levantou o dedo:

— Eu também quero ser comandante de navio!

A professora aplaudiu:

— Muito bem, João, esta é uma profissão muito bonita!

Aninha foi brincar de boneca no quintal.

Chamou João para ser o pai da boneca.

A mãe viu e explicou:

— Ora, João, um homenzinho como você, brincando de casinha! Vá fazer uma coisa importante!

E entrou para cuidar da casa.

Na volta do colégio, Aninha e João vinham correndo.

Tropeçaram numas ripas que estavam jogadas no meio da calçada.

Aninha esfolou o joelho e João, o braço.

Chegaram em casa chorando.

A mãe botou Aninha no colo e falou:

— Coitadinha da minha filhinha!

Vai passar já, já, viu?

A mãe foi buscar curativos.

Tratando do braço de João e do joelho de Aninha, ia dizendo:

— Que é isso, João? Chorando à toa? Homem que é homem não chora por uma bobagem dessas!

Não foi nada, já passou!

A mãe chamou da cozinha:

— Pare um pouco de pular corda, Aninha, e venha me ajudar a fazer o arroz!

João veio também e quis fazer os bifes.

A mãe aconselhou:

— Aproveite o sábado, meu filho! Vá brincar!

Aninha ficou zangada:

— Que coisa mais enjoada é ser menina!

Vestiu o paletó do pai, botou gravata e avisou:

— Pronto! Agora sou um menino e meu nome é Seu Mário!

A mãe botou a boca no mundo:

— Que maluquice é essa menina?

Aninha estava firme:

— Não quero mais ser menina! Meu nome é Seu Mário!

O pai chegou em casa com o jornal embaixo do braço.

Viu Aninha e riu demais:

— Que é isso, minha filha?

Aninha explicou:

— Não quero mais ser menina! Meninas não podem fazer nada, só chorar! Não é divertido!

— O que você quer fazer? — interessou-se o pai.

Aninha respondeu:

— Quero subir em árvores, não ter medo do escuro. Não quero ficar andando atrás do João, arrumando as coisas que ele espalha. E quero ser comandante de navio quando crescer!

O pai pensou, pensou e perguntou:

— Você sabe fazer essas coisas?

Aninha respondeu:

— Comandante de navio, não sei se sei. Mas sei subir em árvores, sei andar no escuro sem medo. Sei ajudar o João a carregar as compras e o João pode arrumar suas coisas. O pai chamou a mãe, conversaram de cochicho e depois disseram para Aninha:

— Pois vamos experimentar.

Aninha correu para subir na mangueira.

O pai preocupou-se:

— E se você cair, minha filha?

Aninha já estava lá no alto, quando respondeu:

— O João também pode cair e ele sobe!

— E se o bicho-papão pegar você no escuro? — perguntou a mãe, meio rindo, meio séria.

Aninha respondeu:

— Ele pode pegar o João também!

No feriado, João arrumou suas coisas e fez os bifes.

Aninha arrumou suas coisas e fez o arroz.

Os dois pularam corda e jogaram bola.

Aninha deu um banho na boneca.

João arrumou a caminhoa para ela.

Aninha tirou a gravata do pai, o paletó e guardou-os no armário.

No dia seguinte, João e Aninha vestiram os uniformes e foram para o colégio.

João disse para todo mundo ouvir na classe:

— Eu e Aninha vamos ser comandantes de navio quando formos grandes. Quando o meu navio passar pelo dela, vamos tocar as sirenes para dizer bom-dia. Assim: UUUU UUUOOOOOMMMMM!!!! UUUOOOOOMMMMM!!!! Todos os meninos e meninas gritaram: — Nós também! UU UOOOOOMMMMM!!! UUUOOOOOMMMMM!!!! OOOOOO UUUUUMMMMM!!!!

O pai arrumou suas coisas antes de ir para o trabalho.

A mãe teve tempo de ler um livro engraçado.

No jantar, ela trouxe para a mesa uma sobremesa enfeitada.

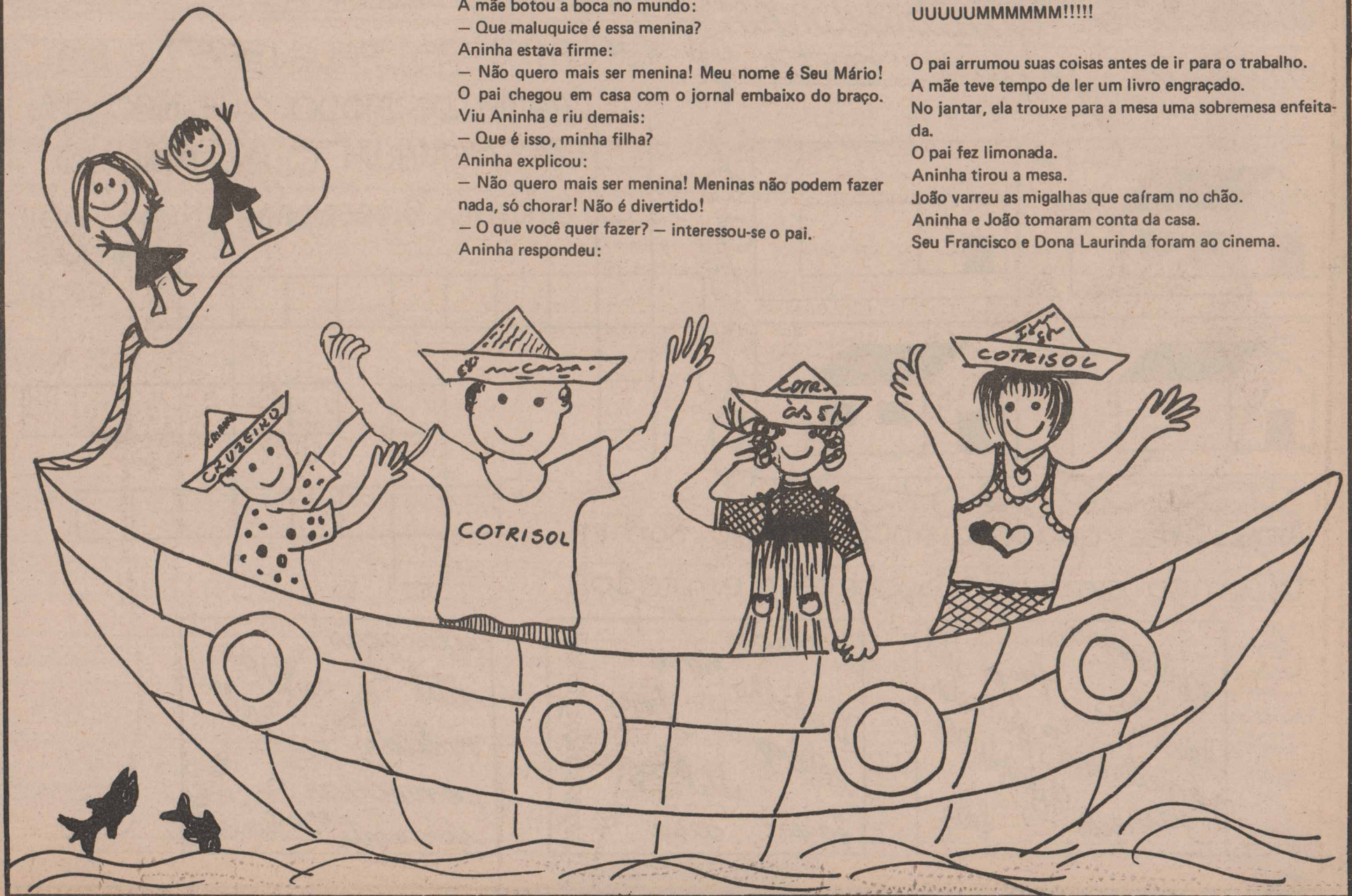
O pai fez limonada.

Aninha tirou a mesa.

João varreu as migalhas que caíram no chão.

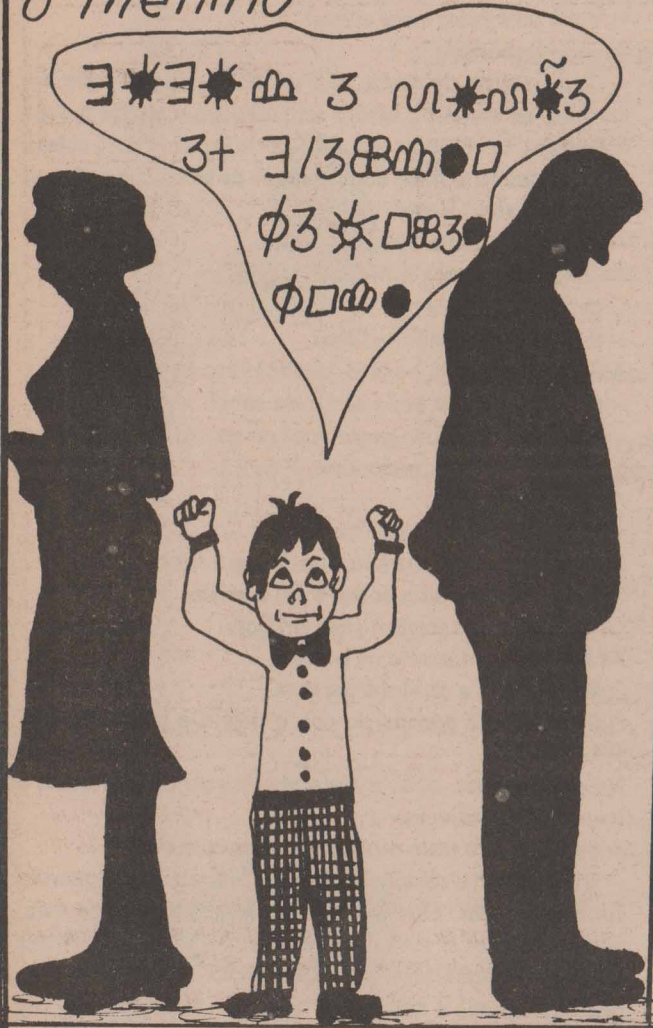
Aninha e João tomaram conta da casa.

Seu Francisco e Dona Laurinda foram ao cinema.



PASSATEMPO PASSATEMPO PASSATEMPO

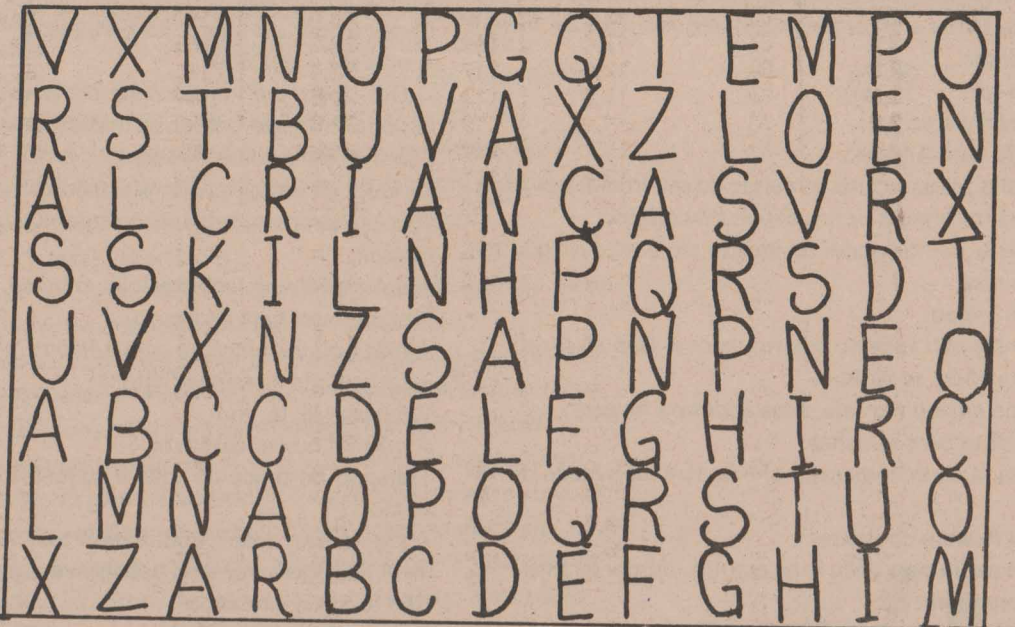
Decifra o código para saber o que diz o menino



- A - *
- E - 3
- I - m
- O - □
- U - +
- C - B
- D - φ
- M - n
- P - E
- R - /
- S - ●
- V - ☼
- B - ○
- L - 0
- T - S
- X - ↗

CAÇA PALAVRAS

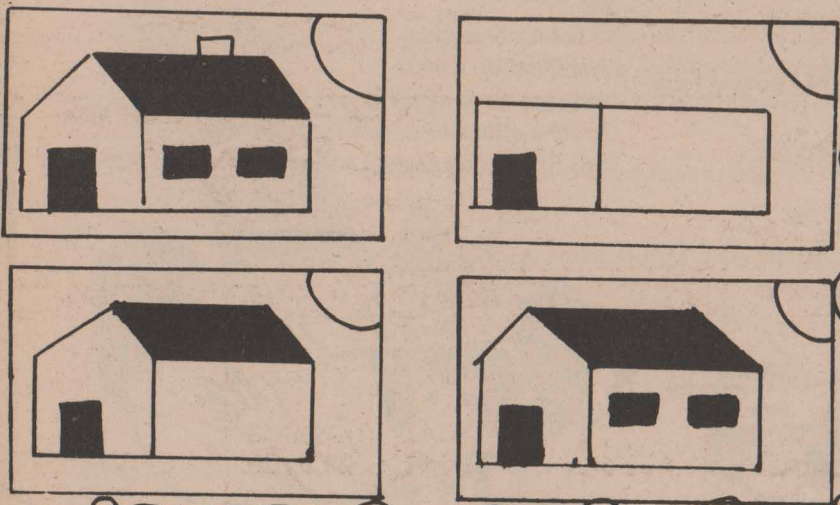
"BRINCAR COM AS CRIANÇAS, NÃO É PERDER TEMPO, É GANHÁ-LO" (Helena Antipoff)



QUEM O FAZ, O CONSTRÓI PARA VENDER, QUEM O COMPRA, NÃO O USA, QUEM O USA NÃO O VÊ. O QUE É?

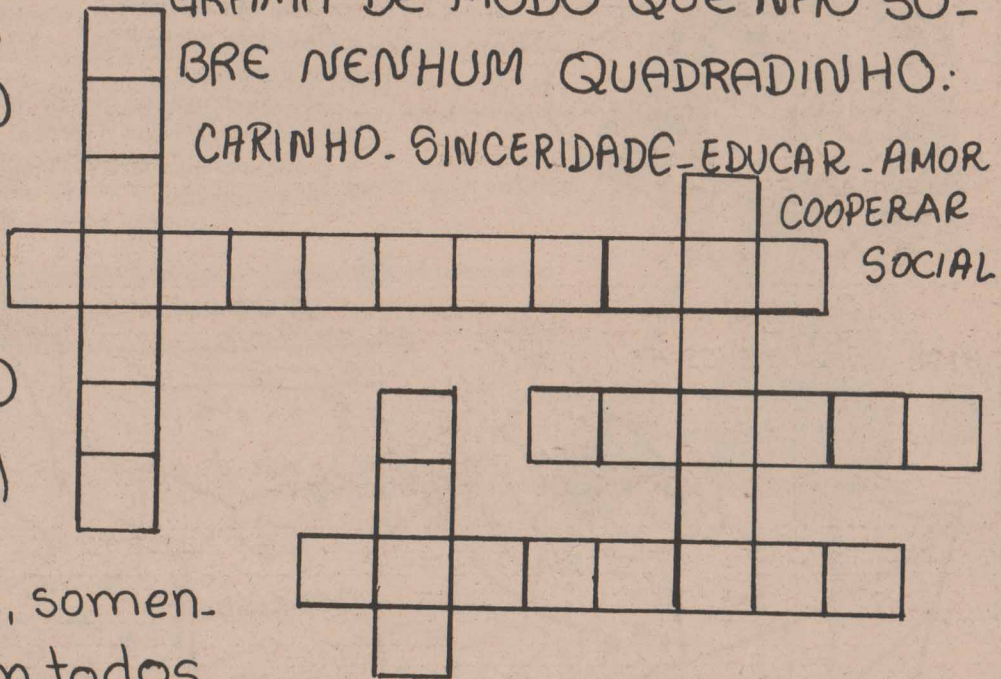
Quem vai de Ijuí a Augusto Pestana sem se mover?

Numera os quadradinhos em sua ordem certa



ENCAIXE AS PALAVRAS NO DIAGRAMA DE MODO QUE NÃO SOBRE NENHUM QUADRADINHO:

CARINHO. SINCERIDADE. EDUCAR. AMOR. COOPERAR SOCIAL



Nos três quadradinhos abaixo, somente cinco palavras aparecem em todos.

oportunidades
fazer útil
livre ensino virtudes
consciência disciplina
respeito feliz

virtudes
trabalho novo
inteligente dever
fazer casa útil
oportunidades
consciência

educação
útil estudo
virtudes fazer
conversar consciência
somente oportunidade